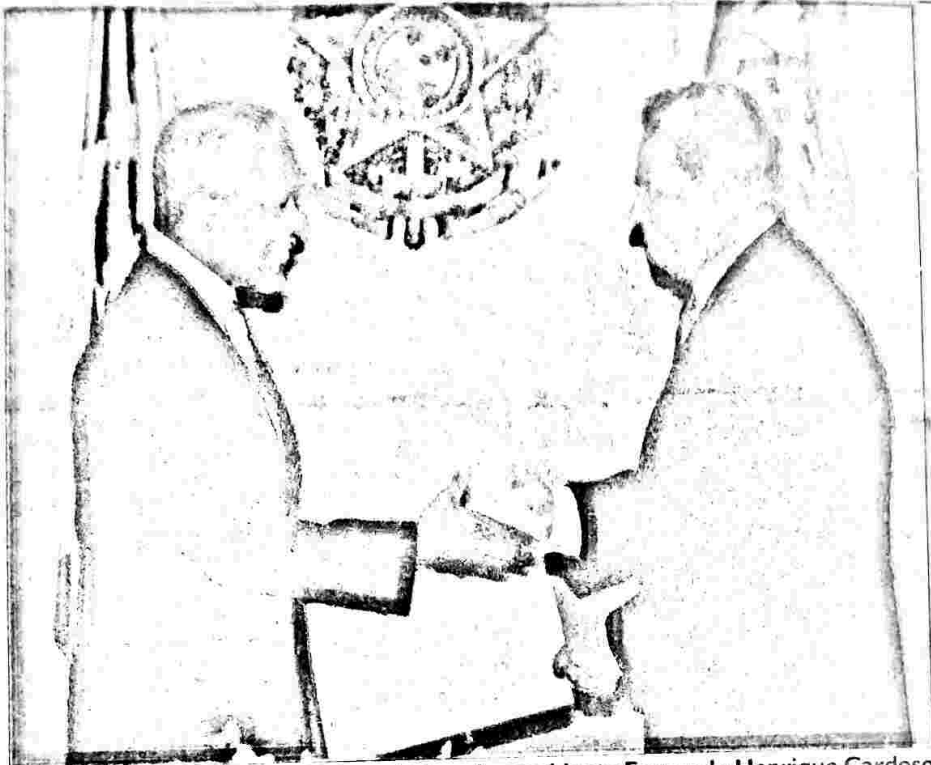




Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo DIÁRIO DO PARÁ - BELÉM
Data: 14.07.98
Seção: ...

Página CATA

RECORTES
Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713



O secretário-geral da ONU foi recebido pelo presidente Fernando Henrique Cardoso

NO BRASIL

Secretário da ONU critica banda podre

- O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, que teve encontro com o presidente Fernando Henrique Cardoso, ressaltou os avanços desde o Plano Real, mas destacou os pontos negativos, como as desigualdades sociais. **(B-3)**

4 Brasília, terça-feira, 14 de julho de 1998

Ao elogiar estabilidade alcançada com o Plano Real, o secretário-geral da ONU critica desigualdade no Brasil

ANNAN PEDE JUSTIÇA SOCIAL

Marcos Savini
Da equipe do Correio

com senso de *fair play* ("espírito esportivo"), do princípio ao fim".

HORA DE MUDANÇA NO CONSELHO DE SEGURANÇA

Depois do almoço, em entrevista à imprensa, Annan declarou que não via "nenhuma relação direta" entre a ratificação brasileira dos tratados e uma futura candidatura do Brasil a um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU. "Essa é apenas uma prova a mais do papel de liderança que o Brasil tem no cenário internacional", ponderou.

Apesar da insistência dos jornalistas, Kofi Annan apenas repetiu sua conhecida posição sobre a reforma do Conselho de Segurança da ONU. afirmou ser "difícil precisar" quanto tempo levará para as reformas serem realizadas e lembrou que a nova divisão dos assentos no Conselho de Segurança será decidida pelos "185 países que compõem a Assembleia-Geral", eximindo-se de dar apoio a qualquer candidatura.

Annan apenas reafirmou sua conhecida posição de que as reformas deixariam a ONU mais representativa e democrática: "Há um consenso de que a atual configuração do Conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje. Ele deve estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nossos dias", discursou.

Improvizando após a palestra de Kofi Annan no Itamaraty, Fernando Henrique Cardoso assinou em baixo das palavras de Annan: "É chegada a hora de modificar as Nações Unidas e rever as posições do Conselho de Segurança", declarou, lembrando logo em seguida a participação do Brasil nas operações de paz da ONU em Angola e Moçambique e o empenho do governo brasileiro na defesa da autodeterminação do Timor Leste.

O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, fez uma série de elogios ao Brasil e ao governo de Fernando Henrique Cardoso, mas cobrou maior justiça social no país. Ele concluiu hoje, em São Paulo, uma visita de quatro dias ao Brasil, e segue viagem para a Argentina, Uruguai, México e Guatemala.

"O Brasil deu um salto extraordinário desde a introdução do Plano Real", elogiou Kofi Annan em seu discurso de ontem no Palácio do Itamaraty. "Vocês atingiram estabilidade e reduziram drasticamente sua taxa de inflação", reforçou.

Por outro lado, o secretário-geral da ONU lembrou que "desigualdades dolorosas permanecem", comparando as favelas do Rio de Janeiro e a região Nordeste "às partes mais pobres da África".

Annan usou imagens para criticar as desigualdades sociais brasileiras: "Os meninos de rua não sabem nada sobre os arranha-céus reluzentes, onde enormes fortunas são geradas todos os dias".

A resposta de Fernando Henrique Cardoso veio mais tarde, no brinde do almoço, quando o presidente fez questão de lembrar que seu governo está empenhado "na correção das graves injustiças sociais herdadas do passado".

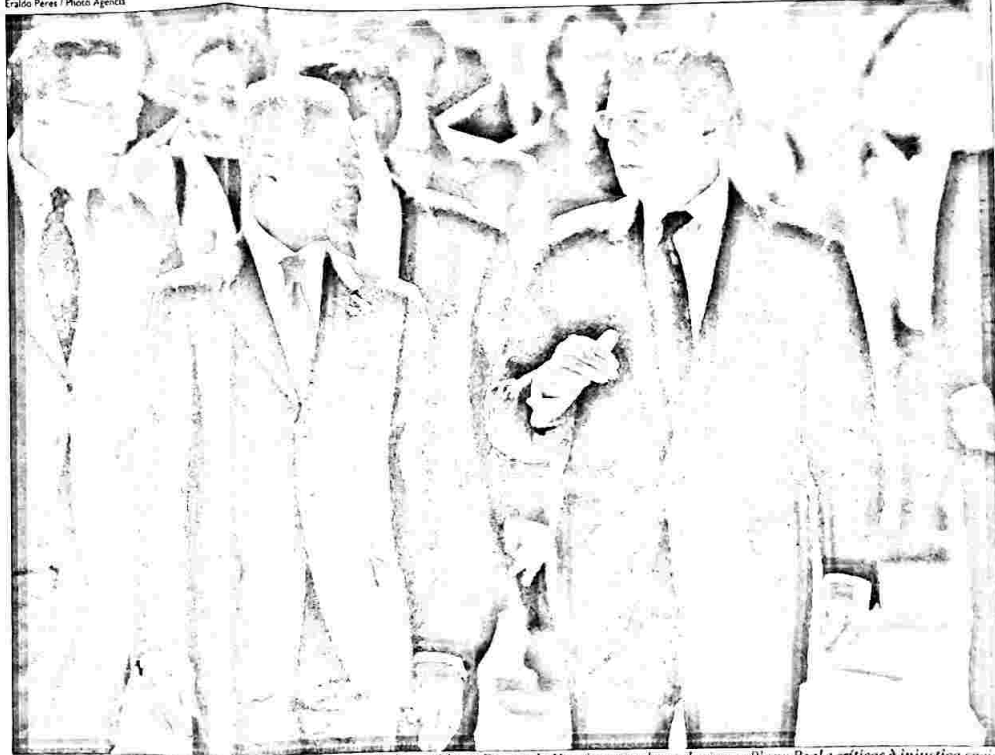
"O BRASIL DÁ UM PRESENTE PARA O MUNDO"

Pela manhã, no Palácio do Planalto, Kofi Annan assistiu ao presidente Fernando Henrique Cardoso assinar a ratificação do Tratado de Não-Proliferação (TNP) de armas nucleares e a adesão brasileira ao Tratado de Proibição Total de Testes Nucleares (TPTN).

O TNP, em vigor desde 1970, tem o objetivo de controlar a dissemina-

A PAZ EM CHIAPAS

Eráldo Peres / Photo Agencia



O secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, ao lado do presidente Fernando Henrique Cardoso: elogios ao Plano Real e críticas à injustiça social

ARTIGO

ESTAMOS TODOS EM CHIAPAS

José Saramago

Cada manhã, quando acordamos, podemos nos perguntar que nos o horror nos espe-

sempre foi, tão imutável ao longo do tempo, das gotações e dos usos políticos.

índios se organizaram para combater e negociar. Em torno do subcomandante Marcos,

...e as tecnologias nucleares para uso militar. O TPTN, de 1986, proíbe seus integrantes de realizar explosões atômicas — na atmosfera, no subsolo ou no fundo do mar.

O Brasil é o décimo-quinto país a ratificar o TPTN. Afirmando que o governo brasileiro está dando um "presente para o mundo", Kofi Annan elogiou a assinatura — que foi recebida ontem pelo presidente norte-americano Bill Clinton como uma "medida histórica" que "dá novo impulso para o desarmamento no mundo" e que "torna ainda mais importante que os Estados Unidos façam o mesmo".

Em discurso após a cerimônia de assinaturas, Fernando Henrique afirmou que o Brasil não quer a bomba atômica. "É uma opção nefasta", disse o presidente. "Preferimos gastar dinheiro no trabalho contra a pobreza e no desenvolvimento social do que com armas nucleares", acrescentou.

Apesar de elogiar a medida durante sua palestra no Itamaraty, Annan comentou que, ao se abster de "cometer a uma vaga na clube nuclear", o Brasil e outros países da região sul-americana teriam entendido "que a guerra não traz uma economia sólida ao país".

Kofi Annan interpretou a atitude brasileira como expressão da "cultura da paz duradoura" do Brasil. Para falar das inclinações pacíficas do país, citou até mesmo a Copa do Mundo da França: "Vocês não apenas elevaram o futebol a um estado de beleza — vocês o fizeram

E NA GUINÉ-BISSAU

Na entrevista à imprensa, Kofi Annan revelou que em sua conversa pela manhã, a portas fechadas, com Fernando Henrique Cardoso no Palácio do Planalto, um dos assuntos tratados foi a guerra civil na Guiné-Bissau. O secretário-geral da ONU defende "duas frentes" de solução para o conflito.

A primeira seria a mediação política para obter um cessar-fogo entre os rebeldes militares liderados pelo general Ansumane Mané e as tropas senegalesas que apóiam o presidente João Bernardo Vieira. Mas Annan não chegou a mencionar o esforço do governo português e da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) em negociar com os dois lados.

A outra frente, segundo o ganhador do Nobel da Paz, seria apoiar as decisões da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (Cedeao), que há dez dias reuniu-se em Abidjan (Costa do Marfim) para aprovar o envio de tropas para a Guiné-Bissau em defesa do governo de João Bernardo Vieira.

Sobre o conflito entre o governo mexicano e o movimento zapatista pela autonomia de Chiapas, Kofi Annan desmentiu que estaria indo ao México para servir de mediador. "Fizemos uma tempestade em copo d'água com uma declaração minha. O secretário-geral não se envolve em nenhum conflito sem um pedido formal."

...há, há um mundo que esse, para você, é apenas vítima paciente, mas sim, nossos semelhantes, os homens. E cada dia nosso temor se vê concretizado, porque o ser humano, que inventou as leis para organizar a vida, inventou também, no mesmo instante ou até mesmo antes, a perversidade para inventar essas leis em benefício próprio e, principalmente, contra o outro. O homem, meu semelhante, nosso semelhante, patenteou a crueldade como fórmula de uso exclusivo no planeta e da perversão da crueldade organizou uma filosofia, um pensamento, uma ideologia, enfim, um sistema de dominação e controle que levou o mundo a essa situação deventia em que se encontra hoje.

Que sirva esse longo preâmbulo para explicar o estado de espírito com que recebi a terrível notícia do massacre de Acteal. Nos dizem "quarenta e cinco mortos em Chiapas" como antes se havia falado em "insurgência em Chiapas" e aceitamos o enunciado como se fosse uma maçã, uma mais que temos de acrescentar à de ontem e à de amanhã, uma conta a mais no rosário de crimes do homem contra o homem. No entanto, na manhã em que o massacre foi publicado de Acteal minha casa parou. Disse-me: Temos de compreender. Devemos compartilhar. E fomos ao México, a Chiapas, ao centro da dor e ao coração do nosso passado, ao único local onde o conhecimento poderia ocorrer. Fomos a Chiapas e nos vimos refletidos nos olhos dos índios sobreviventes das massacres da história, nos olhos negros das crianças mutiladas, na paciência incompreensível dos anciões que nos observavam, talvez eles também querendo compreender. Vendo os índios chiapanecos descobrimos novos rostos da lógica do poder, tal qual

...ESTO PASSOU EM CHIAPAS. FIMOS VÍTIMAS DOS índios, os acampamentos dos desterrados, os assentamentos provisórios e os considerados definitivos. Conhecemos suas propostas para o futuro, que para eles será sempre imperfeito, e estão refletidas nos Acordos de San Andrés que o governo assinou e que agora não quer cumprir, e conhecemos Rosário Castellanos, a escritora que apesar de ter morrido há 24 anos continua sendo a embaixadora de Chiapas, pois em seus romances soube contar as vicissitudes dos índios e os atropelos dos brancos. Vimos o exército mexicano com uniformes de campanha e equipado para iniciar uma guerra. Vimos os cooperadores internacionais assistindo as crianças subnutridas e as mulheres jovens que perderam seus dentes e o corpo que se lhes rachou como o barro seco que sustenta suas pobres casas. Vimos a pobreza, a humilhação, a dor, mas também vimos a dignidade nas palavras do guerrilheiro que nos dizia os motivos que o levaram a se rebelar e atender ao chamado do Exército Zapatista de Libertação Nacional, o último e talvez único recurso para frear o lento genocídio que os índios do México e do restante da América vêm sofrendo.

Porque os índios de Chiapas não são os únicos humilhados e vencidos do mundo: nos cinco continentes repetem-se a cada dia situações de vexação e crime contra grupos, etnias, povos, enfim, contra os pobres dos pobres, contra o que o sistema dominante, o capitalismo autoritário que rege o mundo, considera inútil para seus objetivos e portanto, descartável, resto, material de demolição passível de eliminação sem pagar por isso. Sem que os verdadeiros responsáveis paguem por isso, como vemos com frequência.

No entanto, em Chiapas se disse basta. Os

...eiga também o governo, de um mundo que dignidade ao mundo, e isso não é retórica. A decisão firme de viver uma outra vida a percebemos nos homens e mulheres com quem falamos, na firmeza da redundância de gestos e palavras, na nova concepção que têm deles mesmos. Os índios assumiram para si mesmos o projeto de Zapata, e eles Zapatistas, isto é, sob a bandeira de "Terra e Liberdade" que Zapata levantou, continuarão combatendo o governo, o latifúndio, o capital, a concepção da história que os considera supérfluos, espécie a ser extinta.

Fomos a Chiapas, recolhemos impressões, conhecimento, emoções. Compartilhamos a dor e as lágrimas. Como outros que antes foram e os que no futuro irão. Sabemos que temos a obrigação de contar o que vimos, dizer os nomes das crianças, dos cooperadores, das pessoas que se tornaram índias para poder sentir como os índios e assim compreender melhor. Voltamos carregados de nomes, Jerônimo, Pedro, Maria, Ulises, Samuel, Marcos, Rafael, Ramona, Rosario, Carlos, nomes castelhanos para uma gente antiga e contemporânea.

Chiapas não é um jornal, nem a criação cotidiana do horror. Chiapas é um lugar de dignidade, um foco de rebelião num mundo pateticamente adormecido. Devemos continuar viajando a Chiapas e falando de Chiapas. Eles nos pedem. Dizem em um cartaz que está na saída do campo de refugiados de Polhó: "Quando o último tiver ido, o que vai ser de nós?"

Eles não sabem quem quando se esteve em Chiapas, não se sai nunca mais.

Por isso estamos hoje todos em Chiapas.

■ José Saramago é escritor português

CHIAPAS

Governo recusa mediação internacional

Cidade do México — Os partidos de oposição mexicanos exigem que o governo peça a mediação internacional para resolver o conflito com as comunidades indígenas no estado de Chiapas. O secretário-ge-

ral das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, afirmou que a organização não desempenhará qualquer papel de mediador no conflito, a menos que o presidente Ernesto Zedillo o peça.

"Nestes momentos é inevitável levantarmos a possibilidade de uma mediação internacional do conflito em Chiapas", disse o deputado Gilberto López, do Partido da Revolução Democrática (PRD).

López, que participa da Comissão da Concórdia e Pacificação para Chiapas (Cocopa), disse que se Zedillo persistir em não reiniciar as conversações sobre o conflito e não oferecer uma saída política, a única possibilidade seria a mediação internacional.

A Cocopa, criada pelo Congresso mexicano em março de 1995, tornou-se há um mês a única instância de diálogo no moribundo processo de paz entre o governo e o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), que lidera a insurreição em Chiapas desde 1994.

INCAPACIDADE

O governo advertiu que não aceita qualquer mediação externa e afirmou que o conflito em Chiapas será resolvido pelos mexicanos.

A ONU informou que uma eventual mediação do órgão poderia ser contemplada caso fossem cumpridas certas condições, entre elas um pedido do governo de Zedillo.

Segundo o deputado mexicano,

o plano do governo demonstra a "incapacidade e a falta de vontade política" do governo de Zedillo para reiniciar o diálogo e que isso levaria os partidos políticos mexicanos a procurar mediação internacional.

"Com o fracasso do plano de distensão em Chiapas, o governo está obrigando as forças políticas do país a impulsionar a mediação por meio de organismos internacionais", afirmou López.

O governo de Zedillo apresentou na quarta-feira passada um plano de distensão de cinco pontos para o conflito em Chiapas, porém reafirmou que o exército não se retirará de suas atuais posições nesse estado.

TELECOMUNICAÇÕES DE BRASÍLIA S/A - TELEBRÁSIA

EMPRESA DO SISTEMA TELEBRÁS
COMPANHIA ABERTA DE CAPITAL AUTORIZADO
DEMEC/RCA - 200/76/331
CGC/ME 00.058.578/0001-07 - NIRE Nº 533000137-5

CAPITAL AUTORIZADO.....R\$ 677.408.675,45
SUBSCRITO E INTEGRALIZADO.....R\$ 261.548.986,29

EDITAL DE CONVOCAÇÃO ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Ficam convocados os senhores acionistas da TELECOMUNICAÇÕES DE BRASÍLIA S/A - TELEBRÁSIA, para se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, a realizar-se em sua Sede Social, no SIA/Sul, Área de Serviços Públicos, Conjunto "D", Bloco "A" - 2º (segundo) Andar, Brasília-DF, às 15h (quinze horas) do dia 22 (vinte e dois) de julho de 1998, a fim de deliberarem sobre a seguinte Ordem do Dia: a) Aumentar o Capital Social da Empresa atualmente no valor de R\$ 261.548.986,29, mediante a capitalização de créditos provenientes da participação financeira de promitentes-assinantes, com a emissão de 21.189.231 Ações Preferenciais, todas sem valor nominal e b) Alterar a redação do Artigo 7º do Estatuto Social, em decorrência do aumento do Capital Social. INSTRUÇÕES GERAIS: a) Os mandatos de representação na Assembleia deverão ser depositados na Sede Social da Telebrásia com endereço no SIA/Sul, Área de Serviços Públicos, Conj. "D", Bloco "A" - 2º Andar, Consultoria Jurídica, até 24h antes da realização da Assembleia; b) Os Acionistas participantes da Custódia Fungível de Ações deverão apresentar extrato emitido até 02 (dois) dias antes da sua realização, contendo sua posição arcaziária, fornecido pelo órgão custodiante.

Brasília DF, 10 de julho de 1998.

RONALDO RANGEL DE ALBUQUERQUE SÁ
Presidente do Conselho de Administração

ERRATA

Em respeito ao consumidor o Ponto Frio informa que o plano de pagamento da bicicleta Monark e do telefone Panasonic que foram anunciados neste jornal da 12/07/98 são: 4X (0+4) e não (0+3) como está anunciado. Além disso, a descrição correta do computador Metron Pentium 233MMX é 233 MHz, com MMX e não Pentium II como está no tela.

PONTOFRIO



RECORTES

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo DIÁRIO DO PARÁ - BELÉM
Data: 14.07.98
Seção: OPINIÕES
Página B2

CONTRAPONTO

Faturadinha até na ONU

O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, começou sua visita ao Brasil pela Bahia, no sábado, onde conversou longamente com ACM (PFL).

Ontem, Kofi Annan visitou o Senado Federal. Foi recebido pelo 1º vice-presidente da Casa, Geraldo Melo (PSDB-RN), que fez às vezes de cicerone. O visitante estava interessado em conhecer a arquitetura de Oscar Niemeyer. Melo levou-o ao plenário do Senado. Annan achou o lugar "bonito, sem

luxo" e fez elogios a ACM.

Disse ter gostado do baiano e que ouvira falar que ele tinha muito poder em Brasília. De repente, perguntou a Geraldo Melo sobre o busto de Rui Barbosa, colocado atrás da Mesa Diretora do Senado.

Melo contou a ele quem era Rui Barbosa. No final, lembrando dos elogios de Annan a ACM, comentou, bem humorado:

- Isso é para você ver que a influência baiana no Senado vem de longe.



Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL

Veículo DIÁRIO DO PARÁ - BELÉM

Data: 14.07.98

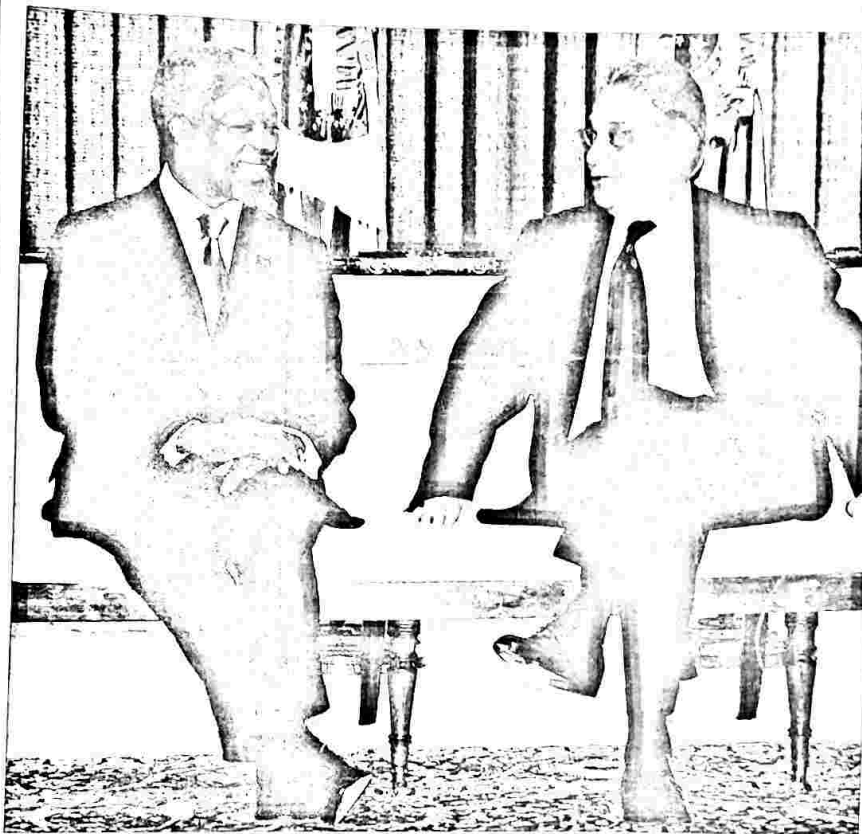
Seção: BRASIL HOJE

Página

B3

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Secretário da ONU critica Brasil



Fernando Henrique Cardoso e o secretário-geral da ONU: desigualdades

► Kofi Annan destaca os avanços no País mas condena as desigualdades sociais "que assolam os brasileiros"

Em sua primeira visita ao Brasil, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, fez ontem uma análise crítica da conjuntura do País. Durante uma palestra proferida no Itamaraty, Annan destacou os avanços promovidos pelo Plano Real e chamou especial atenção para as desigualdades sociais que assolam os brasileiros. "O Brasil deu um salto extraordinário desde que o Plano Real foi introduzido", afirmou. "Mas vocês também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem."

Segundo ele, a estabilização da economia e o controle da inflação foram conquistas importantes, mas a questão social continua impondo preocupações. "São Paulo, que eu tive o prazer de visitar amanhã (14), seria a vigésima economia do mundo se fosse uma nação por si só", discursou Annan. "No entanto, as favelas que eu vi no Rio de Janeiro, há dois dias, poderiam perfeitamente estar em um outro país", emendou o secretário-geral da ONU. "Os meninos de rua não sabem nada sobre os arranha-céus reluzentes, onde enormes fortunas são geradas todos os dias. E no Nordeste do Brasil existem situações semelhantes às das partes mais pobres da África."

"Somos hoje um País que reencontrou o caminho do crescimento econômico e que coloca como objetivo prioritário a correção de graves injustiças sociais herdadas do passado", respondeu o presidente Fernando Henrique Cardoso, durante o brinde que precedeu o almoço oferecido ao secretário-geral da ONU após a palestra.

Diplomático, Kofi Annan reiterou sua esperança de que as autoridades brasileiras realizem os esforços necessários para corrigir as distorções sociais no País a vinculo da paz mundial e a uma economia livre e mundialmente competitiva.

Defesa de mudanças no Conselho de Segurança

O secretário-geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, afirmou ontem que o Conselho de Segurança da entidade precisa ser reformado para "estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nossos dias". "Apesar de esta ser uma questão para os Estados-Membros decidirem, permitam-me dizer que há um consenso de que a atual configuração do Conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje", argumentou em aula inaugural hoje no Itamaraty.

Em viagem de quatro dias ao Brasil, o secretário-geral não apoiou diretamente a candidatura do Brasil a uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU. Mas elogiou a atuação do Brasil nos diferentes órgãos da ONU, como o apoio às reformas administrativas promovidas por ele. "O Brasil tem um papel de liderança

na ONU e as credenciais brasileiras estão estabelecidas", destacou Annan. "O Brasil é um dos países-membros da ONU mais ativos na manutenção da paz e tem potencial para ser ainda mais participante."

O presidente Fernando Henrique Cardoso aproveitou a visita de Annan para também defender a construção de uma ordem mundial mais democrática, em que se respeite as diferenças de capacidade econômica e de ação social. "Todos sabemos que o poder tem limites e que, no mundo de hoje, não há país poderoso, quando esse país não é capaz de ser sensível aos clamores do mundo", afirmou em discurso feito de improviso após a aula inaugural de Annan. "O poder mundial mais forte, mesmo o poder atômico, tem limites diante da formação de uma opinião pública mundial."

Fernando Henrique afirmou

que o presidente norte-americano, Bill Clinton, já defende uma participação maior de países pacifistas, como o Brasil, mas que isto deve acontecer no âmbito das Nações Unidas. "É chegada a hora de rever as posições do Conselho de Segurança, porque nós temos uma nova situação no mundo", afirmou. "Há um momento em que é preciso institucionalizar as negociações e este é o momento das Nações Unidas."

No brinde feito antes do almoço que ofereceu ao secretário-geral da ONU, Fernando Henrique voltou a defender mudanças no Conselho de Segurança. "A eficácia não se dissociada da legitimidade", afirmou o presidente para justificar o aprimoramento do conselho. Fernando Henrique enfatizou que mesmo não sendo membro permanente, o Brasil tem contribuído ativamente nas diversas decisões da entidade.

Defesa de mudanças no Conselho de Segurança

O secretário-geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, afirmou ontem que o Conselho de Segurança da entidade precisa ser reformado para "estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nossos dias". "Apesar de esta ser uma questão para os Estados Membros decidirem, permitam-me dizer que há um consenso de que a atual configuração do Conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje", argumentou em aula inaugural hoje no Itamaraty.

Em viagem de quatro dias no Brasil, o secretário-geral não apoiou diretamente a candidatura do Brasil a uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU. Mas elogiou a atuação do Brasil nos diferentes órgãos da ONU, como o apoio às reformas administrativas promovidas por ele. "O Brasil tem hoje um papel de liderança

na ONU e as credenciais brasileiras estão estabelecidas", destacou Annan. "O Brasil é um dos países membros da ONU mais ativos na manutenção da paz e tem potencial para ser ainda mais participante."

O presidente Fernando Henrique Cardoso aproveitou a visita de Annan para também defender a construção de uma ordem mundial mais democrática, em que se respeite as diferenças de capacidade econômica e de ação social. "Todos sabemos que o poder tem limites e que, no mundo de hoje, não há país poderoso, quando esse país não é capaz de ser sensível aos clamores do mundo", afirmou em discurso feito de improviso após a aula inaugural de Annan. "O poder mundial mais forte, mesmo o poder atômico, tem limites diante da formação de uma opinião pública mundial".

Fernando Henrique afirmou

que o presidente norte-americano, Bill Clinton, já defende uma participação maior de países pacifistas, como o Brasil, mas que isto deve acontecer no âmbito das Nações Unidas. "É chegada a hora de rever as posições do Conselho de Segurança, porque nós temos uma nova situação no mundo", afirmou. "Há um momento em que é preciso institucionalizar as negociações e este é o momento das Nações Unidas."

No brinde feito antes do almoço que ofereceu ao secretário-geral da ONU, Fernando Henrique voltou a defender mudanças no Conselho de Segurança. "A eficácia não se discute de legitimidade", afirmou o presidente para justificar o apromoramento do conselho. Fernando Henrique enfatizou que mesmo não sendo membro permanente o Brasil tem contribuído ativamente nas diversas decisões da entidade.

Brasil de...
secreta a vigésima...
muito do...
Annan. "No...
si se", disse...
entanto, as...
Rio de Janeiro...
então, há dois...
podiam perfeitamente...
estar...
em um outro país",...
secretário-geral da ONU. "Os...
meninos de rua não sabem...
nada sobre os arranjos...
forçulentes, onde enormes...
Luanas são geradas...
do Nordeste do Brasil...
dias. E no Nordeste do Brasil...
existem situações semelhantes...
às das partes mais pobres da...
África.

"Somos hoje um País que reencontrou o caminho do crescimento econômico e que colocou como objetivo prioritário a correção de graves injustiças sociais herdadas do passado", respondeu o presidente Fernando Henrique Cardoso, durante brinde que precedeu o almoço oferecido ao secretário-geral da ONU após a palestra.

Diplomático, Kofi Annan reiterou sua esperança de que as autoridades brasileiras realizem os esforços necessários para corrigir as distorções sociais no País e vinculou a paz mundial a uma situação de progresso econômico e justiça social. "O presidente Fernando Henrique Cardoso deixou claro que o Brasil precisa tratar das desigualdades", disse. "Eu sei que a sua cultura de paz os impels a confrontar tais desigualdades de maneira corajosa".

Como auditorio lotado, a palestra do secretário-geral...
o tema foi "a cultura da paz".
Durou pouco mais de 20 minutos.
Kofi Annan reiterou sua...
atitude por vir ao Brasil e...
celebrando o arquiteto Lúcio...
Lima - um dos idealizadores da...
capital federal, morto recentemente - afirmou ter vindo...
"com uma mente aberta". O...
diplomata também ressaltou a...
participação ativa do País nos...
esforços pela manutenção da paz...
mundial e o bom relacionamento...
com as Nações Unidas.

"Todos colaboraram de maneira excepcional para as negociações de manutenção da paz", disse Annan. "Tenho certeza de que veremos seu papel na manutenção da paz superar os índices impressionantes do passado".

Ele destacou ainda que a globalização traz desafios "sem amparos", que exigem soluções "sem fronteiras" e que o Brasil "está preparado para assumir integralmente a sua parte". Kofi Annan comentou que uma das maiores preocupações deste momento é o papel dos membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas. "Esta atual configuração merece sustento. Permitam-me dizer que há um consenso de que a atual configuração do Conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje".
"O Brasil, o secretário-geral...
deve estar em sintonia...
com as realidades...
políticas e econômicas de...
nossos dias".



Cliente: ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo: TRIBUNA DO CEARÁ - FORTALEZA
Data: 14.07.98
Seção: BRASIL/MUNDO
Página: 6A

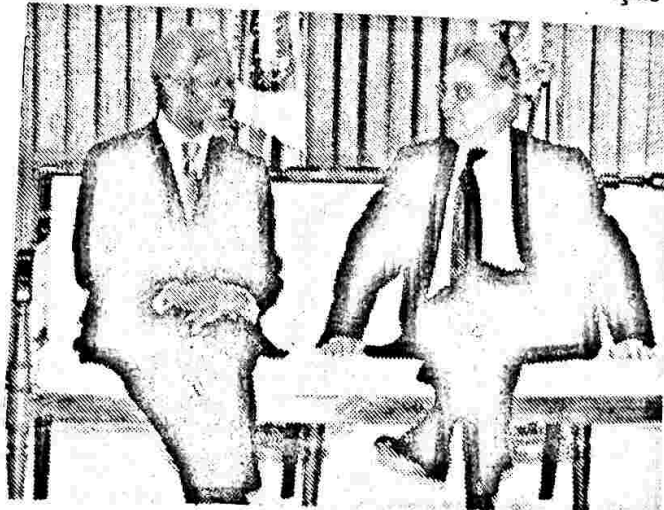
Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

■ KOFI ANNAN

Brasil tem apoio por vaga no Conselho

Secretário-Geral da ONU reconheceu que é necessário fazer mudanças na organização

Brasília-A visita do secretário-geral da ONU, Kofi Annan, reacendeu as esperanças brasileiras de vencer a disputa que trava com a Argentina por uma vaga permanente no Conselho de Segurança da entidade. Annan, que esteve ontem em Brasília, ouviu do presidente Fernando Henrique Cardoso que "é chegada a hora de rever as posições do conselho, por causa do nova situação do mundo". O argumento do presidente encontrou respaldo no secretário-geral da ONU. Além de concordar que o Brasil "tem credenciais" para pleitear a vaga, Annan reconheceu que a atual configuração do Conselho de Segurança "reflete a geopolítica do mundo em 1945", e não a de hoje. "É tempo de mudanças", disse o secretário.



RESPALDO

Annan conversa com FHC sobre pretensões brasileiras na ONU

o presidente Fernando Henrique Cardoso, uma carta de ratificação do Tratado Mundiais de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP) e a adesão do Brasil ao Tratado para a Proibição Completa dos Testes Nucleares (CTBT). O pedido de mudanças no conselho de segurança foi feito pelo presidente durante a aula magna que Annan concedeu a cerca de 300 diplomatas brasileiros, no Palácio do Itamarati.

"Para que a ONU continue a ser o desaguadouro das esperanças da humanidade, é preciso que haja modificações, para que ela se torne mais representativa do mundo contemporâneo", disse Fernando Henrique. Mesmo sem responder diretamente ao pleito brasileiro, Annan elogiou o

Brasil como um "país de liderança não apenas regional, mas com um peso internacional respeitável", e fez questão de destacar a tradição brasileira nas operações de manutenção da paz realizadas pela ONU em países em conflito. "Até alguns anos atrás, o Brasil era o nosso quarto maior contribuinte de tropas. Tenho certeza que veremos seu papel na manutenção da paz recuperar os índices impressionantes do passado", discursou o secretário-geral.

Durante a cerimônia dos tratados de erradicação de armas nucleares, Fernando Henrique lembrou a recente tensão causada pela corrida de testes travada entre a Índia e o Paquistão para defender a postura antibélica da política externa brasileira.

Desde o ano passado, Brasil e Argentina travam uma disputa de bastidores pelo privilégio de receber a nova cadeira permanente do conselho. O órgão deverá ser expandido dos atuais seis para sete países-membros, quando o ainda indefinido processo de reforma da Principal defensor de reforma na ONU, Kofi Annan reconhece, porém, que "ainda é difícil" calcular quanto tempo levará esse processo. Por enquanto, Brasil e Argentina são membros temporários do Conselho de Segurança. O secretário-geral da ONU está no Brasil desde domingo à noite.

Além de Brasília, Kofi Annan esteve em Salvador e Rio de Janeiro. Amanhã passa o dia em São Paulo. Em Brasília, Annan foi recebido no Palácio do Planalto para assinar, com



RECORTES

Cliente: ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
 Veículo: DIÁRIO DO PARÁ - BELÉM
 Data: 14.07.98
 Seção: OPINIÕES

Página B2

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
 Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Eliane **CANTANIEDE**

Enquanto é tempo

BRASÍLIA - O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, veio ao Brasil em nome da paz. Mas não deixou de meter o dedo na nossa ferida, ontem, ao proferir aula magna no Itamaraty.

Depois de elogiar o Real e a estabilidade econômica, destacou que as "desigualdades dolorosas" permanecem.

Disse que São Paulo seria a 20ª economia do mundo se fosse um país, mas lembrou as favelas do Rio e os meninos de rua, que "não sabem nada sobre os arranha-céus reluzentes, onde enormes fortunas são geradas todos os dias".

E é claro que falou do Nordeste, "onde existem situações semelhantes às das partes mais pobres da África".

FHC vestiu a carapuça. Seu discurso não estava previsto, mas ele pediu a palavra, devolveu os elogios ao Real com simpáticas referências ao próprio Annan e disse que a paz no Brasil tem dois objetivos primordiais: direitos humanos e combate à pobreza.

Annan deve ter pensado: "Já ouvi esse lero-lero em algum lugar". Mas ficou impassível, como bom diplomata.

Como regra, direitos humanos e

combate à pobreza são refrão de campanha, não ação radical de governo. Por coincidência, ou não, os dois têm destaque no novo programa tucano.

Enquanto isso, a paz mundial passa pela economia. O FMI prometeu ontem US\$ 22,6 bilhões para a Rússia até 1999. O primeiro-ministro japonês, Ryutaro Hashimoto, renunciou depois de uma lavada nas eleições parlamentares, em meio à crise econômica.

Agourenta ou realista, vem a OCDE (uma das maiores agências de desenvolvimento do mundo) alertar que o mar não está para peixe, muito

menos para os países emergentes. Citou a própria Rússia, a África do Sul e - como não? - o Brasil.

Se alguma coisa pode ser feita na área social, como reclama a ONU, que seja como naquelas votações de interesse do governo no Congresso: com urgência urgentíssima.

O tempo é curto e fugaz. Soluções mirabolantes e oficiais têm de ser encontradas durante a campanha. E antes que a crise entorne por aqui. Taí. Essa pode até ser uma vantagem de campanhas com possibilidade de reeleição.

"Como regra, direitos humanos e combate à pobreza são refrão de campanha, não ação radical de governo"



Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
 Veículo O ESTADO DO PARANÁ - JURITIBA
 Data: 14.07.98
 Seção: NACIONAL Página 05

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
 Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Secretário da ONU aponta desigualdades

Mudanças no conselho de segurança

Brasília (AE) - O secretário-geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, afirmou ontem que o Conselho de Segurança da entidade precisa ser reformado para "estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nossos dias". "Apesar de esta ser uma questão para os Estados-Membros decidirem, permitam-me dizer que há um consenso de que a atual configuração do Conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje", argumentou em aula inaugural ontem no Itamaraty.

Em viagem de quatro dias ao Brasil, o secretário-geral não apoiou diretamente a candidatura do Brasil a uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU. Mas elogiou a atuação do Brasil nos diferentes órgãos da ONU, como o apoio às reformas administrativas promovidas por ele. "O Brasil tem hoje um papel de liderança na ONU e as credenciais brasileiras estão estabelecidas", destacou Annan. "O Brasil é um dos países-membros da ONU mais ativos na manutenção da paz e tem potencial para ser ainda mais participante."

O presidente Fernando Henrique Cardoso aproveitou a visita de Annan para também defender a construção de uma ordem mundial mais democrática, em que se respeite as diferenças de capacidade econômica e de ação social. "Todos sabemos que o poder tem limites e que, no mundo de hoje, não há país poderoso, quando esse país não é capaz de ser sensível aos clamores do mundo", afirmou em discurso feito de improviso após a aula inaugural de Annan. "O poder mundial mais forte, mesmo o poder atômico, tem limites diante da formação de uma opinião pública mundial."

Fernando Henrique afirmou que o presidente norte-americano, Bill Clinton, já defende uma participação maior de países pacifistas, como o Brasil, mas que isto deve acontecer no âmbito das Nações Unidas. "É chegada a hora de rever as posições do Conselho de Segurança, porque nós temos uma nova situação no mundo", afirmou. "Há um momento em que é preciso institucionalizar as

Kofi Annan ressaltou o Plano Real, mas acusou desigualdades sociais brasileiras.

Brasília (AE) - Em sua primeira visita ao Brasil, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, fez ontem uma análise crítica da conjuntura do País. Durante uma palestra proferida no Itamaraty, Annan destacou os avanços promovidos pelo Plano Real e chamou especial atenção para as desigualdades sociais que assolam os brasileiros. "O Brasil deu um salto extraordinário desde que o Plano Real foi introduzido", afirmou. "Mas vocês também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem."

Segundo ele, a estabilização da economia e o controle da inflação foram conquistas importantes, mas a questão social continua impondo preocupações. "São Paulo, que eu terei o prazer de visitar amanhã (hoje), seria a vigésima economia do mundo se fosse uma nação por si só", discursou Annan. "No entanto, as favélas que eu vi no Rio de Janeiro, há dois dias, poderiam perfeitamente estar em um outro país", emendou o secretário-geral da ONU. "Os meninos de rua não sabem nada sobre os arranha-céus



□ O secretário Kofi Annan, da ONU, fica quatro dias no Brasil.

relutantes, onde enormes fortunas são geradas todos os dias. E no Nordeste do Brasil existem situações semelhantes às das partes mais pobres da África."

"Somos hoje um País que reencontrou o caminho do crescimento econômico e que coloca como objetivo prioritário a correção de graves injustiças sociais herdadas do passado", respondeu o presidente Fernando Henrique Cardoso, durante brinde que precedeu almoço oferecido ao secretário-geral da ONU após a palestra.

Diplomático, Kofi Annan reiterou sua esperança de que as autoridades brasileiras realizem os esforços necessários para corrigir as distorções sociais no País e vinculou a paz mundial a uma situação de progresso econômico e justiça social. "O presidente Fernando Henrique Cardoso deixou claro que o Brasil precisa tratar destas desigualdades", disse. "Eu sei que a sua cultura de paz os impede a confrontar tais desigualdades de maneira corajosa", acrescentou.

Com o auditório lotado, a palestra do secretário-geral - cujo tema foi "a cultura da paz" - durou pouco mais de 20 minutos. Kofi Annan reiterou sua satisfação por vir ao Brasil, e lembrou do arquiteto Lúcio Costa - um dos idealizadores da capital federal, morto recentemente - afirmou ter vindo "com a mente aberta". O diplomata também ressaltou a participação ativa do País nos esforços pela manutenção da paz mundial e o bom relacionamento com as Nações Unidas.

"Vocês colaboraram de maneira excepcional para as nossas operações de manutenção de paz", disse Annan. "Tenho certeza de que veremos seu papel na manutenção da paz recuperar os índices impressionantes do passado."

Ele destacou ainda, que a globalização traz desafios "sem passaportes", que exigem soluções "sem fronteiras" e que o Brasil "está preparado para cumprir integralmente a sua parte". Kofi Annan comentou que uma das maiores preocupações deste momento é com o quadro de membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas, cuja atual configuração merece revisão. "Permitam-me dizer que há um consenso de que a atual configuração do Conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje", afirmou o secretário-geral. "Ele deve estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nossos dias."

Brasil pede pelo fim das armas nucleares

Brasília (AE) - O presidente Fernando Henrique Cardoso propôs ontem, após assinar a adesão ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que a comunidade internacional defina um programa de eliminação de todas as armas nucleares. Para Fernando Henrique, "a paz e a confiança são indispensáveis" para a superação da pobreza e desnutrição nos países em desenvolvimento. A adesão ao TNP - aprovada no último dia 2 pelo Congresso Nacional - foi assinada na presença do secretário-geral da ONU, Kofi Annan.

viagem oficial de quatro dias ao Brasil.

"Não queremos a bomba atômica", afirmou o presidente. "Ela só seria causa para a tensão e desconfianças em nossa região e inviabilizaria o processo de integração que estamos crescentemente aprofundando para o bem-estar de nossos povos", argumentou. "Em vez de gastar escassos recursos em projetos de armas que não tem justificativa de nenhum ponto de vista, estamos investindo na estabilidade, no desenvolvimento, na melhoria das condições sociais e

Fernando Henrique condenou os testes nucleares realizados recentemente no Sul da Ásia. Para o presidente, a força das nações não deve ser medida pelo potencial de armas nucleares que elas possuem. Ele argumentou que, nos dias de hoje, o que conta para a inserção de forma positiva e influente no cenário internacional é a capacidade do País em competir no campo econômico e garantir a coesão social e o caráter democrático de suas instituições.

O presidente também assinou hoje a ratificação do Tratado para a Proibição Completa de Testes de

Congresso pela aprovação dos dois tratados e afirmou que a adesão aos acordos confere todas as credenciais possíveis na área de não proliferação. Para o presidente, isto permitirá a consolidação de medidas internas e externas, "inclusive em parceria com a nossa vizinha Argentina", país com o qual já possuiu - desde 1991 - acordo para uso pacífico da energia nuclear.

O tratado de não-proliferação nuclear está em vigor desde 1970 e conta hoje com a assinatura de 185 países. O Brasil denunciou a admissão de testes nucleares para fins pacíficos.



Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo JORNAL DO COMÉRCIO - RJ
Data: 14.07.98
Seção: PAÍS
Página: A14

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Brasil assina acordo antinuclear

País está de olho em uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU

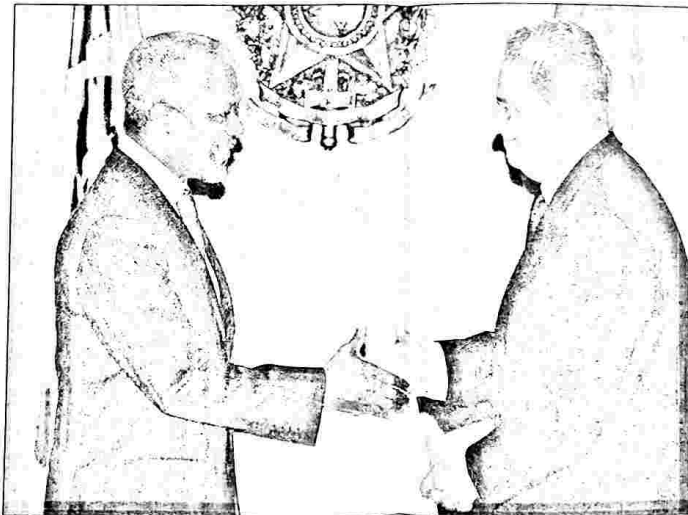
O presidente Fernando Henrique Cardoso propôs ontem, após assinar a adesão ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que a comunidade internacional defina um programa de eliminação de todas as armas nucleares. Para ele, "a paz e a confiança são indispensáveis" para a superação da pobreza e desnutrição nos países em desenvolvimento. A adesão ao TNP - aprovada no último dia 2 pelo Congresso - foi assinada na presença do secretário-geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, em viagem oficial de quatro dias ao Brasil. Defendendo, indiretamente, a campanha brasileira para tornar-se país titular do Conselho de Segurança da ONU, FHC disse que a assinatura dos acordos, entre outros motivos, "faz do Brasil um país respeitado, interlocutor confiável, capaz de dialogar de igual para igual com todas as nações do mundo, grandes ou pequenas, nucleares ou não-nucleares".

"Não queremos a bomba atômica", afirmou o presidente. "Ela só seria causa para a tensão e desconfianças em nossa região e inviabilizaria o processo de integração que estamos crescentemente aprofundando para o bem-estar de nossos povos", argumentou.

Condenação aos testes nucleares

Fernando Henrique condenou os testes nucleares realizados recentemente no Sul da Ásia. Para o presidente, a força das nações não deve ser medida pelo potencial de armas nucleares que elas possuem. Ele argumentou que, nos dias de hoje, o que conta é a capacidade do País em competir no campo econômico e garantir a coesão social e a democracia.

O presidente também assinou ontem a ratificação do Tratado para a Proibição Completa de Testes Nucleares (CTBT). Ele agradeceu ao Congresso pela aprovação dos dois tratados na área de não-proliferação. Para o presidente, isto permitirá a consolidação de medidas internas e externas, "inclusive em parceria com a nossa vizinha Argentina", país com o



Kofi Annan, secretário-geral da ONU, e o presidente Fernando Henrique celebram a assinatura do tratado

qual disputa, indiretamente, uma vaga no Conselho de Segurança.

O tratado de não-proliferação nuclear está em vigor desde 1970 e conta com a assinatura de 185 países. O Brasil demorou a aderir ao tratado porque entendia que ele dava tratamento diferenciado às nações. "Ele proíbe a proliferação de armas, mas não obrigava as grandes nações - que já possuíam armas nucleares - a reduzir seus arsenais", explicou um diplomata.

O secretário-geral da ONU (Organização das Nações Unidas), Kofi Annan, defendeu ontem a ampliação da reforma do Conselho de Segurança da entidade. Segundo ele, a atual estrutura reflete o mundo de 1945. "O conselho deve estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nossos dias." Sem declarar abertamente apoio à candidatura do Brasil para ser membro permanente do novo conselho, em uma futura reforma, Annan optou por elo-

giar o país. Segundo ele, o Brasil se tornou exemplo a partir da estabilidade econômica, do fato de manter uma política de paz apesar de fazer fronteira com dez países e da adesão e da ratificação dos tratados de não-proliferação de armas nucleares.

"Em área de assuntos internacionais, as credenciais do Brasil já estão plenamente asseguradas", disse Annan, afirmando em seguida que essas credenciais não são as mesmas exigidas para um país se tornar membro permanente.

Apoio indireto ao Brasil

Para o embaixador Rubens Ricupero, atual secretário-geral da Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e Desenvolvimento, Annan não disse textualmente que apoia a candidatura brasileira, mas "fez uma alusão indireta" que o país deveria participar permanentemente do conselho. "Vocês demonstraram ter escolhido a solução pacífica e a negociação", disse o secretário-geral, referindo-se à história política do Brasil.

Em setembro, a Assembleia Geral da ONU dá início às discussões sobre as candidaturas e começa a definir os critérios para o ingresso dos países como membros-permanentes do conselho. A definição depende de votos da assembleia que decidirão se há necessidade de reformar a atual estrutura do órgão.

Em sua primeira visita ao Brasil, Kofi Annan, fez ontem uma análise crítica da conjuntura do País. Annan destacou os avanços promovidos pelo Plano Real e chamou especial atenção para as desigualdades sociais que assolam os brasileiros. "O Brasil deu um salto extraordinário desde que o Plano Real foi introduzido", afirmou. "Mas vocês também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem." Segundo ele, a estabilização da economia e o controle da inflação foram conquistas importantes, mas a questão social continua impondo preocupações. "São Paulo, que eu terei o prazer de visitar amanhã (hoje), seria a vigésima economia do mundo se fosse uma nação por si só", discursou Annan.



RECORTES

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Cliente _____
Veículo A TARDE - SALVADOR
Data: 14.07.98
Seção: CULTURA

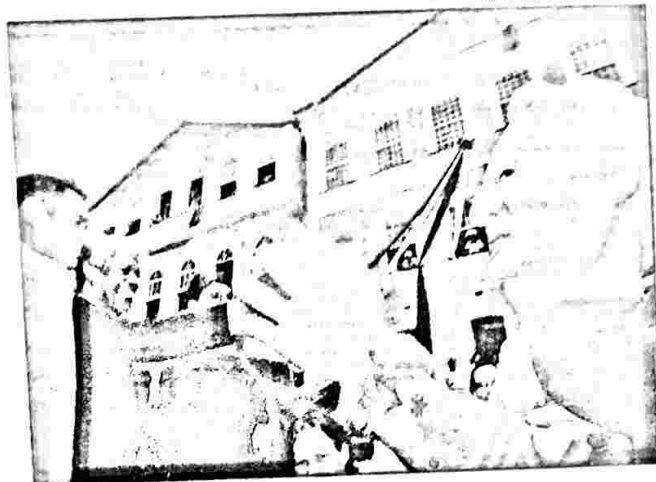
Página _____

08

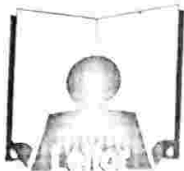
CORAÇÕES UNIDOS

Muito bonito e verdadeiro o encontro do secretário-geral da Organização das Nações Unidas, Kofi Anan, com a comunidade baiana, no Pelourinho, este final de semana. Simpático e sempre sorridente, Anan, natural de Gana, África, sentiu-se em casa, em meio à energia afro-brasileira da capital baiana (LL).

Foto: Wilson Besnave



Kofi Anan encontra "Jorge Amado" no Pelô



RECORTES

Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo JORNAL DA CIDADE - JUNDIAÍ
Data: 14.07.98
Seção: GERAL

Página

03

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

ONU

Secretário quer mudanças no conselho de segurança

O secretário-geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, afirmou ontem que o Conselho de Segurança da entidade precisa ser reformado para "estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nossos dias". "Apesar de esta ser uma questão para os Estados-Membros decidirem, permitam-me dizer que há um consenso de que atual configuração do Conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje", argumentou em aula inaugural ontem no Itamaraty.

Em viagem de quatro dias ao Brasil, o secretário-geral não apoiou diretamente a candidatura do Brasil a uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU. Mas elogiou a atuação do Brasil nos diferentes órgãos da ONU, como o apoio às reformas administrativas promovidas por ele. "O Brasil tem hoje um papel de liderança na ONU e as credenciais brasileiras estão estabelecidas", destacou Annan. "O Brasil é um dos países-membros da ONU mais ativos na manutenção da paz e tem potencial para ser ainda mais participante."

O presidente Fernando Henrique Cardoso aproveitou a visita de Annan para também defender a construção de uma ordem mundial mais democrática, em que se respeite as diferenças de capacidade econômica e de ação social. "Todos sabemos que o poder tem limites e que, no mundo de hoje, não há país poderoso, quando esse país não é capaz de ser sensível aos clamores do mundo", afirmou em discurso feito de improviso após a aula inaugural de Annan. "O poder mundial mais forte, mesmo o poder atômico, tem limites diante da formação de uma opinião pública mundial".



RECORTES

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL

Veículo A TARDE - SALVADOR

Data: 14.07.98

Seção: ...

Página CAPA

Annan aponta desigualdades sociais do país

O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, elogiou, ontem em Brasília, os avanços promovidos pelo Plano Real, mas chamou a atenção para as desigualdades "dolorosas" que ainda permanecem no país. Observou que se São Paulo fosse uma nação, seria a vigésima economia do mundo, enquanto no Nordeste há "situações semelhantes às das partes mais pobres da África". Ao assinar o Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares, em presença de Annan, o presidente Fernando Henrique Cardoso propôs que a comunidade internacional elimine todas as armas nucleares, afirmando que a paz e a confiança são indispensáveis para a superação da pobreza e desnutrição nos países em desenvolvimento (Pág. 14).



ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
 Cliente _____
 Vencido A TARDE - SALVADOR
 Data: 14.07.98
 Seção: NACIONAL _____ Página 14

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
 Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Annan aponta distorções sociais no Brasil

Brasília (AE) - Em sua primeira visita ao Brasil, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, fez ontem uma análise crítica da conjuntura do país. Durante uma palestra proferida no Itamaraty, Annan destacou os avanços promovidos pelo Plano Real e chamou especial atenção para as desigualdades sociais que assolam os brasileiros. "O Brasil deu um salto extraordinário desde que o Plano Real foi introduzido", afirmou. "Mas vocês também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem".

Segundo ele, a estabilização da economia e o controle da inflação foram conquistas importantes, mas a questão social continua impondo preocupações. "São Paulo, que eu terei o prazer de visitar amanhã, seria a vigésima economia do mundo se fosse uma nação por si só", discursou Annan. "No entanto, as favelas que eu vi no Rio de Janeiro, há dois dias, poderiam perfeitamente estar em um outro país", emendou o secretário-geral da ONU. "Os meninos de rua não sabem nada sobre os arranha-céus reluzentes, onde enormes fortunas são geradas todos os dias. E no Nordeste do Brasil existem situações semelhantes às das partes mais pobres da África."

FHC responde

"Somos hoje um país que reencontrou o caminho do crescimento econômico e que coloca como objetivo prioritário a correção de graves injustiças sociais herdadas do passado", respondeu o presidente Fernando Henrique Cardoso, durante o brinde que precedeu almoço oferecido ao secretário-geral da ONU após a palestra.

Diplomático, Kofi Annan reiterou sua esperança de que as autoridades brasileiras realizem os esfor-

ços necessários para corrigir as distorções sociais no país e vinculou a paz mundial a uma situação de progresso econômico e justiça social. "O presidente Fernando Henrique Cardoso deixou claro que o Brasil precisa tratar destas desigualdades", disse. "Eu sei que a sua cultura de paz os impede a confrontar tais desigualdades de maneira corajosa", acrescentou.

Criador de Brasília

Com o auditório lotado, a palestra do secretário-geral - cujo tema foi "a cultura da paz" - durou pouco mais de 20 minutos. Kofi Annan reiterou sua satisfação por vir ao Brasil e, lembrando o arquiteto Lúcio Costa - um dos idealizadores da capital federal, morto recentemente -, afirmou ter vindo "com a mente aberta". O diplomata também ressaltou a participação ativa do Brasil nos esforços pela manutenção da paz

mundial e o bom relacionamento com as Nações Unidas.

"Vocês colaboraram de maneira excepcional para as nossas operações de manutenção de paz", disse Annan. "Tenho certeza de que veremos seu papel na manutenção da paz recuperar os índices impressionantes do passado".

Ele destacou ainda, que a globalização traz desafios "sem passaportes", que exigem soluções "sem fronteiras" e que o Brasil "está preparado para cumprir integralmente a sua parte". Kofi Annan comentou que uma das maiores preocupações deste momento é com o quadro de membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas, cuja atual configuração merece revisão. "Permitam-me dizer que há um consenso de que a atual configuração do Conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje", afirmou o secretário-geral. "Ele deve estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nossos dias."

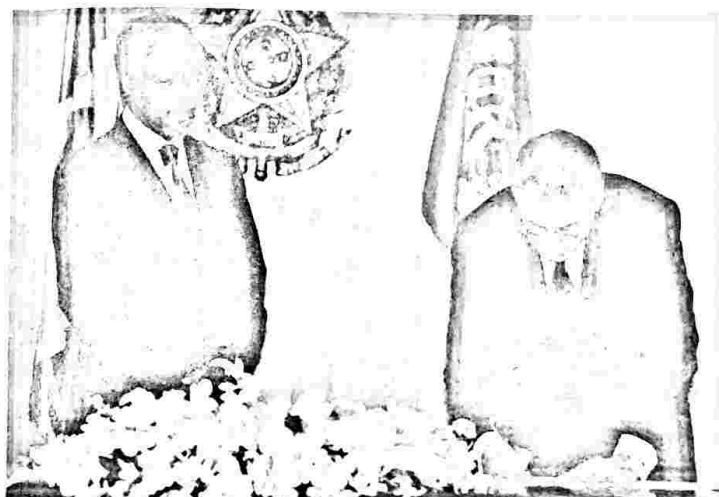
FHC propõe o fim das armas nucleares

O presidente Fernando Henrique Cardoso propôs ontem, após assinar a adesão ao Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que a comunidade internacional defina um programa de eliminação de todas as armas nucleares. Para Fernando Henrique, "a paz e a confiança são indispensáveis" para a superação da pobreza e desnutrição nos países em desenvolvimento. A adesão ao TNP - aprovada no último dia 2 pelo Congresso Nacional - foi assinada na presença de Kofi Annan.

"Não queremos a bomba atômica", afirmou o presidente. "Ela só seria causa para a tensão e desconfiança em nossa região e inviabilizaria o processo de integração que estamos crescentemente aprofundando para o bem-estar de nossos povos", argumentou.

"Em vez de gastar escassos recursos em projetos de armas que não têm justificativa de nenhum ponto de vista, estamos investindo na estabilidade, no desenvolvimento, na redução das disparidades sociais e regionais".

Fernando Henrique condenou os testes nucleares realizados recentemente no sul da Ásia. Para o presidente, a força das nações não deve ser medida pelo potencial de armas nucleares que elas possuem. Ele argumentou que, nos dias de hoje, o que conta para a inserção de forma positiva e influente no cenário internacional é a capacidade do país em competir no campo econômico e garantir a coesão social e o caráter



FHC assinou, na presença de Kofi Annan, o tratado de não-proliferação de armas nucleares

democrático de suas instituições.

Adesão demorou

O tratado de não-proliferação nuclear está em vigor desde 1970 e conta hoje com a assinatura de 185 países. O Brasil demorou a aderir ao tratado porque entendia que ele dava tratamento diferenciado às nações. "Ele proíbe a proliferação de armas, mas não obrigava as grandes nações - que já possuem armas nucleares - a reduzir seus arsenais", explicou um diplomata. Em 1988, a Constituição Federal proibiu a utilização da energia nuclear, exceto para fins pacíficos.

O Brasil defende o acordo de proibição completa de testes nucleares desde 1962 e, ao lado de outros 127 países, apoiou a apresenta-

ção dele à Assembleia Geral da ONU. O texto foi aprovado em 1996, com o voto favorável de 158 países. O Brasil foi o décimo quinto país a ratificar - assinar, depois de obter a aprovação parlamentar - o tratado.

Conselho

Kofi Annan afirmou ontem que o Conselho de Segurança da ONU precisa ser reformado para "estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nossos dias". "Apesar de esta ser uma questão para os Estados-membros decidirem, permitam-me dizer que há um consenso de que a atual configuração do Conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje", argumentou em aula inaugural ontem no Itamaraty.

O secretário-geral não apoiou direta-

mente a candidatura do Brasil a uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU. Mas elogiou a atuação do Brasil nos diferentes órgãos da ONU, como o apoio às reformas administrativas promovidas por ele. "O Brasil tem hoje um papel de liderança na ONU e as credenciais brasileiras estão estabelecidas", destacou Annan. "O Brasil é um dos países-membros da ONU mais ativos na manutenção da paz e tem potencial para ser ainda mais participante".

No brinde feito antes do almoço que ofereceu ao secretário-geral da ONU, Fernando Henrique voltou a defender mudanças no Conselho de Segurança. "A eficácia não se dissocia da legitimidade", afirmou o presidente para justificar o aprimoramento do conselho.



Cliente: ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
 Veículo: O ESTADO DE S.PAULO - SP
 Data: 14.07.98
 Seção: POLÍTICA
 Pagina: A6

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
 Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

DIPLOMACIA

Secretário da ONU critica desigualdades sociais

Em palestra no Itamaraty, Kofi Annan fala do avanço com o Real e pede mais ação contra injustiças

DOCA DE OLIVEIRA

BRASÍLIA - Em sua primeira visita ao Brasil, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, fez ontem uma análise crítica da conjuntura do País. Em palestra no Itamaraty, ele destacou os avanços promovidos pelo Plano Real, mas chamou especial atenção para as desigualdades sociais que ainda assolam os brasileiros. "O Brasil deu um salto extraordinário desde que o plano foi introduzido", disse. "Mas vocês também têm de reconhecer que desigualdades dolorosas permanecem."

Para ele, a estabilização da economia e o controle da inflação foram conquistas importantes, mas a questão social continua impondo preocupações. "São Paulo, que eu terei o prazer de visitar amanhã (hoje), seria a 20.ª economia do mundo se fosse uma nação por si só", discursou.

PAZ MUNDIAL É VINCULADA AO BEM-ESTAR DOS POVOS

"No entanto, as favelas que eu vi no Rio, há dois dias, poderiam perfeitamente estar em um outro país", afirmou o secretário-geral, que assumiu o posto em 1997.

"Os meninos de rua não sabem nada sobre os arranha-céus reluzentes, onde enormes fortunas são multiplicadas todos os dias", observou. "E no Nordeste existem situações semelhantes às dos lugares mais pobres da África", completou, na declaração mais contundente desde sua chegada, no sábado.

"Somos um país que reconstruiu o caminho do crescimento econômico e coloca como prioridade a correção de graves injustiças sociais herdadas do passado", respondeu o presidente Fernando Henrique Cardoso, no brinde antes do almoço oferecido a Annan. Diplomático, o secretário-geral reiterou sua esperança de que as autoridades brasileiras realizem os esforços necessários para corrigir as dis-

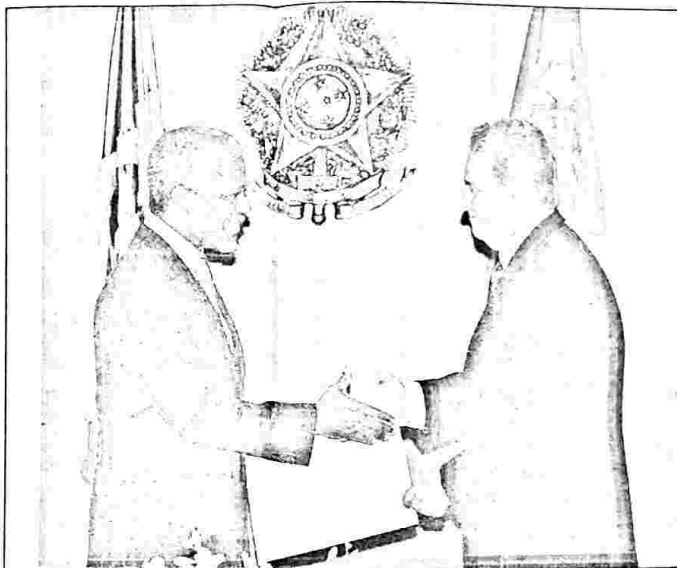
torções sociais e vinculou a paz mundial a uma situação de progresso econômico e justiça social. "O presidente Fernando Henrique deixou claro que o Brasil precisa tratar essas desigualdades", disse. "Eu sei que a cultura de paz de vocês os impele a confrontar tais desigualdades de maneira corajosa."

Satisfação - Com o auditório lotado, a palestra sobre o tema A cultura da paz durou pouco mais de 20 minutos. Annan reiterou a satisfação por visitar o Brasil e, lembrando o arquiteto Lúcio Costa (um dos idealizadores da capital federal, morto recentemente), disse ter vindo "com a mente aberta". Também destacou que a globalização traz desafios "sem passaportes", que exigem soluções "sem fronteiras" e o País "está preparado para cumprir integralmente sua parte".

Annan ressaltou a participação do País nos esforços pela manutenção da paz mundial e o bom relacionamento com a ONU. "Vocês colaboraram de maneira excepcional para nossas operações de manutenção da paz", disse. "Tenho certeza de que veremos o seu papel na manutenção da paz recuperar os índices impressionantes do passado."

Em entrevista, Annan falou um pouco sobre os esforços de paz no mundo. Contou que as negociações no Iraque avançam e um programa de trabalho será examinado pela ONU em agosto. "Há colaboração mais intensa com as autoridades iraquianas e progresso nas discussões". Mas, na sua opinião, o Iraque precisa ser "mais ativo" na busca do entendimento. Ele disse que nova reunião foi marcada para outubro e vai analisar a hipótese de suspender as sanções impostas ao Iraque. "Tudo isso vai depender do avanço das negociações."

Sobre a crise em Guiné-Bissau, ele disse que será marcada em "breve" nova rodada de conversas com chanceleres e o grupo subregional responsável pelos entendimentos. "É um processo que envolve negociações políticas e de controle militar, com o objetivo de cessar-fogo."



O secretário, com FHC, conjunção de que Brasil está pronto para cumprir sua parte nos desafios da globalização

Annan defende reformas no conselho

Ele diz que organismo não reflete mais a realidade, mas evita apoio direto ao País, que quer vaga permanente

BRASÍLIA - O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, afirmou ontem que o Conselho de Segurança da entidade precisa ser reformado para "estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas" da época atual. "Apesar de esta ser uma questão para os estados membros decidirem, permitam-me dizer que há um consenso de que a atual configuração do conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje", argumentou, em palestra no Itamaraty. Annan não apoiou diretamente

a candidatura do Brasil a uma vaga permanente no conselho, mas elogiou sua atuação nos órgãos da ONU, como o apoio às reformas administrativas realizadas por ele. "O Brasil tem hoje um papel de liderança na ONU e as credenciais brasileiras estão estabelecidas", destacou. "E um dos países membros da ONU, mas ativos na manutenção da paz e tem potencial para ser ainda mais participante."

Em discurso depois da palestra, o presidente Fernando Henrique Cardoso defendeu a construção de uma ordem mundial mais democrática, em que se respeitem as diferenças. "O poder tem limites e, no mundo de hoje, não há país poderoso quando esse país não é capaz de ser sensível aos clamores do mun-

do", disse. "O poder mundial mais forte, mesmo o poder atômico, tem limites diante da formação de uma opinião pública mundial." Ele afirmou que o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, defende participação maior de países pacifistas, como o Brasil, mas isso deve ocorrer no âmbito das Nações Unidas.

"É chegada a hora de rever as posições do Conselho de Segurança, pois temos uma nova situação no mundo", disse. "Há um momento em que é preciso institucionalizar negociações e esse é o momento das Nações Unidas." No brinde antes do almoço que ofereceu a Annan, Fernando Henrique voltou a defender mudanças no conselho. "A eficácia não se dissocia da legitimidade", afirmou (L.B. e D.O.)

Presidente pede eliminação de armas nucleares

ISABEL BRAGA

BRASÍLIA - O presidente Fernando Henrique Cardoso pediu ontem, depois de assinar a adesão ao Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que a comunidade internacional defina um programa de eliminação de todas as armas nucleares. Para Fernando Henrique, "a paz e a confiança são indispensáveis" para a superação da pobreza e desenvolvimento nos países em desenvolvimento. A adesão ao TNP - aprovada no último dia 2 pelo Congresso - foi assinada na presença do secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, que esta no Brasil para uma visita oficial de quatro dias.

"Não queremos a bomba atômica", afirmou o presidente. "E a sua seria causa para tensão e desconfianças em nossa região e tornaria inviável o processo de integração que estamos crescentemente aprofundando para o bem-estar de nossos povos", disse. "Em vez de gastar escassos recursos em produção de armas que não têm justificativa de nenhum ponto de vista, estamos investindo na estabilidade, no desenvolvimento, na redução das disparidades sociais e regionais."

Fernando Henrique também assinou a ratificação do Tratado para a Proibição Completa de Testes Nucleares (CTBT). Ele agradeceu ao Congresso pela aprovação dos dois tratados e afirmou que a adesão aos acordos confere todas as credenciais necessárias na área de não-proliferação. Para o presidente, isso permitirá a consolidação de medidas internas e externas, "inclusive, em parceria com a Argentina", país com o qual o Brasil firmou, desde 1991, acordo para uso pacífico da energia nuclear.

O tratado de não-proliferação nuclear está em vigor desde 1970 e conta hoje com a assinatura de 185 países. O Brasil demorou a aderir ao acordo porque entendia que ele dava tratamento diferenciado às nações.



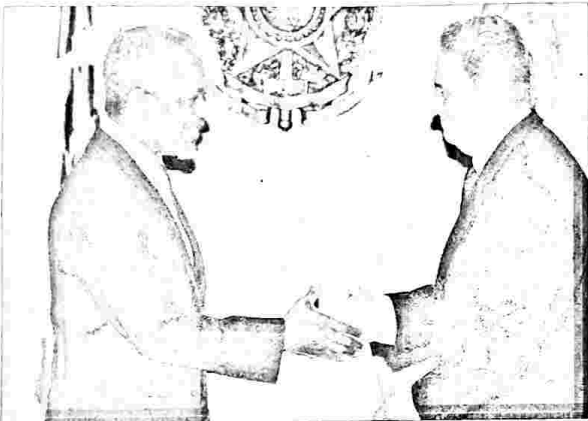
Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
 Veículo GAZETA DO POVO - JURITIBA
 Data: 14.07.98
 Seção: NACIONAL Página 15

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
 Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

FHC ratifica tratado e pede fim de arma atômica

Para o presidente, a assinatura permite consolidação de medidas internas e externas quanto aos países parceiros do Mercosul

Brasília (AE) — O presidente Fernando Henrique Cardoso propôs ontem, após assinar a adesão ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que a comunidade internacional defina um programa de eliminação de todas as armas nucleares. Para Fernando Henrique, "a paz e a confiança são indispensáveis" para a superação da pobreza e desnutrição nos países em desenvolvimento. A adesão ao TNP — aprovada no último dia 2 pelo Congresso Nacional — foi assinada na presença do secretário-geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, em viagem oficial de quatro dias ao Brasil.



Secretário Kofi Annan foi recebido ontem pelo presidente Fernando Henrique.

"Não queremos a bomba atômica", afirmou o presidente. "Ela só seria causa para a tensão e desconfianças em nossa região e inviabilizaria o processo de integração que estamos crescentemente aprofundando para o bem-estar de nossos povos", argumentou. "Em vez de gastar escassos recursos em projetos de armas que não tem justificativa de nenhum ponto de vista, estamos investindo na estabilidade, no desenvolvimento, na redução das disparidades sociais e regionais".

Fernando Henrique condenou os testes nucleares realizados recentemente no Sul da Ásia. Para o presidente, a força das nações não deve ser medida pelo potencial de armas nucleares que elas possuem. Ele argumentou que, nos dias de hoje, o que conta para a inserção de forma positiva e influente no cenário internacional é a capacidade do país em competir no campo econômico e garantir a

coesão social e o caráter democrático de suas instituições.

Testes

O presidente também assinou ontem a ratificação do Tratado para a Proibição Completa de Testes Nucleares (CTBT). Ele agradeceu ao Congresso pela aprovação dos dois tratados e afirmou que a adesão aos acordos confere todas as credenciais possíveis na área de não-proliferação. Para o presidente, isto permitirá a consolidação de medidas internas e externas, "inclusive em parceria com a nossa vizinha Argentina", país com o qual já possuiu — desde 1991 — acordo para uso pacífico da energia nuclear.

O tratado de não-proliferação nuclear está em vigor desde 1970 e conta hoje com a assinatura de 185 países. O Brasil demorou a aderir ao tratado porque entendia que ele dava tratamento diferenciado às nações. "Ele proíbe a proliferação de armas, mas não obrigava as grandes nações — que já possuíam armas nucleares — a reduzir seus arsenais", explicou um diplomata. Em 1988, a

Constituição Federal proibiu a utilização da energia nuclear, exceto para fins pacíficos.

O Brasil defende o acordo de proibição completa de testes nucleares desde 1962 e, ao lado de outros 127 países, apoiou a apresentação dele à Assembleia Geral da ONU. O texto foi aprovado em 1996, com o voto favorável de 158 países. O Brasil foi o décimo quinto país a ratificar — assinar, depois de obter a aprovação parlamentar — o tratado.

A intenção do CTBT é banir os testes nucleares em todos os tipos de ambientes: na atmosfera, sob a água e sob o solo. Haverá um sistema de monitoramento internacional que conta com uma rede de 321 estações divididas em quatro tipos, de acordo com a tecnologia empregada: sismológicas, de radionúcleos, hidroacústicas e de infrassom. "Ver o presidente assinar estes acordos foi um momento de inspiração para mim", afirmou o secretário Annan. "A adesão do Brasil aos acordos é um presente para o mundo e para as próximas gerações."

Annan aponta "desigualdades dolorosas" no Brasil

Brasília (AE) — Em sua primeira visita ao Brasil, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, fez ontem uma crítica direta às condições de vida dos brasileiros, com



possuem. Ele argumentou que elas dias de hoje, o que conta para a inserção de forma positiva e influente no cenário internacional é a capacidade do país em competir no campo econômico e garantir a

países. O Brasil demorou a aderir ao tratado porque entendia que ele dava tratamento diferenciado às nações. "Ele proibia a proliferação de armas, mas não obrigava as grandes nações — que já possuíam armas nucleares — a reduzir seus arsenais", explicou um diplomata. Em 1988, a

com a assinatura de 185 países, de radionúcleos, hidrodinâmicas e de infrassom. "Ver o presidente assinar estes acordos foi um momento de inspiração para mim", afirmou o secretário Annan. "A adesão do Brasil aos acordos é um presente para o mundo e para as próximas gerações."

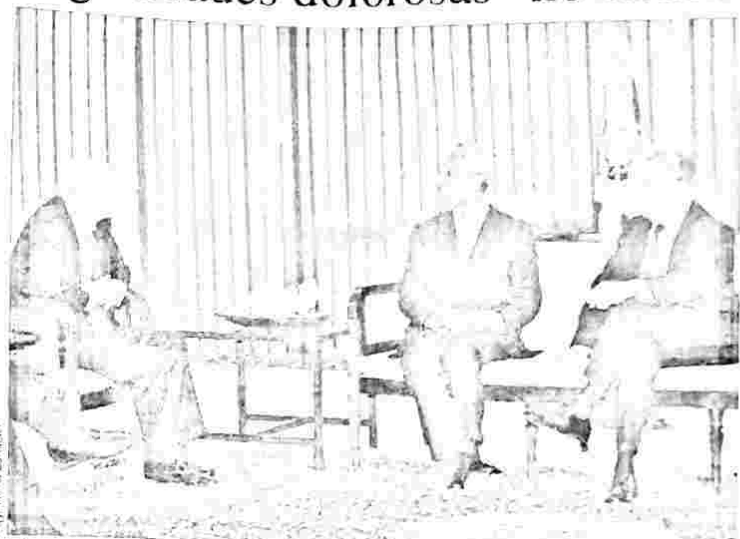
Annan aponta "desigualdades dolorosas" no Brasil

Brasília (AE) — Em sua primeira visita ao Brasil, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, fez ontem uma análise crítica da conjuntura do país. Durante uma palestra proferida no Itamaraty, Annan destacou os avanços promovidos pelo Plano Real e chamou especial atenção para as desigualdades sociais que assolam os brasileiros. "O Brasil deu um salto extraordinário desde que o Plano Real foi introduzido", afirmou. "Mas vocês também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem".

Segundo ele, a estabilização da economia e o controle da inflação foram conquistas importantes, mas a questão social continua impondo preocupações. "São Paulo, que eu terei o prazer de visitar amanhã (hoje), seria a vigésima economia do mundo se fosse uma nação por si só", discursou Annan. "No entanto, as favelas que eu vi no Rio de Janeiro, há dois dias, poderiam perfeitamente estar em um outro país", emendou o secretário-geral da ONU. "Os meninos de rua não sabem nada sobre os arranha-céus reluzentes, onde enormes fortunas são geradas todos os dias. E no Nordeste do Brasil existem situações semelhantes às das partes mais pobres da África."

"Somos hoje um país que reencontrou o caminho do crescimento econômico e que coloca como objetivo prioritário a correção de graves injustiças sociais herdadas do passado", respondeu o presidente Fernando Henrique Cardoso, durante brinde que precedeu almoço oferecido ao secretário-geral da ONU após a palestra.

Diplomático, Kofi Annan reiterou sua esperança de que as autoridades brasileiras realizem os



Ricupero participa da reunião de Annan e FHC para assinatura de acordos.

esforços necessários para corrigir as distorções sociais no país e vinculou a paz mundial a uma situação de progresso econômico e justiça social. "O presidente Fernando Henrique Cardoso deixou claro que o Brasil precisa tratar destas desigualdades", disse. "Eu sei que a sua cultura de paz os impele a confrontar tais desigualdades de maneira corajosa", acrescentou.

Com o auditório lotado, a palestra do secretário-geral — cujo tema foi "a cultura da paz" — durou pouco mais de 20 minutos. Kofi Annan reiterou sua satisfação por vir ao Brasil, e, lembrando o arquiteto Lúcio Costa — um dos idealizadores da capital federal, morto recentemente —, afirmou ter vindo "com a mente aberta". O diplomata também ressaltou a participação ativa do país nos esforços pela manutenção da paz mundial e o bom relacionamento com as Nações Unidas.

"Vocês colaboraram de maneira excepcional para as nossas operações de manutenção de paz", disse Annan. "Tenho certeza de que veremos seu papel na manutenção da paz recuperar os índices impressionantes do passado."

Ele destacou ainda, que a globalização traz desafios "sem passaportes", que exigem soluções "sem fronteiras" e que o Brasil "está preparado para cumprir integralmente a sua parte". Kofi Annan comentou que uma das maiores preocupações deste momento é com o quadro de membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas, cuja atual configuração merece revisão. "Permitam-me dizer que há um consenso de que a atual configuração do Conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje", afirmou o secretário-geral. "Ele deve estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nossos dias."

País tem credencial para ONU, diz secretário

Brasília (AE) — Em viagem de quatro dias ao Brasil, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas não apoiou diretamente a candidatura do Brasil a uma vaga permanente no Conselho de Segurança. Mas elogiou a atuação do Brasil nos diferentes órgãos da ONU, como o apoio às reformas administrativas promovidas por ele. "O Brasil tem hoje um papel de liderança na ONU e as credenciais brasileiras estão estabelecidas", destacou Annan. "O Brasil é um dos países-membros da ONU mais ativos na manutenção da paz e tem potencial para ser ainda mais participante".

O presidente Fernando Henrique Cardoso aproveitou a visita de Annan para também defender a

construção de uma ordem mundial mais democrática, em que se respeite as diferenças de capacidade econômica e de ação social. "Todos sabemos que o poder tem limites e que, no mundo de hoje, não há país poderoso, quando esse país não é capaz de ser sensível aos clamores do mundo", afirmou em discurso feito de improviso após a aula inaugural de Annan. "O poder mundial mais forte, mesmo o poder atômico, tem limites diante da formação de uma opinião pública mundial".

Fernando Henrique afirmou que o presidente americano, Bill Clinton, já defende uma participação maior de países pacifistas, como o Brasil, mas que isto deve acontecer no âmbito das

Nações Unidas. "É chegada a hora de rever as posições do Conselho de Segurança, porque nós temos uma nova situação no mundo", afirmou. "Há um momento em que é preciso institucionalizar as negociações e este é o momento das Nações Unidas." No brinde feito antes do almoço que ofereceu ao secretário-geral da ONU, Fernando Henrique voltou a defender mudanças no Conselho de Segurança. "A eficácia não se dissocia da legitimidade", afirmou o presidente para justificar o aprimoramento do conselho. Fernando Henrique enfatizou que mesmo não sendo membro permanente, o Brasil tem contribuído ativamente nas diversas decisões da entidade.

ação do disco
do HP Project
em 1993 em
unidade para
espina contra
est. de a.anda

ATI Mobility R
4550 Graphic
de 7.5m. med
que aponta
penha, e em
a. gráfica. e

owes* 7 Professional - 1ed
1. precisa para o trabalho e

Real de transfer de imagem



RICARDO
FHC

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Cliente: DIÁRIO DA TARDE - BH
Veículo: 14.07.98
Data: NACIONAL
Seção: Pagina 05



KOFI ANNAN ontem no Planalto, em audiência com FHC

Secretário da ONU: Brasil tem "desigualdades dolorosas"

BRASÍLIA - Em sua primeira visita ao Brasil, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, fez ontem uma análise crítica da conjuntura do País. Durante uma palestra proferida no Itamaraty, Annan destacou os avanços promovidos pelo Plano Real e chamou especial atenção para as desigualdades sociais que assolam os brasileiros.

"O Brasil deu um salto extraordinário desde que o Plano Real foi introduzido", afirmou. "Mas vocês também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem."

FAVELAS

Segundo ele, a estabilização da economia e o controle da inflação foram conquistas importantes, mas a questão social continua impondo preocupações. "São Paulo, que eu terei o prazer de visitar hoje, seria a vigésima economia do mundo se fosse uma nação por si só", discursou Annan. "No entanto, as favelas que eu vi no Rio de Janeiro, há dois dias, poderiam perfeitamente estar em um outro país", emendou o secretário-geral da ONU. "Os meninos de rua não sabem nada sobre os arranha-céus reluzentes, onde enormes fortunas são geradas todos os dias. E no Nordeste do Brasil existem situações semelhantes às das partes mais pobres da África."

"Somos hoje um País que reencontrou o caminho do crescimento econômico e que coloca como objetivo prioritário a correção de graves injustiças sociais herdadas do passado", respondeu o presidente Fernando Henrique Cardoso, durante brinde que precedeu almoço oferecido ao secretário-geral da ONU após a palestra.

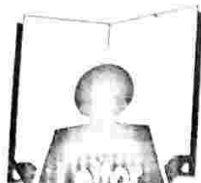
Diplomático, Kofi Annan reiterou sua esperança de que as autoridades brasileiras realizem os esforços

necessários para corrigir as distorções sociais no País e vinculou a paz mundial a uma situação de progresso econômico e justiça social. "O presidente Fernando Henrique Cardoso deixou claro que o Brasil precisa tratar destas desigualdades", disse. "Eu sei que a sua cultura de paz os impele a confrontar tais desigualdades de maneira corajosa", acrescentou.

Com o auditório lotado, a palestra do secretário-geral - cujo tema foi "a cultura da paz" - durou pouco mais de 20 minutos. Kofi Annan reiterou sua satisfação por vir ao Brasil, e, lembrando o arquiteto Lúcio Costa - um dos idealizadores da capital federal, morto recentemente -, afirmou ter vindo "com a mente aberta". O diplomata também ressaltou a participação ativa do País nos esforços pela manutenção da paz mundial e o bom relacionamento com as Nações Unidas.

"Vocês colaboraram de maneira excepcional para as nossas operações de manutenção de paz", disse Annan. "Tenho certeza de que veremos seu papel na manutenção da paz recuperar os índices impressionantes do passado."

Ele destacou ainda, que a globalização traz desafios "sem passaportes", que exigem soluções "sem fronteiras" e que o Brasil "está preparado para cumprir integralmente a sua parte". Kofi Annan comentou que uma das maiores preocupações deste momento é com o quadro de membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas, cuja atual configuração merece revisão. "Permitam-me dizer que há um consenso de que a atual configuração do Conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje", afirmou o secretário-geral. "Ele deve estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nossos dias." (AE)



RECORTES

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo GAZETA DE ALAGOAS - MACEIÓ
Data: 14.07.98
Seção: NACIONAL

Página

A-12

Secretário da ONU aponta desigualdades no Brasil

Kofi Annan realiza sua primeira visita ao País e faz palestra

Brasília - Em sua primeira visita ao Brasil, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, fez ontem uma análise crítica da conjuntura do País. Durante uma palestra proferida no Itamaraty, Annan destacou os avanços promovidos pelo Plano Real e chamou especial atenção para as desigualdades sociais que assolam os brasileiros. "O Brasil deu um salto extraordinário desde que o Plano Real foi introduzido", afirmou. "Mas vocês também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem."

Segundo ele, a estabilização da economia e o controle da inflação foram conquistas importantes, mas a questão social continua impondo preocupações. "São Paulo, que eu terei o prazer de visitar amanhã (hoje), seria a vigésima economia do mundo se fosse uma nação por si só", discursou Annan.

"No entanto, as favelas que eu vi

no Rio de Janeiro, há dois dias, poderiam perfeitamente estar em um outro país", emendou o secretário-geral da ONU. "Os meninos de rua não sabem nada sobre os arranha-céus reluzentes, onde enormes fortunas são geradas todos os dias. E no Nordeste do Brasil existem situações semelhantes às das partes mais pobres da África."

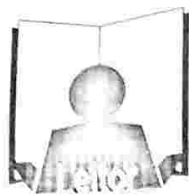
Resposta

"Somos hoje um País que reencontrou o caminho do crescimento econômico e que coloca como objetivo prioritário a correção de graves injustiças sociais herdadas do passado", respondeu o presidente Fernando Henrique Cardoso, durante brinde que precedeu almoço oferecido ao secretário-geral da ONU após a palestra.

Diplomático, Kofi Annan reiterou sua esperança de que as autoridades brasileiras realizem os es-

forços necessários para corrigir as distorções sociais no País e vinculou a paz mundial a uma situação de progresso econômico e justiça social. "O presidente Fernando Henrique Cardoso deixou claro que o Brasil precisa tratar destas desigualdades", disse. "Eu sei que a sua cultura de paz os impele a confrontar tais desigualdades de maneira corajosa", acrescentou.

Com o auditório lotado, a palestra do secretário-geral - cujo tema foi "A Cultura da Paz" - durou pouco mais de 20 minutos. Kofi Annan reiterou sua satisfação por vir ao Brasil, e, lembrando o arquiteto Lúcio Costa - um dos idealizadores da capital federal, morto recentemente -, afirmou ter vindo "com a mente aberta". O diplomata também ressaltou a participação ativa do País nos esforços pela manutenção da paz mundial e o bom relacionamento com as Nações Unidas.



RECORTES

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Associação das Nações Unidas do Brasil
Cliente _____
Veículo O GLOBO - RJ
Data: 14.07.98
Seção: ...

Página

01

FH insere Brasil em tratado antinuclear

Secretário da ONU defende mudança no Conselho de Segurança e Clinton diz que país dá exemplo

• O presidente Fernando Henrique assinou a adesão ao Tratado sobre a Não-Proliferação de Armas Nucleares e ratificou a posição favorável do Brasil ao Tratado de Proibição Completa de Testes Nucleares. Ele disse que o país não quer a bomba atômica e que é melhor gastar com a estabilidade e o combate às desigualdades. O se-

cretário-geral da ONU, Kofi Annan, defendeu mudanças no Conselho de Segurança da ONU, do qual o Brasil quer fazer parte, destacando o papel do país nas forças de paz. O presidente dos EUA, Bill Clinton, mencionou o Brasil, como um exemplo a ser seguido por seu próprio país, em termos de segurança internacional. **Página 3**



RECORTES

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Telex: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

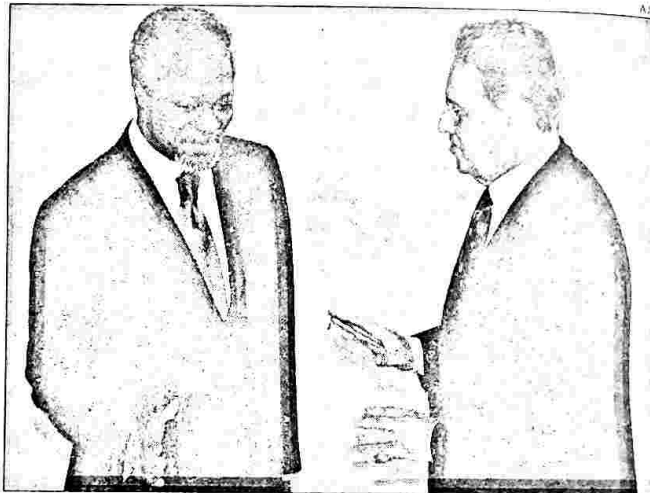
Associação dos Nações Unidas do Brasil
Cliente: DIÁRIO POPULAR - SP
Veículo: 14.07.98
Data: POLÍTICA
Seção: Página 08

Secretário-geral da ONU pede fim de desigualdades sociais

BRASÍLIA — Ao assinar ontem a adesão ao Tratado sobre a Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP), o presidente Fernando Henrique Cardoso disse que o Brasil não quer a bomba atômica e que é melhor gastar os "escassos recursos" do governo na estabilidade econômica e no combate às desigualdades sociais do que em projetos armamentistas. Em campanha para que o Brasil seja incluído no Conselho de Segurança da ONU, Fernando Henrique defendeu que as Nações Unidas liderem um programa em favor da eliminação de todas as armas nucleares em poucos anos.

Ao lado de Fernando Henrique, o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, elogiou os avanços do País depois da implantação do Plano Real, mas também ressaltou as "dolorosas desigualdades" existentes no Brasil. Em sua primeira viagem ao Brasil, Kofi Annan citou como exemplos de pobreza as favelas do Rio de Janeiro e áreas do Nordeste.

Kofi Annan pediu que o governo resolva as desigualdades sociais, citando as favelas do Rio de Janeiro e o problema dos meninos de rua. Ele disse que a ONU será parceira do Brasil na luta pelo desen-



KOFI ANNAN reúne-se com presidente para adesão a acordo

volvimento e pela justiça social.

"O Brasil deu um salto extraordinário desde que o Plano Real foi introduzido. Vocês atingiram a estabilidade e reduziram drasticamente sua taxa de inflação. Mas vocês também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem. São Paulo, que terei o prazer de visitar amanhã (hoje), seria a vigésima economia do mundo se fosse uma nação por si só. No entanto, as favelas que vi no Rio de

Janeiro, há dois dias, poderiam estar perfeitamente em outro país. Os meninos de rua não sabem nada sobre os arranha-céus reluzentes, onde enormes fortunas são geradas todos os dias. E no Nordeste do Brasil existem situações semelhantes às das partes mais pobres da África", disse Kofi Annan.

Segurança

Kofi Annan ainda defendeu mudanças no Conselho de Segurança da ONU, destacando o pa-

pel desempenhado pelo Brasil principalmente nas forças de paz. As declarações de Kofi Annan foram bem recebidas pela diplomacia brasileira. O secretário-geral da ONU disse que o Brasil tem sido um "amigo constante e leal" das Nações Unidas. Brasil e Argentina disputam a vaga como membro permanente no Conselho de Segurança da ONU.

A resposta do presidente veio durante o brinde que os dois fizeram no almoço realizado no Itamaraty: Fernando Henrique disse que o Brasil reencontrou o caminho do crescimento econômico e que agora sua prioridade é corrigir "graves injustiças sociais". Nesse momento, o presidente afirmou que essas injustiças foram heranças de governos anteriores.

Além de aderir ao TNP, o Brasil também ratificou sua posição favorável ao Tratado de Proibição Completa de Testes Nucleares (CTBT). O TNP está em vigor desde 1970 e hoje tem a adesão de 185 países. O Congresso brasileiro aprovou o TNP no dia dois, o que possibilitou a adesão de ontem pelo governo. Já a Constituição brasileira de 1988 proibiu a utilização da energia nuclear para fins que não sejam pacíficos.



Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo A GAZETA ESPORTIVA - SP
Data: 14.07.98
Seção: ... Página 19

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

FHC diz não à bomba atômica

O presidente Fernando Henrique Cardoso assinou ontem o Tratado de Não-proliferação de Armas Nucleares e reforçou a proibição de testes nucleares em território brasileiro, durante encontro com o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, no Palácio do Planalto.

FHC disse que o Brasil não quer a bomba atômica e classificou a arma como uma "opção nefasta". Para o presidente, a ONU deveria trabalhar mais para eliminar os arsenais nucleares que existem hoje em vários países.

FHC acrescentou que as nações não devem sobressair pelo potencial bélico, mas pelo desenvolvimento, a escolha brasileira. "O Brasil prefere gastar dinheiro no trabalho contra a pobreza, no desenvolvimento social, a gastar com armas nucleares", afirmou FHC. O presidente considerou que uma investida do Brasil nessa área geraria desconfiança aos países vizinhos e inviabilizaria o Mercosul.

Na solenidade, o presidente reafirmou o interesse do Brasil em integrar o conselho de Segurança da

ONU e também cobrou modificações na estrutura da organização.

"O objetivo do Brasil em apoiar a reforma da ONU é para que possamos ser úteis. Compartilhamos a opinião de que é hora de rever a estrutura do conselho. Defendemos modificações que tornem a ONU mais representativa da ordem mundial", disse Fernando Henrique.

Como exemplo da atitude brasileiro frente aos conflitos, o presidente lembrou a participação brasileira no conflito Equador e Peru, nas disputas na África e no reconhecimento da autonomia no Timor Leste.

O Tratado de Não-proliferação de Armas Nucleares é um compromisso dos países de não desenvolverem pesquisas nucleares para uso em guerras enquanto o Tratado para a Proibição Completa dos Testes Nucleares impede os países que já têm armas nucleares de aperfeiçoar o arsenal.

Ao final da assinatura dos acordos, Kofi Annan deu uma aula magna para os alunos do Instituto Rio Branco.



Annan e FHC se cumprimentam na assinatura dos acordos



RECORTES

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo FOLHA DE S. PAULO - SP
Data: 14.07.98
Seção: COPA 98 Página 4-5

Sergio Lima/Folha Imagem



À FRANCESA Fernando Henrique Cardoso usa camisa e gravata que lembram as cores da França na recepção ao secretário-geral da ONU, Kofi Annan. A camisa era branca e azul e a gravata, azul e vermelha



Annan cobra ação social de FHC

Secretário geral da ONU elogia estabilidade econômica, mas critica 'desigualdades dolorosas'

Jorge Vasconcelos
 Da ANU, em Brasília

O secretário geral da ONU (Organização das Nações Unidas), Kofi Annan, em visita oficial ao Brasil, elogiou ontem a estabilização da economia brasileira, mas cobrou uma solução para as desigualdades sociais do país, fazendo coro com discurso dos adversários de campanha do presidente Fernando Henrique Cardoso.

"O Brasil deu um salto extraordinário desde que o Plano Real foi introduzido. Vocês atingiram a estabilidade e reduziram drasticamente a inflação. Mas vocês também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem. No Nordeste existem situações semelhantes às partes mais pobres da África", afirmou.

O discurso do secretário geral contradiz o próprio presidente brasileiro, que, há duas semanas, para reforçar sua campanha à reeleição, anunciou que a ONU divulgará um documento mostrando os avanços sociais conquistados pelo Brasil.

Annan deu a declaração durante aula magna proferida no Ministério das Relações Exteriores, ao lado de Fernando Henrique, após solenidade no Palácio do Planalto, onde presenciou a assinatura, pelo presidente brasileiro, de instrumentos de ratificação do CTBT (Tratado de Proibição Total de Testes Nucleares) e de adesão ao TNP (Tratado de Não-Proliferação Nuclear).

Annan deu a declaração durante aula magna proferida no Ministério das Relações Exteriores, ao lado de Fernando Henrique, após solenidade no Palácio do Planalto, onde presenciou a assinatura, pelo presidente brasileiro, de instrumentos de ratificação do CTBT (Tratado de Proibição Total de Testes Nucleares) e de adesão ao TNP (Tratado de Não-Proliferação Nuclear).

País busca cadeira no Conselho da ONU

Da APN, em Brasília

O presidente Fernando Henrique Cardoso deu mais um passo na campanha pela entrada do Brasil no Conselho de Segurança da ONU (Organização das Nações Unidas), ao assinar ontem o CTBT e o TNP, tratados que impedem a proliferação de armas nucleares.

Na cerimônia, Fernando Henrique defendeu que todos os países, em conjunto, progridam a elaboração, em conjunto, programa de eliminação dessas armas num prazo definido.

O presidente aproveitou a ocasião para lembrar que o Brasil hoje goza de respeito internacional, sendo "um interlocutor respeitável". Ele se referiu a um dos pré-requisitos para ingresso no Conselho de Segurança da ONU, onde os membros estão credenciados para apoiar ou barrar políticas externas adotadas pelos países membros.

FHC afirmou que conta com o apoio da Argentina na política

Na aula magna, Annan elogiou a liderança brasileira na busca pela paz na América do Sul, a participação do país nos processos de paz em Moçambique e Angola e a assinatura dos dois instrumentos de não-proliferação de armas. No entanto, destacou que isso é insuficiente para se alcançar a paz entre os povos.

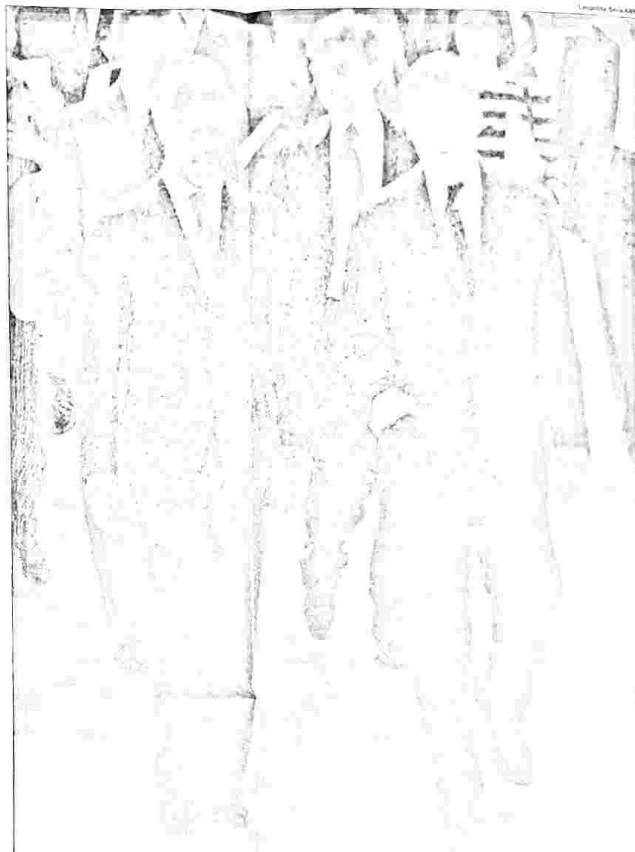
"A paz em nível global dependerá, também, não apenas do gerenciamento de conflitos armados, mas da obtenção do progresso econômico e social dos povos do mundo. Dependerá da nossa habilidade em promover e salvaguardar a segurança humana em todos os seus aspectos. Estamos agora a 18 meses do novo milênio", lembrou Annan.

Para ele, os principais problemas enfrentados hoje pela humanidade são "destruição ambiental, tráfico de drogas duas vezes maior que a indústria de veículos automotores, pro-

liferação de armas nucleares e epidemia de Aids que expôs os trágicos hiatos entre os ricos e pobres".

Após a aula magna, o secretário geral almoçou no Ministério das Relações Exteriores e visitou o Congresso Nacional. De lá, seguiu para a Base Aérea de Brasília, onde embarcou para São Paulo.

Hoje, às 13h, Kofi Annan será recebido pelo governador de São Paulo em exercício, Geraldo Alckmin Filho, no Palácio dos Bandeirantes. Às 15h30, segue para Montevidéu, capital do Uruguai, onde dará continuidade à visita oficial à América do Sul. □



Kofi Annan, secretário geral da ONU, ao lado de Fernando Henrique, durante solenidade em Brasília

Mandela chega na segunda e discute acordos bilaterais

Brasília
 Da A/B

Depois do secretário geral da ONU, Kofi Annan, será a vez do presidente da África do Sul, Nelson Mandela, visitar o Brasil.

Mandela chegará a Brasília na próxima segunda-feira, mas sua visita oficial ao presidente Fernando Henrique Cardoso ocorrerá apenas no dia seguinte. Na quarta, ele estará embarcando para a Argentina, também em "visita de Estado", mas vai participar, como convidado especial, da reunião de cúpula dos presidentes do Mercosul, no dia 24, em Ushuaia, Argentina.

De acordo com o conselheiro José Fiúza Neto, chefe da Divisão da África II do Itamaraty, a visita de Mandela - retribuindo a que lhe fez, em 1996, o presidente Fernando Henrique Cardoso - já estava prevista há algum tempo, e foi o governo sul-africano que propôs a data.

O presidente da África do Sul, que estará completando 80 anos no próximo sábado e está no último ano de governo, tem evitado viagens ao exterior, mas fez questão de marcar o "adensamento" das relações bilaterais com o Brasil e, no âmbito multilateral, com o Mercosul.

Embora o programa oficial de Mandela não esteja ainda fechado, ao fim da visita ao presidente Fernando Henrique será assinado um memorando de entendimento sobre consultas bilaterais de alto nível entre os países, prevendo consultas sistemáticas na área política e encontros anuais dos chefes de Estado.

Política

Ainda segundo o conselheiro José Fiúza Neto, a visita será eminentemente política, embora haja, no momento, 13 acordos bilaterais sendo negociados pelos dois governos.

Provavelmente, os chanceleres

assinarão um tratado sobre troca de presos, na linha de que prisioneiros brasileiros na África do Sul e vice-versa cumpram suas penas em seus países de origem. Também está prevista a assinatura de um acordo de cooperação técnica.

Comércio

As relações comerciais entre os dois países atingem, no momento, cerca de US 700 milhões. O volume de exportações e importações é equilibrado, com um pequeno superávit pró-Brasil, em vista da exportação crescente de automóveis Corsa, fabricados pela General Motors do Brasil.

Em Ushuaia, na reunião de cúpula dos presidentes do Mercosul, espera-se que seja assinado um instrumento de cooperação com a Southern African Development Commission, semelhante ao que foi firmado recentemente, com o Canadá.

Clinton diz que ato é medida histórica

Washington
 T-3 AP

O presidente norte-americano Bill Clinton cumprimentou ontem o Brasil por ter ratificado o CTBT (Tratado de Proibição Total de Testes Nucleares) e pediu ao Senado norte-americano para fazer o mesmo para os Estados Unidos.

Em uma declaração ditada pela Casa Branca, Bill Clinton prestou homenagem ao presidente brasileiro Fernando Henrique Cardoso e aos dirigentes do Brasil por terem adotado essa "medida histórica".

Clinton também felicitou o Brasil por sua adesão ao TNP (Tratado de Não-Proliferação Nuclear).

Segundo ele, a decisão do Brasil dá um novo impulso aos esforços internacionais para deter a proliferação das armas nucleares e promover o desarmamento mundial, após testes nucleares realizados em maio passado por Índia e Paquistão.

A ratificação do CTBT pelo Brasil torna ainda mais importante que os Estados Unidos façam o mesmo, assinalou Clinton.

Rapidez

O presidente norte-americano solicitou ao Senado de seu país para agir "rapidamente" a fim de ratificar o tratado, que já foi assinado por 149 países. A ratificação permitirá aos Estados Unidos "ficarem à frente deste esforço vital".

HP Pavilion dv
 Unidade Blu-ray Disc
 Windows

Cliente: _____
 Veículo: FOLHA DE S. PAULO - SP
 Data: 14.07.98
 Seção: OPINIÃO

Página 1-2



RECORTES

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
 Tels: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Enquanto é tempo

ELIANE CANTANHÊDE

Brasília — O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, veio ao Brasil em nome da paz. Mas não deixou de meter o dedo na nossa ferida, ontem, ao proferir aula magna no Itamaraty.

Depois de elogiar o Real e a estabilidade econômica, destacou que as "desigualdades dolorosas" permanecem.

Disse que São Paulo seria a 20ª economia do mundo se fosse um país, mas lembrou as favelas do Rio e os meninos de rua, que "não sabem nada sobre os arranha-céus reluzentes, onde enormes fortunas são geradas todos os dias".

E é claro que falou do Nordeste, "onde existem situações semelhantes às das partes mais pobres da África".

FHC vestiu a carapuça. Seu discurso não estava previsto, mas ele pediu a palavra, devolveu os elogios ao Real com simpáticas referências ao próprio Annan e disse que a paz no Brasil tem dois objetivos primordiais: direitos humanos e combate à pobreza.

Annan deve ter pensado: "Já ouvi esse lero-lero em algum lugar". Mas ficou impassível, como bom diplomata.

Como regra, direitos humanos e combate à pobreza são refrão de campanha, não ação radical de governo. Por coincidência, ou não, os dois têm destaque no novo programa tucano.

Enquanto isso, a paz mundial passa pela economia. O FMI prometeu ontem US\$ 22,6 bilhões para a Rússia até 1999. O primeiro-ministro japonês, Ryutaro Hashimoto, renunciou depois de uma lavada nas eleições parlamentares, em meio à crise econômica.

Agourenta ou realista, vem a OCDE (uma das maiores agências de desenvolvimento do mundo) alertar que o mar não está para peixe, muito menos para os países emergentes. Citou a própria Rússia, a África do Sul e — como não? — o Brasil.

Se alguma coisa pode ser feita na área social, como reclama a ONU, que seja como naquelas votações de interesse do governo no Congresso: com urgência urgentíssima.

O tempo é curto e fugaz. Soluções mirabolantes e oficiais têm de ser encontradas durante a campanha. E antes que a crise entorne por aqui.

Tai. Essa pode até ser uma vantagem de campanhas com possibilidade de reeleição.



RECORTES

Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo FOLHA DE S.PAULO - SP
Data: 14.07.98
Seção: BRASIL

Página 1-4

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

CONTRAPONTO

Faturadinha até na ONU

O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, começou sua visita ao Brasil pela Bahia, no sábado, onde conversou longamente com ACM (PFL).

Ontem, Kofi Annan visitou o Senado Federal. Foi recebido pelo 1º vice-presidente da Casa, Geraldo Melo (PSDB-RN), que fez as vezes de cicerone.

O visitante estava interessado em conhecer a arquitetura de Oscar Niemeyer. Melo levou-o ao plenário do Senado. Annan achou o lugar "bonito, sem

luxo" e fez elogios a ACM.

Disse ter gostado do baiano e que ouvira falar que ele tinha muito poder em Brasília. De repente, perguntou a Geraldo Melo sobre o busto de Rui Barbosa, colocado atrás da Mesa Diretora do Senado.

Melo contou a ele quem era Rui Barbosa. No final, lembrando dos elogios de Annan a ACM, comentou, bem humorado:

— Isso é para você ver que a influência baiana no Senado vem de longe.



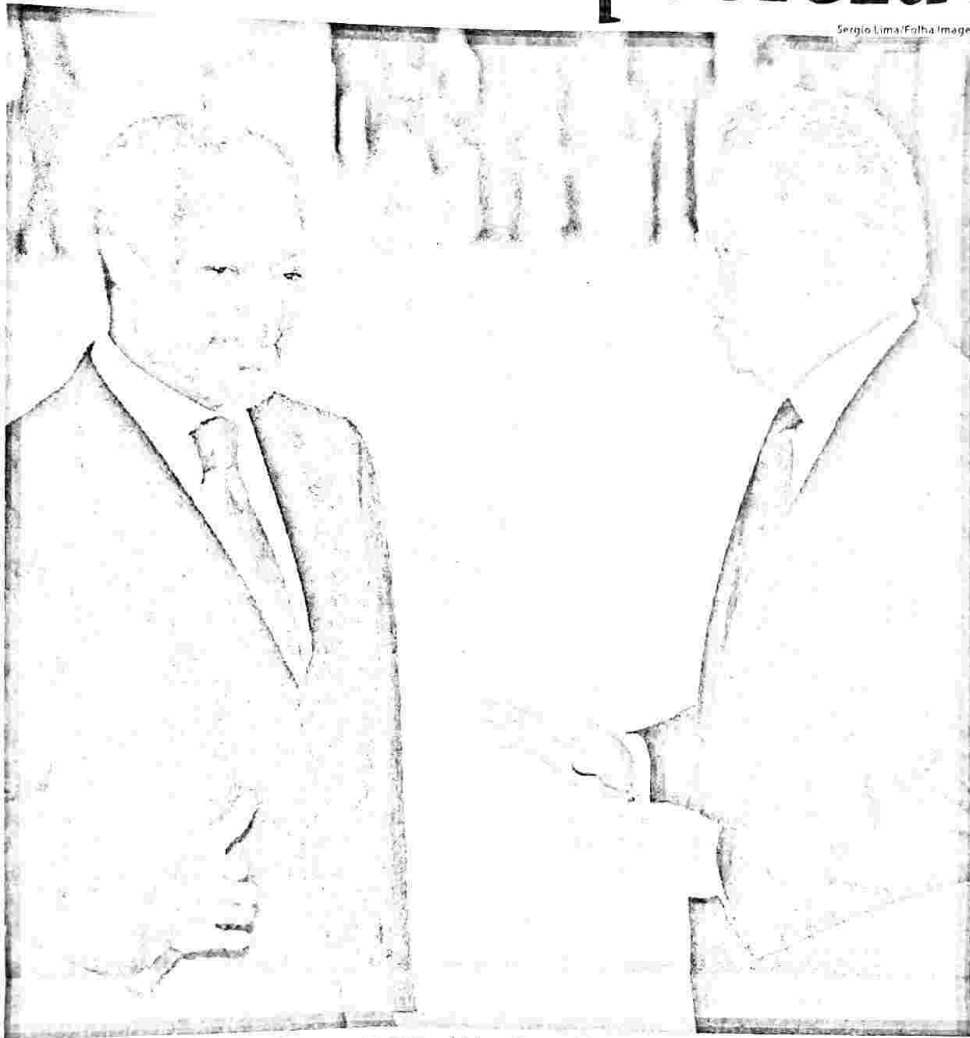
Cliente: ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
 Veículo: FOLHA DE S. PAULO - SP
 Data: 14.07.98
 Seção: BRASIL

Página 1-4

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
 Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

DIPLOMACIA *Annan elogia queda da inflação, mas fala de favelas e meninos de rua*

Ao lado de FHC, secretário da ONU cita pobreza no país



Sergio Lima/Folha Imagem

RENATA GIRALDI
da Sucursal de Brasília

O secretário-geral da ONU (Organização das Nações Unidas), Kofi Annan, disse ontem na frente do presidente Fernando Henrique Cardoso que o Brasil "deu um salto extraordinário" ao fazer o Plano Real e ao reduzir "drasticamente a inflação", mas chamou de "dolorosas" as desigualdades sociais que o país ainda mantém.

Ao caracterizar essas desigualdades, citou as favelas que viu no Rio, os meninos de rua e as regiões do Nordeste que se parecem com as "partes mais pobres da África".

O secretário-geral da ONU analisou o Brasil durante a aula magna que deu no auditório do Itamaraty. Além de FHC, estavam presentes os ministros Luiz Felipe Lampreia (Relações Exteriores) e Ronaldo Sardenberg (Assuntos Estratégicos), o governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque, Rubens Ricupero, secretário-geral da Unctad (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento), o embaixador dos EUA, Melvyn Levitsky, e dezenas de diplomatas das embaixadas creditadas em Brasília.

Há duas semanas, FHC anunciou que o país havia ingressado no grupo de países com "alto desenvolvimento humano", definido por um índice calculado pela ONU, o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano).

O presidente havia recebido os dados da ONU, que só fará a divulgação oficial em 9 de setembro. A entidade foi surpreendida pelo anúncio precipitado de FHC.

Ontem, Annan lembrou o tamanho "continental" do Brasil e a contribuição do país para os processos de paz em Angola e na fronteira entre Peru e Equador —dois conflitos ainda sem solução final.

Acrescentou que, com o Real, "você (brasileiros) atingiram a estabilidade e reduziram drasticamente a taxa de inflação".

Depois dos elogios, o secretário-geral emendou: "Você também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem. São países que eu teria o prazer de visitar amanhã (hoje), seria a vigésima economia do mundo se fosse

O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, ao ser recebido pelo presidente FHC, no Palácio do Planalto

Tucano diz que país não quer bomba

da Sucursal de Brasília

"Não queremos a bomba atômica", disse ontem o presidente Fernando Henrique Cardoso ao assinar a ratificação do Tratado de Proibição Completa de Testes Nucleares (CTBT).

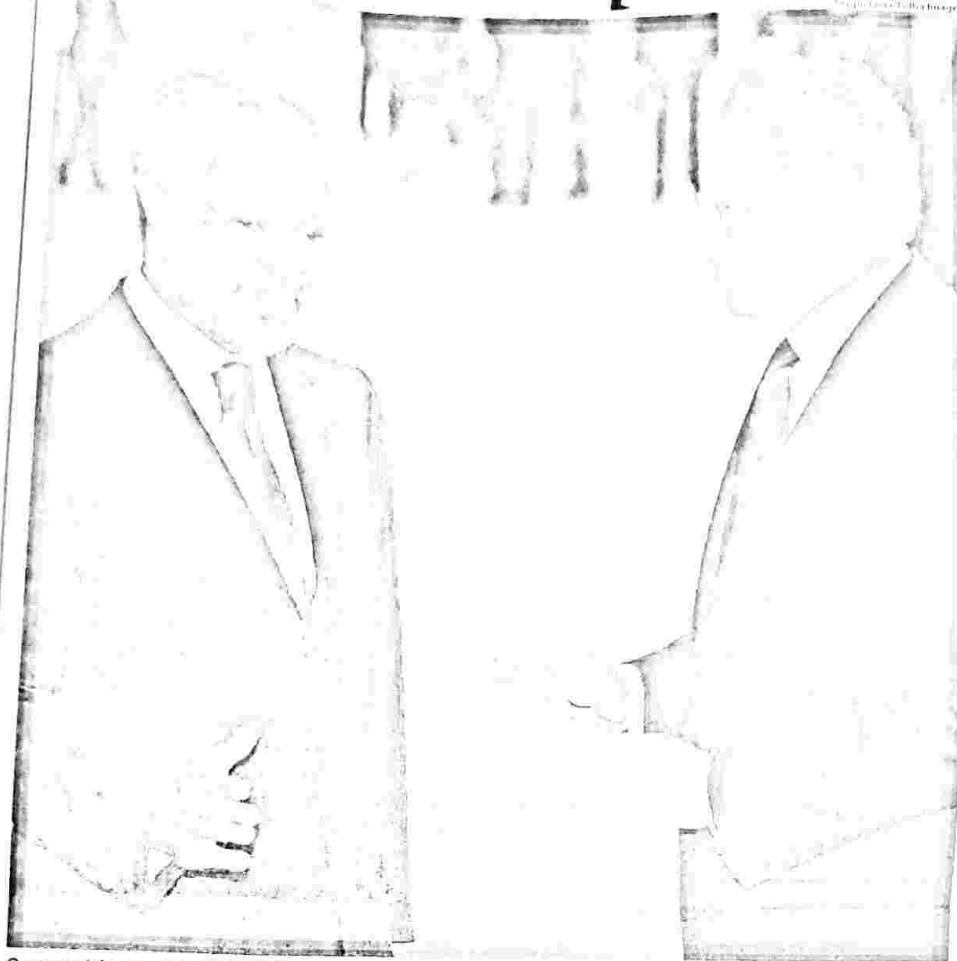
Kofi Annan defende reforma em conselho

da Sucursal de Brasília

O secretário-geral da ONU (Organização das Nações Unidas), Kofi Annan, defendeu ontem a ampliação da reforma do Conselho de Segurança da entidade. Segundo ele, a atual estrutura reflete

comportamento do Brasil na Copa do Mundo não foi exceção. Vocês não apenas elevaram o futebol a um estado de beleza, como fizeram com senso de fair-play (jogo limpo) do princípio ao fim.

"Eu sei que o Brasil está preparado para cumprir integralmente o compromisso. Ao longo do último ano,



O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, ao ser recebido pelo presidente FHC, no Palácio do Planalto

Tucano diz que país não quer bomba

da Sucursal de Brasília

"Não queremos a bomba atômica", disse ontem o presidente Fernando Henrique Cardoso ao assinar a ratificação do Tratado de Proibição Completa de Testes Nucleares (CTBT) e de adesão ao Tratado sobre a Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP).

"Engana-se quem pensa que quem tem a arma nuclear é mais forte", afirmou o presidente.

Para FHC, a bomba atômica "só seria causa para tensão e desconfiança em nossa região" e inviabilizaria o processo de integração "para o bem-estar dos povos" que ocorre na América do Sul.

Diante do secretário-geral da ONU, Kofi Annan, FHC disse que, em vez de gastar "escassos recursos em projetos de armas que não têm justificativa de nenhum ponto de vista", está investindo "na estabilidade, no desenvolvimento, na redução das disparidades sociais e regionais".

Defendendo, indiretamente, a campanha brasileira para tornar-se país titular do Conselho de Segurança da ONU, FHC disse que a assinatura dos acordos, entre outros motivos, "faz do Brasil um país respeitado, interlocutor confiável, capaz de dialogar de igual para igual com todas as nações do mundo, grandes ou pequenas".

Kofi Annan defende reforma em conselho

da Sucursal de Brasília

O secretário-geral da ONU (Organização das Nações Unidas), Kofi Annan, defendeu ontem a ampliação da reforma do Conselho de Segurança da entidade. Segundo ele, a atual estrutura reflete o mundo de 1945. "O conselho deve estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nossos dias."

Sem declarar apoio abertamente ao Brasil para ser membro permanente do novo conselho, em uma futura reforma, Annan elogiou o país. Para ele, o Brasil se tornou exemplo a partir da estabilidade econômica, por manter uma política de paz e da adesão e da ratificação dos tratados de não-proliferação de armas nucleares.

"Em área de assuntos internacionais, as credenciais do Brasil já estão plenamente asseguradas", disse Annan, afirmando em seguida que essas credenciais não são as mesmas exigidas para um país se tornar membro permanente.

Para o embaixador Rubens Ricupero, atual secretário-geral da Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e Desenvolvimento, Annan não disse que não apóia a candidatura brasileira, mas "fez uma alusão indireta" que o país deveria participar permanentemente do conselho.

"Estou satisfeito de notar que o

comportamento do Brasil na Copa do Mundo não foi exceção. Vocês não apenas elevaram o futebol a um estado de beleza, como fizeram com senso de fair-play (jogo limpo) do princípio ao fim."

"Eu sei que o Brasil está preparado para cumprir integralmente sua parte. Ao longo do último ano, vocês deram apoio inestimável aos nossos esforços de reforma e de condução da Organização por meio de um processo de renovação — tão necessário para torná-la mais relevante no século 21."

Em setembro, a Assembleia Geral da ONU dá início às discussões sobre as candidaturas e começa a definir os critérios para o ingresso dos países como membros permanentes do conselho. A definição depende de votos da assembleia que decidirão se há ou não necessidade de reforma.

Segundo diplomatas brasileiros, é impossível dizer quando ocorrerão as conclusões dessas discussões. Não há prazo estabelecido e elas podem durar anos.

França, Rússia, Reino Unido, China e EUA são membros permanentes do conselho. O Brasil ocupa uma vaga temporária. Se houver ampliação, cada continente terá uma cadeira permanente. Na América do Sul, a Argentina também disputa a vaga. "Não vejo conflitos nisso", disse Annan. (RIG)

O secretário-geral da ONU (Organização das Nações Unidas), Kofi Annan, disse ontem na frente do presidente Fernando Henrique Cardoso que o Brasil "deu um salto extraordinário" ao fazer o Plano Real e ao reduzir "drasticamente a inflação", mas chamou de "dolorosas" as desigualdades sociais que o país ainda mantém.

Ao caracterizar essas desigualdades, citou as favelas que viu no Rio, os meninos de rua e as regiões do Nordeste que se parecem com as "partes mais pobres da África".

O secretário-geral da ONU analisou o Brasil durante a aula magna que deu no auditório do Itamaraty. Além de FHC, estavam presentes os ministros Luiz Felipe Lampreia (Relações Exteriores) e Ronaldo Sardenberg (Assuntos Estratégicos), o governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque, Rubens Ricupero, secretário-geral da Unctad (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento), o embaixador dos EUA, Melvyn Levitsky, e dezenas de diplomatas das embaixadas creditadas em Brasília.

Há duas semanas, FHC anunciou que o país havia ingressado no grupo de países com "alto desenvolvimento humano", definido por um índice calculado pela ONU, o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano).

O presidente havia recebido os dados da ONU, que só fará a divulgação oficial em 9 de setembro. A entidade foi surpreendida pelo anúncio precipitado de FHC.

Ontem, Annan lembrou o tamanho "continental" do Brasil e a contribuição do país para os processos de paz em Angola e na fronteira entre Peru e Equador — dois conflitos ainda sem solução final.

Acrescentou que, com o Real, "vocês (brasileiros) atingiram a estabilidade e reduziram drasticamente a taxa de inflação".

Depois dos elogios, o secretário-geral emendou: "Vocês também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem. São Paulo, que eu terei o prazer de visitar amanhã (hoje), seria a vigésima economia do mundo se fosse uma nação por si só. No entanto, as favelas que vi no Rio de Janeiro, há dois dias, poderiam perfeitamente estar em outro país".

O secretário-geral da ONU usou ainda como exemplo da desigualdade social os meninos de rua e a riqueza dos locais por onde perambulam. "Os meninos de rua não sabem nada sobre os arranha-céus reluzentes, onde enormes fortunas são geradas todos os dias. E, no Nordeste, existem situações semelhantes às das partes mais pobres da África."

O discurso de Annan fez com que o presidente quebrasse o protocolo e respondesse aos comentários do secretário-geral. FHC afirmou que a melhor qualidade de vida do país depende do governo, que deve priorizar o combate à pobreza, entre outras mazelas.

"E a esperança, hoje, está toda ela na capacidade que os povos venham a ter, por meio de seus governos, da manutenção de paz, do combate à pobreza, do combate ao uso de drogas e do combate às armas atômicas", disse.



RECORTES

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Cliente
Veículo DCI - SP
Data: 14.07.98
Seção: GLOBALIZAÇÃO/DIRCEU M. COUTINHO
Página 08

GLOBALIZAÇÃO

■ Dica do Dia

O governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, queiram ou não, na realidade está criando condições para aproximar o Brasil dos países do Primeiro Mundo, nos próximos 5 anos.

Diante destas perspectivas, seria uma injustiça, depois desta preparação; deste esforço, entregar o país à oposição, que, certamente, apesar das suas notórias limitações, poderá fazer um bom governo, pois as condições serão extremamente propícias.

Os valorosos caipiras já diziam: o bom bocado não é para quem faz, mas para quem come. Esta perspectiva, às vezes, nos assusta.

■ Secretário da ONU

Autoridades brasileiras estiveram constringidas em receber o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, em sua visita ao Brasil. É que nosso País está inadimplente com aquela entidade, pois deve US\$97 milhões. Esquecem que os Estados Unidos, o país mais poderoso do planeta, deve também à ONU. Sabe quanto? US\$1,2 bilhão. Aliás, os EUA apoiaram a candidatura de Annan, com o compromisso de quitar seu débito com a entidade. Inclusive, derrotou, com este argumento, o outro candidato, apoiado pela França.

■ Brasil ou Canadá?

Para o Canadá, o Brasil está concedendo subsídio à Embraer, na exportação dos aviões a jato, de pequeno porte, o modelo ER-145 concorrendo indevidamente com o produto similar da canadense Bombardier. Mas o Brasil também alega que a Bombardier está sendo subsidiada pelo governo canadense. Então, ambas resolveram recorrer à OMC/Organização Mundial de Comércio, que deverá desempatar. Esperamos, porém, que esta briga comercial não afete as boas relações entre Brasil e Canadá.

Fantasma do Comunismo

A economia da Rússia está, realmente, arrasada! Há alguns dias, fizemos aqui um comentário neste sentido. Os Estados Unidos e seus aliados são seus fiadores perante a comunidade internacional. (Ser fiador de atrabiliário como Borys Yeltsen deve ser uma tarefa cheia de tropeços). Além de fiadores, esses países foram transformados em reféns do sr. Yeltsen, que saca empréstimos do FMI até por telefone.

□□ Obviamente, os EUA não querem a volta da União Soviética e do comunismo. (Outro Mikhail Gorbachev só daqui a 100 anos...) Para a sorte de Yeltsen, o Partido Comunista tem maioria na Câmara dos Deputados. É o fantasma do comunismo rondando o Kremlin e assombrando o mundo capitalista. □□ O presidente Bill Clinton, com razão, está preocupado com o agravamento da crise econômica e social da Rússia. Afinal, é um país em transição para a Democracia, para o livre mercado. Se fracassar, terá consequências desastrosas. Não para a Rússia ou para os EUA, mas para a humanidade.

□□ Diante deste cenário, Clinton resolveu antecipar sua viagem à Rússia, que estava programada para setembro próximo, para um encontro de cúpula (!) com

Borys Yeltsen.

□□ E o curioso é que, quando os americanos tiraram-no do sufoco, ele ainda esnoba os Estados Unidos, ameaçando a hegemonia americana mundial, com a formação da troika Rússia-Alemanha-França. Ele já fez críticas ofensivas à hegemonia unilateral, defendendo a hegemonia multilateral. Parece que, moralmente, ele já conseguiu uma certa ascendência sobre os EUA e seus aliados. Tanto que transformou a economia russa num saco sem fundo... devido à sua notória incompetência.

□□ Para encerrar: a relação entre o estadista do século, Mikhail Gorbachev, e o atrabiliário Borys Yeltsen é a mesma que existe entre um Rolls Royce e uma bicicleta.

Desemprego Global

- A redução do IOF de 15% para 6% fará crescer o emprego no Brasil, a partir de setembro próximo, segundo anuncia o ministro do Trabalho, Edward Amadeo.
- Uma interessante informação do estudioso José Pastore: entre 1992 e 1996, o emprego para quem tem abaixo de 5 anos de escolaridade, caiu 8%; mas, para quem tem entre 9 e 11 anos de estudo, pulou para 28%! Portanto, a solução é aprender, aprender e aprender.
- Triste revelação: a Adidas utiliza trabalho escravo de presidiários chineses. O autor da revelação é o dissidente chinês, Bao Ge, que, esteve preso durante 3 anos e costurou muitas bolas para a Adidas. E agora?



RECORTES

Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL

Veículo O LIBERAL - BELÉM

Data: 14.07.98

Seção: PAINEL

Página 01

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Kofi Annan aponta desigualdade

Recebido por FHC (direita),
secretário-geral da ONU faz
análise crítica do Brasil. ■

PÁGINA 3





Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
 Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

ONU vê desigualdades no Brasil

Brasília (AE) - Em sua primeira visita ao Brasil, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, fez ontem uma análise crítica da conjuntura do País. Durante uma palestra proferida no Itamaraty, Annan destacou os avanços promovidos pelo Plano Real e chamou especial atenção para as desigualdades sociais que assolam os brasileiros. "O Brasil deu um salto extraordinário desde que o Plano Real foi introduzido", afirmou. "Mas vocês também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem".

Segundo ele, a estabilização da economia e o controle da inflação foram conquistas importantes, mas a questão social continua impondo preocupações. "São Paulo, que eu terei o prazer de visitar amanhã (hoje), seria a vigésima economia do mundo se fosse uma nação por si só", discursou Annan. "No entanto, as favelas que eu vi no Rio de Janeiro, há dois dias, poderiam perfeitamente estar em um outro país", emendou o secretário-geral da ONU. "Os meninos de rua não sabem nada sobre os arranha-céus reluzentes, onde enormes fortunas são geradas todos os dias. E no Nordeste do Brasil existem situações semelhantes às das partes mais pobres da África".

"Somos hoje um País que reencontrou o caminho do crescimento econômico e que coloca como objetivo prioritário a correção de graves injustiças sociais herdadas do passado", respondeu o presidente Fernando Henrique Cardoso, durante brinde que precedeu almoço oferecido ao secretário-geral da ONU após a palestra.

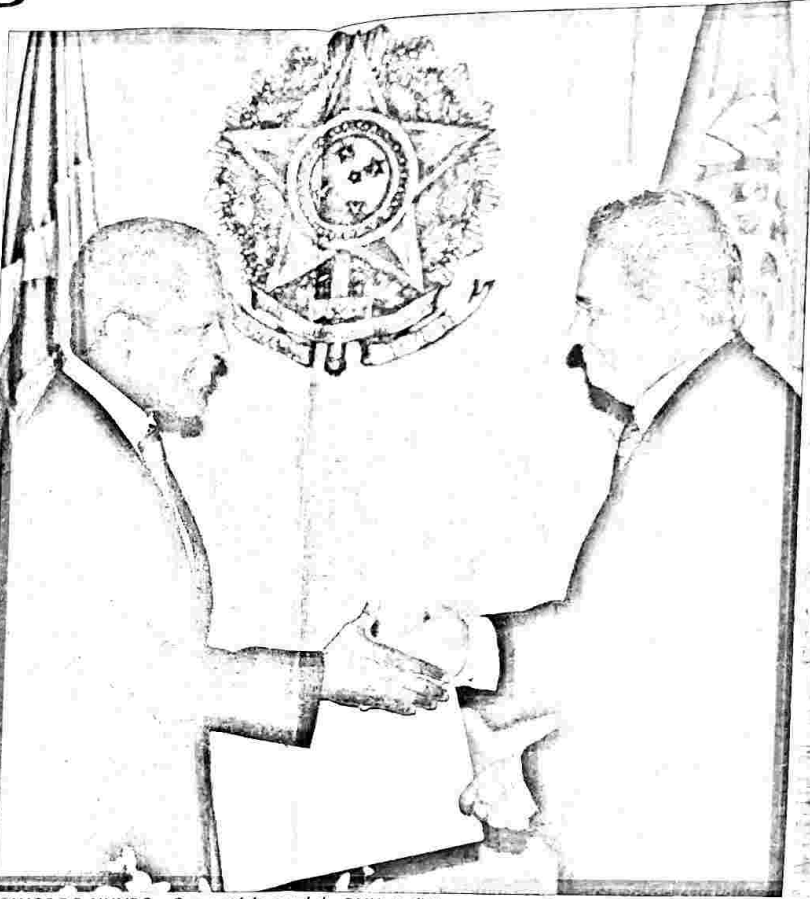
Diplomático, Kofi Annan reiterou sua esperança de que as autoridades brasileiras realizem os esforços necessários para corrigir as

distorções sociais no País e vinculou a paz mundial a uma situação de progresso econômico e justiça social. "O presidente Fernando Henrique Cardoso deixou claro que o Brasil precisa tratar destas desigualdades", disse. "Eu sei que a sua cultura de paz os impele a confrontar tais desigualdades de maneira corajosa", acrescentou.

Com o auditorio lotado, a palestra do secretário-geral - cujo tema foi "a cultura da paz" - durou pouco mais de 20 minutos. Kofi Annan reiterou sua satisfação por vir ao Brasil, e, lembrando o arquiteto Lúcio Costa - um dos idealizadores da capital federal, morto recentemente -, afirmou ter vindo "com a mente aberta". O diplomata também ressaltou a participação ativa do País nos esforços pela manutenção da paz mundial e o bom relacionamento com as Nações Unidas.

"Vocês colaboraram de maneira excepcional para as nossas operações de manutenção de paz", disse Annan. "Tenho certeza de que veremos seu papel na manutenção da paz recuperar os índices impressionantes do passado".

Ele destacou ainda, que a globalização traz desafios "sem passaportes", que exigem soluções "sem fronteiras" e que o Brasil "está preparado para cumprir integralmente a sua parte". Kofi Annan comentou que uma das maiores preocupações deste momento é com o quadro de membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas, cuja atual configuração merece revisão. "Permitam-me dizer que há um consenso de que a atual configuração do Conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje", afirmou o secretário-geral. "Ele deve estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nossos dias".



▲ OLHOS DO MUNDO - O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, cumprimenta Fernando Henrique

Annan defende mudança FHC propõe extinção de arsenal nuclear

Brasília (AE) - O secretário-geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, afirmou ontem que o Conselho de Segurança da entidade precisa ser reformado para "estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nossos dias". "Apesar de esta ser uma questão para os Estados-Membros decidirem, permitam-me dizer que há um consenso de que a atual configuração do Conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje", argumentou em aula inaugural ontem no Itamaraty.

Em viagem de quatro dias ao Brasil, o secretário-geral não apoiou diretamente a candidatura do Brasil a uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU. Mas elogiou a atuação do Brasil nos diferentes órgãos da ONU, como o apoio às reformas administrativas promovidas por ele. "O Brasil tem hoje um papel de liderança na ONU e as credenciais brasileiras estão estabelecidas", destacou Annan. "O Brasil é um dos países-membros da ONU mais ativos na manutenção da paz e tem potencial para ser ainda mais participante".

O presidente Fernando Henrique Cardoso aproveitou a visita de Annan para também defender a construção de uma ordem mundial mais democrática, em que se respeitam as diferenças de capacidade eco-

nômica e de ação social. "Todos sabemos que o poder tem limites e que, no mundo de hoje, não há país poderoso, quando esse país não é capaz de ser sensível aos clamores do mundo", afirmou em discurso feito de improviso após a aula inaugural de Annan. "O poder mundial mais forte, mesmo o poder atômico, tem limites diante da formação de uma opinião pública mundial".

Fernando Henrique afirmou que o presidente norte-americano, Bill Clinton, já defende uma participação maior de países pacifistas, como o Brasil, mas que isto deve acontecer no âmbito das Nações Unidas. "É chegada a hora de rever as posições do Conselho de Segurança, porque nós temos uma nova situação no mundo", afirmou. "Há um momento em que é preciso institucionalizar as negociações e este é o momento das Nações Unidas".

No brinde feito antes do almoço que ofereceu ao secretário-geral da ONU, Fernando Henrique voltou a defender mudanças no Conselho de Segurança. "A eficácia não se dissocia da legitimidade", afirmou o presidente para justificar o aprimoramento do conselho. Fernando Henrique enfatizou que mesmo não sendo membro permanente, o Brasil tem contribuído ativamente nas diversas decisões da entidade.

Brasília (AE) - O presidente Fernando Henrique Cardoso propôs ontem, após assinar a adesão ao Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que a comunidade internacional defina um programa de eliminação de todas as armas nucleares. Para Fernando Henrique, "a paz e a confiança são indispensáveis" para a superação da pobreza e desnutrição nos países em desenvolvimento. A adesão ao TNP - aprovada no último dia 2 pelo Congresso Nacional - foi assinada na presença do secretário-geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, em viagem oficial de quatro dias ao Brasil.

"Não queremos a bomba atômica", afirmou o presidente. "Ela só seria causa para a tensão e desconfiança em nossa região e inviabilizaria o processo de integração que estamos crescentemente aprofundando para o bem-estar de nossos povos", argumentou. "Em vez de gastar escassos recursos em projetos de armas que não tem justificativa de nenhum ponto de vista, estamos investindo na estabilidade, no desenvolvimento, na redução das disparidades sociais e regionais".

Fernando Henrique condenou os testes nucleares realizados re-

centemente no Sul da Ásia. Para o presidente, a força das nações não deve ser medida pelo potencial de armas nucleares que elas possuem. Ele argumentou que, nos dias de hoje, o que conta para a inserção de forma positiva e influente no cenário internacional é a capacidade do País em competir no campo econômico e garantir a coesão social e o caráter democrático de suas instituições.

O presidente também assinou ontem a ratificação do Tratado para a Proibição Completa de Testes Nucleares (CTBT). Ele agradeceu ao Congresso pela aprovação dos dois tratados e afirmou que a adesão aos acordos confere todas as credenciais possíveis na área de não-proliferação. Para o presidente, isto permitirá a consolidação de medidas internas e externas, "inclusive em parceria com a nossa vizinha Argentina", país com o qual já possuiu desde 1991 - acordo para uso pacífico da energia nuclear.

O tratado de não-proliferação nuclear está em vigor desde 1970 e conta hoje com a assinatura de 185 países. O Brasil demorou a aderir ao tratado porque entendia que ele dava tratamento diferenciado às nações. "Ele proibia a proliferação de armas, mas não

obrigava as grandes nações - que já possuíam armas nucleares - a reduzir seus arsenais", explicou um diplomata. Em 1988, a Constituição Federal proibiu a utilização da energia nuclear, exceto para fins pacíficos.

O Brasil defende o acordo de proibição completa de testes nucleares desde 1962 e, ao lado de outros 127 países, apoiou a apresentação dele à Assembleia Geral da ONU. O texto foi aprovado em 1996, com o voto favorável de 158 países. O Brasil foi o décimo quinto país a ratificar - assinar, depois de obter a aprovação parlamentar - o tratado.

A intenção do CTBT é banir os testes nucleares em todos os tipos de ambientes: na atmosfera, sob a água e sob o solo. Haverá um sistema de monitoramento internacional que conta com uma rede de 321 estações divididas em quatro tipos, de acordo com a tecnologia empregada: sísmológicas, de radionídeos, hidroacústicas e de infrassom. "Ver o presidente assinar estes acordos foi um momento de inspiração para mim", afirmou o secretário Annan. "A adesão do Brasil aos acordos é um presente para o mundo e para as próximas gerações".



Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
 Veículo CORREIO DA BAHIA - SALVADOR
 Data: 14.07.98
 Seção: PODER

Página 03

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
 Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

FHC defende eliminação das armas nucleares

Presidente da República reafirma pacifismo do Brasil, ao assinar Tratado de Não-Proliferação, na presença da ONU

BRASÍLIA - O presidente Fernando Henrique Cardoso propôs ontem, após assinar a adesão ao Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que a comunidade internacional delina um programa de eliminação de todas as armas nucleares. Para Fernando Henrique, "a paz e a confiança são indispensáveis" para a superação da pobreza e desnutrição nos países em desenvolvimento. A adesão ao TNP - aprovada no último dia 2 pelo Congresso Nacional - foi assinada na presença do secretário geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, que está em viagem oficial de quatro dias ao Brasil.

"Não queremos a bomba atômica", afirmou o presidente. "Ela só seria causa para a tensão e desconfianças em nossa região e inviabilizaria o processo de integração que estamos crescentemente aprofundando para o bem-estar de nossos povos", argumentou. "Em vez de gastar escassos recursos em projetos de armas que não têm justificativa de nenhum ponto de vista, estamos investindo na estabilidade, no desenvolvimento, na redução das disparidades sociais e regionais".

Fernando Henrique condenou os testes nucleares realizados recentemente no sul da Ásia. Para o presidente, a força das nações não deve ser medida pelo potencial de armas nucleares que elas possuem. Ele argumentou que, nos dias de hoje, o que conta para a inserção de forma positiva e influente no cenário internacional é a capacidade do país em competir no campo econômico e garantir a coesão social e o caráter democrático de suas instituições.

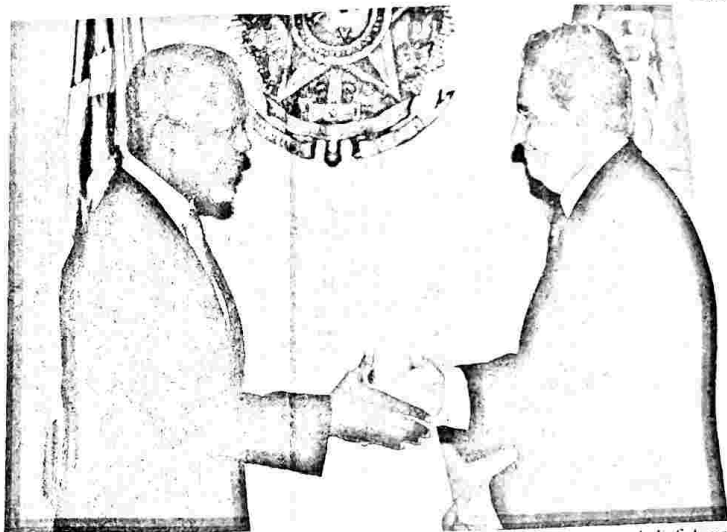
O presidente também assinou ontem a ratificação do Tratado para a Proibição Completa de Testes Nucleares (CTBT). Ele agradeceu

ao Congresso pela aprovação dos dois tratados e afirmou que a adesão aos acordos confere todas as credenciais possíveis na área de não-proliferação. Para o presidente, isto permitirá a consolidação de medidas internas e externas, "inclusive em parceria com a nossa vizinha Argentina", país com o qual já possui - desde 1991 - acordo para uso pacífico da energia nuclear.

O tratado de não-proliferação nuclear está em vigor desde 1970 e conta hoje com a assinatura de 185 países. O Brasil demorou a aderir ao tratado porque entendia que ele dava tratamento diferenciado às nações. "Ele proibia a proliferação de armas, mas não obrigava as grandes nações - que já possuíam armas nucleares - a reduzir seus arsenais", explicou um diplomata. Em 1988, a Constituição Federal proibiu a utilização da energia nuclear, exceto para fins pacíficos.

O Brasil defende o acordo de proibição completa de testes nucleares desde 1962 e, ao lado de outros 127 países, apoiou a apresentação dele à Assembleia Geral da ONU. O texto foi aprovado em 1996, com o voto favorável de 158 países. O Brasil foi o décimo quinto país a ratificar - assinar, depois de obter a aprovação parlamentar - o tratado.

A intenção do CTBT é banir os testes nucleares em todos os tipos de ambientes: na atmosfera, sob a água e sob o solo. Haverá um sistema de monitoramento internacional que conta com uma rede de 321 estações divididas em quatro tipos, de acordo com a tecnologia empregada: sísmológicas, de radionídeos, hidroacústicas e de infrassom. "Ver o presidente assinar esses acordos foi um momento de inspiração para mim", afirmou o secretário Annan. "A adesão do Brasil aos acordos é um presente para o mundo e para as próximas gerações".



Fernando Henrique assinou o tratado, aprovado pelo Congresso Nacional, na presença de Kofi Annan

Manu Dias



...quatro
...ca", afirmou o presidente. "Ela só
...causa para a tensão e descon-
...anças em nossa região e descon-
...za no processo de integração que
...estamos crescendo e aprofun-
...ando para o bem-estar de nossos
...povos", argumentou. "Em vez de
...gastar escassos recursos em proje-
...tos de armamento que não têm justificati-
...mos de nenhum ponto de vista, esta-
...mos investindo na estabilidade, no
...desenvolvimento, na redução das
...disparidades sociais e regionais".

Fernando Henrique conde-
...nou os testes nucleares realizados re-
...centemente no sul da Ásia. Para o
...presidente, a força das nações não
...deve ser medida pelo potencial de
...armas nucleares que elas possu-
...em. Ele argumentou que, nos dias
...de hoje, o que conta para a inser-
...ção de forma positiva e influente
...no cenário internacional é a capa-
...cidade do país em competir no
...campo econômico e garantir a co-
...esão social e o caráter democráti-
...co de suas instituições.

O presidente também assinou
...ontem a ratificação do Tratado para
...a Proibição Completa de Testes
...Nucleares (CTBT). Ele agradeceu

nações. "Ele proíbe a proliferação
...de armas, mas não obrigava as
...grandes nações - que já possuem
...arsenais", explicou um diplomata.
...Em 1998, a Constituição Federal
...proibiu a utilização da energia nu-
...clear, exceto para fins pacíficos.
...O Brasil defende o acordo de
...proibição completa de testes nu-
...cleares desde 1962 e, ao lado de
...outros 127 países, apoiou a apre-
...sentação dele à Assembleia Ge-
...ral da ONU. O texto foi aprovado
...em 1996, com o voto favorável de
...158 países. O Brasil foi o décimo
...depois de obter a aprovação par-
...lamentar - o tratado.

A intenção do CTBT é banir os
...testes nucleares em todos os tipos
...de ambientes: na atmosfera, sob a
...água e sob o solo. Haverá um siste-
...ma de monitoramento internacional
...que conta com uma rede de 321
...estações divididas em quatro tipos,
...de acordo com a tecnologia empre-
...gada: sismológicas, de radionídeos,
...hidroacústicas e de infrassom. "Ver
...o presidente assinar esses acordos
...foi um momento de inspiração para
...mim", afirmou o secretário Annan.
..."A adesão do Brasil aos acordos é
...um presente para o mundo e para
...as próximas gerações".



Fernando Henrique assinou o tratado aprovado pelo Congresso



O secretário acha que o país deve combater as desigualdades

Avanços do Plano Real

BRASÍLIA - Em sua primeira
...visita ao Brasil, o secretário geral da
...Organização das Nações Unidas
...(ONU), Kofi Annan, fez ontem uma
...análise crítica da conjuntura do
...país. Durante uma palestra proferi-
...da no Itamaraty, Annan destacou
...os avanços promovidos pelo Pla-
...no Real e chamou especial aten-
...ção para as desigualdades sociais
...que assolam os brasileiros. "O Bra-
...sil deu um salto extraordinário des-
...de que o Plano Real foi introduzi-
...do", afirmou. "Mas vocês também
...reconhecem que desigualdades
...dolorosas permanecem".

Segundo ele, a estabilização da
...economia e o controle da inflação
...foram conquistas importantes, mas
...a questão social continua impondo
...preocupações. "São Paulo, que eu
...terei o prazer de visitar amanhã
...(hoje), seria a vigésima economia
...do mundo se fosse uma nação por
...si só", discursou Annan. "No entan-
...to, as favelas que eu vi no Rio de
...Janeiro, há dois dias, poderiam
...perfeitamente estar em um outro
...país", emendou o secretário geral
...da ONU. "Os meninos de rua não

sabem nada sobre os arranha-céus
...reluzentes, onde enormes fortunas
...são geradas todos os dias. E no
...Nordeste do Brasil existem situa-
...ções semelhantes às das partes
...mais pobres da África".

"Somos hoje um país que re-
...encontrou o caminho do cresci-
...mento econômico e que coloca
...como objetivo prioritário a correção
...de graves injustiças sociais herda-
...das do passado", concordou o pre-
...sidente Fernando Henrique Cardo-
...so, durante brinde que precedeu
...almoço oferecido ao secretário
...geral da ONU após a palestra.

Diplomático, Kofi Annan reiterou
...sua esperança de que as autorda-
...des brasileiras realizem os esforços
...necessários para corrigir as distor-
...ções sociais no país e vinculou a
...paz mundial a uma situação de pro-
...gresso econômico e justiça social.
..."O presidente Fernando Henrique
...Cardoso deixou claro que o Brasil
...precisa tratar dessas desigualda-
...des", disse. "Eu sei que a sua cul-
...tura de paz os impede a confrontar
...tais desigualdades de maneira co-
...raajosa", acrescentou.

Elogios à posição brasileira

BRASÍLIA - O secretário geral
...da Organização das Nações Uni-
...das (ONU), Kofi Annan, afirmou
...ontem que o Conselho de Seguran-
...ça da entidade precisa ser reforma-
...do para "estar em sintonia com as
...realidades políticas e econômicas
...de nossos dias". "Apesar de esta
...ser uma questão para os Estados-
...Membros decidirem, permitam-me
...dizer que há um consenso de que
...a atual configuração do Conselho
...reflete o mundo de 1945, não o de
...hoje", argumentou em aula inaugu-
...ral, ontem, no Itamaraty.

Em viagem de quatro dias ao
...Brasil, o secretário geral não apoiou
...diretamente a candidatura do Bra-
...sil a uma vaga permanente no Con-
...selho de Segurança da ONU. Mas
...elogiou a atuação do Brasil nos di-

ferentes órgãos da ONU, como o
...apoio às reformas administrativas
...promovidas por ele. "O Brasil tem
...hoje um papel de liderança na ONU
...e as credenciais brasileiras estão
...estabelecidas", destacou Annan. "O
...Brasil é um dos países-membros
...da ONU mais ativos na manuten-
...ção da paz e tem potencial para ser
...ainda mais participante". O pre-
...sidente Fernando Henrique Cardoso
...aproveitou a visita de Annan para
...também defender a construção de
...uma ordem mundial mais democrá-
...tica, em que se respeite as diferen-
...ças de capacidade econômica e de
...ação social. "Todos sabemos que o
...poder tem limites e que, no mundo
...de hoje, não há país poderoso, quan-
...do esse país não é capaz de ser sen-
...sível aos clamores do mundo".



RECORTES

Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo FOLHA METROPOLITANA - GUARULHOS
Data: 14.07.98
Seção: POLÍTICA
Página A-2

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

FHC sugere à ONU que elimine todas as armas nucleares

O presidente Fernando Henrique Cardoso propôs ontem, após assinar a adesão ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que a comunidade internacional defina um programa de eliminação de todas as armas nucleares. Para Fernando Henrique, "a paz e a confiança são indispensáveis" para a superação da pobreza e desnutrição nos Países em desenvolvimento. A adesão ao TNP - aprovada no último dia 2 pelo Congresso Nacional - foi assinada na presença do secretário-geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, em viagem oficial de quatro dias ao Brasil.

"Não queremos a bomba atômica", afirmou o presidente. "Ela só seria causa para a tensão e desconfianças em nossa região e inviabilizaria o processo de integração que estamos crescentemente aprofundando para o bem-estar de nossos povos", argumentou. "Em vez de gastar escassos recursos em projetos de armas que não têm justificativa de nenhum ponto de vista, estamos investindo na estabilidade, no desenvolvimento, na redução das disparidades sociais e regionais."

Fernando Henrique condenou os testes nucleares realizados recentemente no Sul da Ásia. Para o presidente, a força das Nações não deve ser medida pelo potencial de armas nucleares que elas possuem. Ele argumentou que, nos dias de hoje, o que conta para a inserção de forma positiva e influente no cenário internacional é a capacidade do País em competir no campo econômico e garantir a coesão social e o caráter democrático de suas instituições.

O presidente também assinou ontem a ratificação do Tratado para a Proibição Completa de Testes Nucleares (CTBT). Ele agradeceu ao Congresso pela aprovação dos dois

tratados e afirmou que a adesão aos acordos confere todas as credenciais possíveis na área de não-proliferação. Para o presidente, isto permitirá a consolidação de medidas internas e externas, "inclusive em parceria com a nossa vizinha Argentina". País com o qual já possuiu - desde 1991 - acordo para uso pacífico da energia nuclear.

O tratado de não-proliferação nuclear está em vigor desde 1970 e conta hoje com a assinatura de 185 Países. O Brasil demorou a aderir ao tratado porque entendia que ele dava tratamento diferenciado às Nações. "Ele proibia a proliferação de armas, mas não obrigava as grandes Nações - que já possuíam armas nucleares - a reduzir seus arsenais", explicou um diplomata. Em 1988, a Constituição Federal proibiu a utilização da energia nuclear, exceto para fins pacíficos.

O Brasil defende o acordo de proibição completa de testes nucleares desde 1962 e, ao lado de outros 127 Países, apoiou a apresentação dele à Assembléia Geral da ONU. O texto foi aprovado em 1996, com o voto favorável de 158 Países. O Brasil foi o décimo quinto país a ratificar - assinar, depois de obter a aprovação parlamentar - o tratado.

A intenção do CTBT é banir os testes nucleares em todos os tipos de ambientes: na atmosfera, sob a água e sob o solo. Haverá um sistema de monitoramento internacional que conta com uma rede de 321 estações divididas em quatro tipos, de acordo com a tecnologia empregada: sismológicas, de radionídeos, hidroacústicas e de infrassom. "Ver o presidente assinar estes acordos foi um momento de inspiração para mim", afirmou o secretário Annan. "A adesão do Brasil aos acordos é um presente para o mundo e para as próximas gerações." (AE)



Cliente: ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
 Veículo: TRIBUNA DE GUARULHOS - GUARULHOS
 Data: 14.07.98
 Seção: POLITICA

Página 04

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
 Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Tribuna de Guarulhos, terça-feira, 14 de julho de 1998

POLÍTICA

4

ONU

Annan critica desigualdades no Brasil

Brasília - Em sua primeira visita ao Brasil, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, fez ontem uma análise crítica da conjuntura do País. Durante uma palestra proferida no Itamaraty, Annan destacou os avanços promovidos pelo Plano Real e chamou especial atenção para as desigualdades sociais que assolam os brasileiros. "O Brasil deu um salto extraordinário desde que o Plano Real foi introduzido", afirmou. "Mas vocês também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem."

Segundo ele, a estabilização da economia e o controle da inflação foram conquistas importantes, mas a questão social continua impondo preocupações. "São Paulo, que eu terei o prazer de visitar amanhã (hoje), seria a vigésima economia do mundo se fosse uma nação por si só", discursou Annan. "No entanto, as favelas que eu vi no Rio de Janeiro, há dois dias, poderiam perfeitamente estar em um outro país", emendou o secretário-geral da ONU. "Os meninos de rua não sabem nada sobre os arranha-céus reluzentes, onde enormes fortunas são geradas

todos os dias. E no Nordeste do Brasil existem situações semelhantes às das partes mais pobres da África."

"Somos hoje um País que reencontrou o caminho do crescimento econômico e que coloca como objetivo prioritário a correção de graves injustiças sociais herdadas do passado", respondeu o presidente Fernando Henrique Cardoso, durante brinde que precedeu almoço oferecido ao secretário-geral da ONU após a palestra.

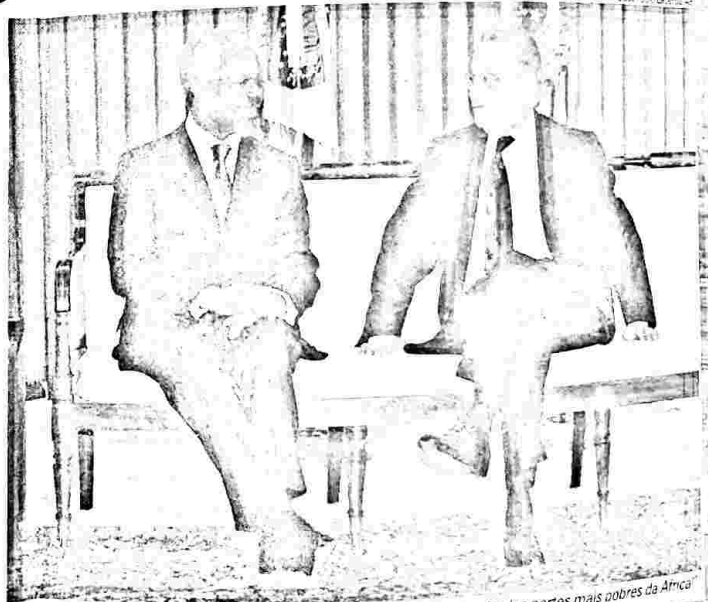
Diplomático, Kofi Annan reiterou sua esperança de que as autoridades brasileiras realizem os esforços necessários para corrigir as distorções sociais no País e vinculou a paz mundial a uma situação de progresso econômico e justiça social. "O presidente Fernando Henrique Cardoso deixou claro que o Brasil precisa tratar destas desigualdades", disse. "Eu sei que a sua cultura de paz os impele a confrontar tais desigualdades de maneira corajosa", acrescentou.

Com o auditório lotado, a palestra do secretário-geral - cujo tema foi "a cultura da paz" - durou pouco mais de 20 minutos. Kofi Annan reiterou sua satisfação por vir ao Brasil, e, lembrando o arquiteto Lúcio Costa - um

dos idealizadores da capital federal, morto recentemente -, afirmou ter vindo "com a mente aberta". O diplomata também ressaltou a participação ativa do País nos esforços pela manutenção da paz mundial e o bom relacionamento com as Nações Unidas.

"Vocês colaboraram de maneira excepcional para as nossas operações de manutenção de paz", disse Annan. "Tenho certeza de que veremos seu papel na manutenção da paz recuperar os índices impressionantes do passado."

Ele destacou ainda, que a globalização traz desafios "sem passaportes", que exigem soluções "sem fronteiras" e que o Brasil "está preparado para cumprir integralmente a sua parte". Kofi Annan comentou que uma das maiores preocupações deste momento é com o quadro de membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas, cuja atual configuração merece revisão. "Permitam-me dizer que há um consenso de que a atual configuração do Conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje", afirmou o secretário-geral. "Ele deve estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nossos dias."



Annan - "No Nordeste do Brasil, existem situações semelhantes as das partes mais pobres da África"



Cliente: ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo: JORNAL DO BRASIL - RJ
Data: 14.07.98
Seção: INTERNACIONAL Página 05

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

TERÇA-FEIRA, 14 DE JULHO DE 1998

JORNAL DO BRASIL 5

Internacional

Annan acolhe pretensão do Brasil

■ País tem credenciais para pleitear uma vaga no Conselho de Segurança, diz em Brasília o secretário-geral das Nações Unidas

BRASÍLIA - A visita do secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, reacendeu as esperanças brasileiras de vencer a disputa que trava com a Argentina por uma vaga permanente no Conselho de Segurança da entidade. Annan, que esteve ontem em Brasília, ouviu do presidente Fernando Henrique Cardoso que "é chegada a hora de rever as posições do conselho, por causa da nova situação do mundo". O argumento do presidente foi bem aceito pelo visitante. Além de concordar que o Brasil tem credenciais para pleitear a vaga, ele reconheceu que a atual configuração do Conselho "reflete a geopolítica do mundo em 1945", não a de hoje.

Desde o ano passado, Brasil e Argentina travam uma disputa de bastidores pelo privilégio de receber a nova cadeira permanente do Conselho, que deverá ser expandido dos atuais seis para sete países-membros, quando o ainda indefinido processo de reforma da Carta da ONU - que rege as normas do organismo - for concluído. Principal defensor de

reforma, Annan reconhece, porém, que "ainda é difícil" calcular quanto tempo levará esse processo. Por enquanto, Brasil e Argentina são membros temporários do Conselho.

Armas nucleares - O secretário-geral da ONU está no Brasil desde domingo à noite. Além de Brasília, ele Annan esteve em Salvador e Rio de Janeiro. Hoje passa o dia em São Paulo. Na capital, Annan foi recebido no Palácio do Planalto para assinar, com o presidente Fernando Henrique Cardoso, a carta de ratificação do Tratado Mundial de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP) e a adesão do Brasil ao Tratado para a Proibição Completa dos Testes Nucleares (CTBT).

Durante a cerimônia de assinatura, Fernando Henrique citou a recente tensão causada pelos testes nucleares da Índia e do Paquistão, para defender a postura antibélica da política externa brasileira. "Não queremos a bomba atômica. Isso só seria causa de tensões e desconfianças na nossa região, e inviabilizaria o processo de integração na América do

Sul", afirmou.

Em Washington, horas mais tarde, o presidente Bill Clinton divulgou nota de felicitações ao Brasil pelo que qualificou de "medida histórica" de assinatura dos dois tratados. "A decisão brasileira dá novo impulso aos esforços internacionais para deter a proliferação de armas nucleares e promover o desarmamento mundial. No momento em que atitudes tomadas pela Índia e o Paquistão ameaçam uma disputa nuclear no Sul da Ásia, o Brasil escolheu um caminho diferente, o de investir em seu povo, não numa custosa corrida armamentista", assinalou.

O Tratado para a Proibição Completa dos Testes Nucleares já foi assinado por 149 países, e na nota divulgada pela Casa Branca Clinton acrescentou que sua ratificação pelo Brasil torna ainda mais premente a necessidade de o Senado dos Estados Unidos fazer o mesmo. "A ratificação do tratado permitirá aos Estados Unidos pôr-se à frente deste esforço vital", disse.



Depois da visita, Annan desce a rampa do Palácio do Planalto ao lado do presidente Fernando Henrique



Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo JORNAL DA TARDE - SP
Data: 14.07.98
Seção: POLÍTICA Página 3A

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

SEM A BOMBA

Na presença do secretário-geral da ONU, Kofi Annan, o presidente Fernando Henrique assinou ontem o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares. FHC defendeu a eliminação de todas as armas nucleares.





Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo GAZETA MERCANTIL - SP
Data: 14.07.98
Seção: NAACIONAL Página A-8

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Brasil ratifica tratado contra testes nucleares

Luis Eduardo Leal
de Brasília

O presidente Fernando Henrique Cardoso aproveitou ontem a passagem por Brasília do secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, para retirar dois esqueletos do armário da diplomacia brasileira. De uma vez só, assinou a ratificação do Tratado de Proibição Completa de Testes Nucleares e a adesão do Brasil ao Tra-

tado de Não-Proliferação de Armas Nucleares, mais conhecido pelas iniciais TNP.

Embora tanto a diplomacia brasileira quanto Annan procurem separar as coisas, a adesão a esses acordos reforça o pleito do País por uma vaga própria na reformulação do Conselho de Segurança da ONU, que, uma vez concluída, deverá reservar vaga permanente para um representante da América Latina —

Brasil e Argentina alimentam a pretensão de representar a região.

Em sua visita, Kofi Annan lembrou existir "um consenso de que a atual configuração do conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje". "O conselho deve estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nosso tempo", acrescentou. Mesmo reconhecendo "as credenciais brasileiras plenamente estabelecidas", o secretário-geral da

ONU evitou tomar partido na disputa, lembrando que a natureza e o próprio ritmo da reformulação do conselho de segurança deverão ser ditados pelos estados-membros da organização internacional. "Só o tempo dirá", esquivou-se Annan, ao ser questionado sobre o cronograma para a conclusão da reformulação. Kofi Annan faz palestra hoje, no Parlatino, em São Paulo, sobre a ONU no limiar do novo milênio.



Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo A TRIBUNA - LANTOS
Data 14.07.98
Seção: BRASIL

Página C3

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tele: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Diplomacia

FHC sugere o fim de todas as armas nucleares

Presidente assinou o tratado de não-proliferação desse tipo de armamento na presença do secretário-geral da ONU

De Brasília

O presidente Fernando Henrique Cardoso ontem, após assinar a adesão ao Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que a comunidade internacional define um programa de eliminação de todas as armas nucleares. Para Fernando Henrique, "a paz e a confiança são indispensáveis" para a superação da pobreza e desnutrição nos países em desenvolvimento. A adesão ao TNP — aprovada no último dia 2 pelo Congresso Nacional — foi assinada na presença do secretário-geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, em viagem oficial de quatro dias ao Brasil.

Os testes nucleares realizados recentemente no Sul da Ásia. Para o presidente, a força das nações não deve ser medida pelo potencial de armas nucleares que elas possuem. Ele argumentou que, nos dias de hoje, o que conta para a inserção de forma positiva e influente no cenário internacional é a capacidade do País em competir no campo econômico e garantir a coesão social e o caráter democrático de suas instituições.

O presidente também assinou ontem a ratificação do Tratado para a Proibição Completa de Testes Nucleares (CTBT). Ele agradeceu ao Congresso pela aprovação dos dois tratados e afirmou que a adesão aos acordos confere todas as credenciais possíveis na área de não-proliferação. Para o presidente, isto permitirá a consolidação de medidas internas e externas, "inclusive em parceria com a nossa vizinha Argentina", país com o qual já possuiu — desde 1991 — acordo para uso pacífico da energia nuclear.



FHC disse que a paz e a confiança são indispensáveis para os países em desenvolvimento

Annan faz uma análise crítica Mandela chega segunda-feira em visita oficial

De Brasília

Em sua primeira visita ao Brasil, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, fez ontem uma análise crítica da conjuntura do País. Durante uma palestra proferida no Itamarati, Annan destacou os avanços promovidos pelo Plano Real e chamou especial atenção para as desigualdades sociais que assolam os brasileiros. "O Brasil deu um salto extraordinário desde que o Plano Real foi introduzido", afirmou. "Mas vocês também reconheceram que desigualdades dolorosas permanecem". Segundo ele, a estabilização da economia e o controle da inflação foram conquistas importantes, mas a que não social continua impondo preocupações. "São Paulo, que eu terei o prazer de visitar amanhã (hoje), seria a vigésima economia do mundo se fosse uma nação por si só", discursou Annan. "No entanto, as favelas que eu vi no Rio de Janeiro, há dois dias, poderiam facilmente estar em um outro país".

mais pobres da África". "Somos hoje um País que reencontrou o caminho do crescimento econômico e que coloca como objetivo prioritário a correção de graves injustiças sociais herdadas do passado", respondeu o presidente Fernando Henrique Cardoso, durante brinde que precedeu almoço oferecido ao secretário-geral da ONU após a palestra.



Presidente da África do Sul tem encontro com FHC na terça-feira

De Brasília

O presidente da África do Sul, Nelson Mandela, chegará a Brasília na próxima segunda-feira, mas sua visita oficial ao presidente Fernando Henrique Cardoso ocorrerá apenas no dia seguinte. Na quarta-feira, Mandela estará embarcando para a Argentina, também em "visita de Estado", mas vai participar, como convidado especial, da reunião de cúpula dos presidentes do Mercosul, no dia 24, em Ushuaia, Argentina.

fechado, ao fim da visita ao presidente Fernando Henrique, será assinado um memorando de entendimento sobre consultas bilaterais de alto nível, prevendo consultas sistêmicas na área política e encontros anuais dos chefes de Estado dos dois países.

De acordo com o conselheiro José Fiúza Neto, chefe da Divisão da África II do Itamarati, a visita de Mandela — retribuindo a que lhe fez, em 1996, o presidente Fernando Henrique Cardoso — já estava prevista há algum tempo, e foi o governo sul-africano que propôs a data.

As relações comerciais entre os dois países atingem, no momento, cerca de US 700 milhões, nos dois sentidos, com um pequeno superávit pró-Brasil, no momento, em vista da exportação crescente de automóveis Corsa, fabricados pela General Motors do Brasil.

Embora o programa oficial de Nelson Mandela não esteja ainda

Em Ushuaia, na reunião de cúpula dos presidentes do Mercosul, espera-se que seja assinado um instrumento de cooperação com a Southern African Development Commission, semelhante ao que foi firmado recentemente, com o Canadá. (Agência JB)



Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo A TRIBUNA - SANTOS
Data: 14.07.98
Seção: ECONOMIA Página C1

RECORTES
Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

14/07/98



*FHC sugere à
ONU que
elimine armas
nucleares*
Página C-3



Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL

Veículo DIÁRIO DO GRANDE ABC - SANTO ANDRÉ

Data: 14.07.98

Seção: INTERNACIONAL

Página 06

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Kofi Annan desmente atuação em Chiapas

Brasília

Da AFP

■ A possibilidade de o secretário geral da ONU (Organização das Nações Unidas), Kofi Annan, desempenhar um papel na solução do problema de Chiapas, no México, foi desmentida ontem pelo seu porta-voz.

Juan Carlos Brandt enviou à imprensa, em Brasília, uma nota por meio do departamento da Organização Pan-Americana de Saúde.

“As declarações do secretário geral sobre Chiapas na sexta-feira passada parecem ter sido mal interpretadas por alguns meios da imprensa.”

“Apesar de sua preocupação com a confrontação que ainda existe nessa parte do México, sobre a qual teria recebido material informativo do governo,

nada do que foi dito pelo secretário geral deve ser encarado como um oferecimento de desempenhar um papel na solução do problema. Tal papel somente poderá ser avaliado se forem cumpridas algumas condições, entre elas um pedido oficial do governo mexicano”, diz a nota.

Kofi Annan iniciou ontem sua visita oficial ao Brasil, quando foi recebido pelo presidente Fernando Henrique Cardoso no Palácio do Planalto.

Annan chegou no sábado passado ao Rio de Janeiro, de onde partiu para Salvador e, depois, para a capital federal.

Esta visita faz parte do giro pela América Latina do secretário geral, que inclui também o Uruguai, a Argentina, Guatemala e o México. □

Mais informações na página 3



Cliente: ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
 Veículo: A GAZETA - VITÓRIA
 Data: 14.07.98
 Seção: BRASIL Página 16

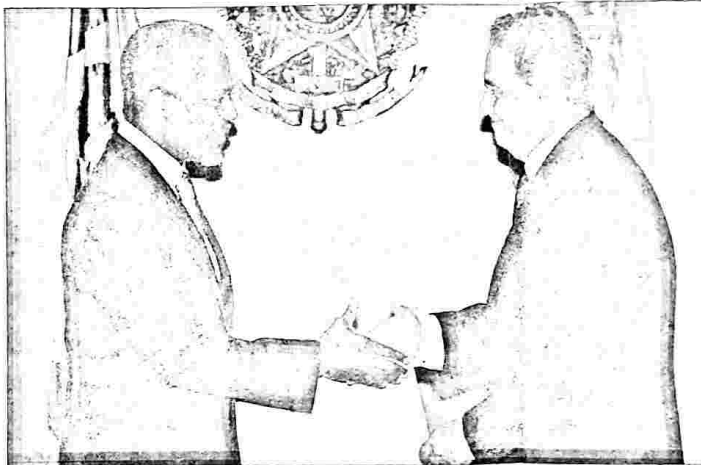
Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
 Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

FHC pede à ONU eliminação das armas atômicas

BRASÍLIA - O presidente Fernando Henrique Cardoso propôs ontem, após assinar a adesão ao Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que a comunidade internacional defina um programa de eliminação de todas as armas nucleares. Para Fernando Henrique, "a paz e a confiança são indispensáveis" para a superação da pobreza e desnutrição nos países em desenvolvimento. A adesão ao TNP - aprovada no último dia 2 pelo Congresso Nacional - foi assinada na presença do secretário-geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, em viagem oficial de quatro dias ao Brasil.

"Não queremos a bomba atômica", afirmou o presidente. "Ela só seria causa para a tensão e desconfiança em nossa região e inviabilizaria o processo de integração que estamos crescentemente aprofundando para o bem-estar de nossos povos", argumentou. "Em vez de gastar escassos recursos em projetos de armas que não tem justificativa de nenhum ponto de vista, estamos investindo na estabilidade, no desenvolvimento, na redução das disparidades sociais e regionais."

Fernando Henrique condenou os testes nucleares realizados recentemente no sul da Ásia. Para o presidente, a força das nações não deve ser medida pelo potencial de armas nucleares que elas possuem. Ele argumentou que, nos dias de hoje, o que conta para a inserção de forma positiva e influente no cenário internacional é a capacidade do país em competir no campo econômico e garantir a coesão social e o caráter democrático de suas instituições.



CUMPRIMENTO
 Fernando Henrique cumprimenta o secretário da ONU, Kofi Annan, após a assinatura do tratado pelo Brasil

O presidente também assinou ontem a ratificação do Tratado para a Proibição Completa de Testes Nucleares (CTBT). Ele agradeceu ao Congresso pela aprovação dos dois tratados e afirmou que a adesão aos acordos confere todas as credenciais possíveis na área de não-proliferação. Para o presidente, isto permitirá a consolidação de medidas internas e externas, "inclusive em parceria com a nossa vizinha Argentina", país com o qual já possuiu - desde

1991 - acordo para uso pacífico da energia nuclear.

O tratado de não-proliferação nuclear está em vigor desde 1970 e conta hoje com a assinatura de 185 países. O Brasil demorou a aderir ao tratado porque entendeu que ele dava tratamento diferenciado às nações. "Ele proíbe a proliferação de armas, mas não obrigava as grandes nações - que já possuíam armas nucleares - a reduzir seus arsenais", explicou um diplomata. Em 1988, a

Constituição Federal proibiu a utilização da energia nuclear, exceto para fins pacíficos.

O Brasil defende o acordo de proibição completa de testes nucleares desde 1962 e, ao lado de outros 127 países, apoiou a apresentação dele à Assembleia Geral da ONU. O texto foi aprovado em 1996, com o voto favorável de 158 países. O Brasil foi o décimo-quinto país a ratificar - assinar, depois de obter a aprovação parlamentar - o tratado.

Annan faz análise do Brasil

BRASÍLIA - Em sua primeira visita ao Brasil, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, fez ontem uma análise crítica da conjuntura do país. Durante uma palestra proferida no Itamaraty, Annan destacou os avanços promovidos pelo Plano Real e chamou especial atenção para as desigualdades sociais que assolam os brasileiros. "O Brasil deu um salto extraordinário desde que o Plano Real foi introduzido", afirmou. "Mas vocês também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem."

Segundo ele, a estabilização da economia e o controle da inflação foram conquistas importantes, mas a questão social continua impondo preocupações. "São Paulo, que eu terei o prazer de visitar amanhã (hoje), seria a vigésima economia do mundo se fosse uma nação por si só", discursou Annan. "No entanto, as favelas que eu vi no Rio de Janeiro, há dois dias, poderiam perfeitamente estar em um outro país". Emendou o secretário-geral da ONU: "Os meninos de rua não sabem nada sobre os aranha-céus reluzentes, onde enormes fortunas são geradas todos os dias. E no Nordeste do Brasil existem situações semelhantes as das partes mais pobres da África."

"Somos hoje um país que encontrou o caminho do crescimento econômico e que coloca como objetivo prioritário a correção de graves injustiças sociais herdadas do passado", respondeu o presidente

Fernando Henrique Cardoso, durante brinde que precedeu almoço oferecido ao secretário-geral da ONU após a palestra.

Diplomático, Kofi Annan reiterou sua esperança de que as autoridades brasileiras realizem os esforços necessários para corrigir as distorções sociais no país e vinculem a paz mundial a uma situação de progresso econômico e justiça social. "O presidente Fernando Henrique Cardoso deixou claro que o Brasil precisa tratar destas desigualdades", disse. "Eu sei que a sua cultura de paz os impulsiona a confrontar tais desigualdades de maneira corajosa", acrescentou.

Como o auditorio lotado, a palestra do secretário-geral - cujo tema foi "a cultura da paz" - durou pouco mais de 20 minutos. Kofi Annan reiterou sua satisfação por vir ao Brasil, e, lembrando o arquiteto Lúcio Costa - um dos idealizadores da capital federal, morto recentemente - afirmou ter vindo "com a mente aberta". O diplomata também ressaltou a participação ativa do país nos esforços pela manutenção da paz mundial e o bom relacionamento com as Nações Unidas.

"Vocês colaboraram de maneira excepcional para as nossas operações de manutenção de paz", disse Annan. "Tenho certeza de que veremos seu papel na manutenção da paz recuperar os índices impressionantes do passado". Ele destacou ainda, que a globalização traz desafios "sem passaportes", que exigem soluções "sem fronteiras".



ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL

Cliente _____

Veículo O DIA - RJ

Data: 14.07.98

Seção: BRASIL Página 12

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Fernando Henrique propõe ao mundo a eliminação das armas nucleares

'Não queremos bomba atômica'

BRASÍLIA - O presidente Fernando Henrique Cardoso propôs ontem, depois de assinar a adesão do Brasil ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), em solenidade no Palácio do Planalto, que a comunidade internacional defina programa de eliminação de todas as armas nucleares. Segundo FH, "a paz e a confiança são indispensáveis" para a superação da pobreza e desnutrição nos países em desenvolvimento.

"Não queremos a bomba atômica", afirmou o presidente, na presença do secretário-geral das Nações Unidas (ONU). "Ela só seria causa para tensão e desconfianças em nossa região e inviabilizaria o processo de integração que estamos crescentemente aprofundando para o bem-estar de nossos povos. Em vez de gastar escassos recursos em projetos de armas que não têm justificativa de nenhum ponto de vista, estamos investindo na estabilidade, no desenvolvimento, na redução das disparidades sociais e regionais".

Em Washington, o presidente Bill Clinton cumprimentou o Brasil por ter ratificado o tratado e pediu ao Senado americano para fazer o mesmo. Em declaração divulgada pela Casa Branca, Clinton homenageou o presidente Fernando Henrique Cardoso e os dirigentes do Brasil por terem adotado uma "medida histórica".

Segundo a declaração, a decisão do Brasil "dá novo impulso aos esforços internacionais para deter a proliferação das armas nucleares e promover o desarmamento no mundo", após os testes nucleares realizados em maio por Índia e Paquistão.



Arquivo

• *Annan acha que o Conselho de Segurança precisa mudar*

ONU aponta desigualdade social

BRASÍLIA - O secretário-geral da Organização das Nações Unidas, Kofi Annan, afirmou que o Brasil deu um salto extraordinário desde que o Governo fez o Plano Real, mas se referiu às desigualdades sociais "dolorosas" no Brasil. "As favelas que vi no Rio, há dois dias, podiam estar em outro país", disse Annan, durante aula magna no Palácio do Itamaraty para os alunos do Instituto Rio Branco. Annan chegou a comparar algumas cidades nordestinas a áreas mais pobres da África. Mesmo assim, disse estar confiante na determinação do Governo brasileiro de acabar com a desigual-

dade e garantir a parceria das Nações Unidas no caminho do desenvolvimento e da justiça social.

Annan afirmou ainda estar convencido de que o Conselho de Segurança das Nações Unidas precisa mudar. Segundo ele, há o entendimento entre os países-membros de que a composição do atual conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje. "O conselho deve estar em sintonia com a realidade política e econômica de nossos dias", defendeu Annan, sem entrar na questão da reivindicação brasileira de que o país integre o Conselho da ONU como membro permanente.

DIA-A-DIA

• Arquivamento

O procurador-geral eleitoral, Geraldo Brindeiro, determinou o arquivamento da representação em que o presidente Fernando Henrique Cardoso pediu providências à Justiça Eleitoral contra o candidato das esquerdas, Luis Inácio da Silva, que o acusou de fazer caixa dois para campanha com a privatização da Telebrás. O procurador alegou que o Tribunal Superior Eleitoral não é o local competente para a ação e que Lula deve ser processado e julgado na Justiça Federal de São Paulo.

• Covas avança

O candidato do PSDB ao Governo de São Paulo, Mario Covas, subiu de 14% para 18% nas intenções de votos, mas os líderes continuam sendo Francisco Rossi (PDT), com 27%, e Paulo Maluf (PPB), com 25%, segundo pesquisa Datafolha feita nos dias 8 e 9 deste mês. Maria Sopley (PT) tem 12%, o mesmo patamar que atingiu em maio, enquanto Orestes Quercia (PMDB) conseguiu 9%.

• Congresso

Os candidatos à Presidência da República Luis Inácio Lula da Silva (PT), Ciro Gomes (PPS) e Ennes Campos (Prona) confirmaram presença na abertura do 15º Congresso Municipal de Municípios, em 16 de maio. Eleições 98. A agenda do congresso anuncia que o presidente Fernando Henrique Cardoso participará da cerimônia inaugural, às 18h, e também confirmou presença.



Reportagem

Cliente: ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo: CORREIO BRAZILIENSE - BRASÍLIA
Data: 14.07.99
Seção: ...

Página: CAPA

Rua Tupy, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tele: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

REAGOE QUEIXA

Em visita ao Brasil, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas, Kofi Annan, fez elogios à estabilidade econômica conquistada pelo país, mas cobrou maior justiça social.

PAGINA 4



Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo DIÁRIO DO COMÉRCIO - SP
Data: 14.07.98
Seção: NACIONAL
Página 05

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Acordo de paz assinado junto à ONU

Presidente FHC adere ao Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares da organização

BRASÍLIA - O presidente Fernando Henrique Cardoso propôs, ontem, que a comunidade internacional defina um programa de eliminação de todas as armas nucleares. FHC fez o pronunciamento após assinar a adesão ao Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP) na presença do secretário-geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, em viagem oficial de quatro dias ao Brasil.

"Não queremos a bomba atômica", afirmou o presidente em tom de campanha para que o Brasil incluído no Conselho de Segurança da ONU. "Ela só seria causa para a tensão e desconfianças em nossa região e inviabilizaria o processo de integração que estamos crescentemente aprofundando para o bem-estar de nossos povos", argumentou. "Em vez de gastar escassos recursos em projetos de armas que não tem justificativa de nenhum ponto de vista,

estamos investindo na estabilidade, no desenvolvimento, na redução das disparidades sociais e regionais."

O secretário Annan, por sua vez, elogiou os avanços do País depois da implantação do Real, mas também destacou as "dolorosas desigualdades" existentes no País. Citou como exemplo as favelas do Rio e algumas cidades do Nordeste, locais pobres que podem ser comparadas a outras regiões carentes da África.

Encontro - O presidente também assinou a ratificação do Tratado para a Proibição Completa de Testes Nucleares (CTBT). O tratado de não-proliferação nuclear está em vigor desde 1970 e conta com a assinatura de 185 países. A intenção do CTBT é banir os testes nucleares em todos os tipos de ambientes. Haverá um sistema de monitoramento internacional que conta com uma rede de 321 estações fiscalizadoras. "Ver o presidente

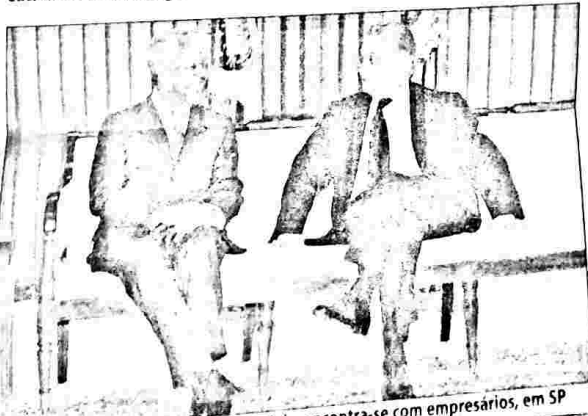
assinar estes acordos foi um momento de inspiração para mim", afirmou Annan. "A adesão do Brasil aos acordos é um presente para o mundo e para as próximas gerações."

Hoje, o secretário-geral está em São Paulo. Ele vai proferir, às 11h, no Parlamento Latino-americano (Parlatino), a palestra "A ONU e a sociedade no

limiar do novo milênio", atendendo ao convite feito pelo presidente do Fórum das Américas, Mário Garnero.

Entre os líderes comunitários e empresários convidados para a apresentação está o presidente da Facesp - Federação das Associações Comerciais de São Paulo e da ACSP - Associação Comercial de São Paulo, Elvio Aliprandi. A

passagem de Annan por São Paulo tem o objetivo de também anunciar a instalação da Associação das Nações Unidas-Brasil, a qual se integrará a um conjunto de escritórios iguais e que existem em 80 países. Ela servirá como fonte de dados estatísticos, econômicos e sociais para a sociedade civil e, inclusive, para o meio empresarial.



Annan esteve com Fernando Henrique. Hoje, encontra-se com empresários, em SP



RECORTES

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo DIÁRIO DO COMÉRCIO - SP
Data: 14.07.98
Seção: CONSULTORIA

Página 07

AGENDA



HOJE

ONU - O presidente da ACSP (Associação Comercial de São Paulo), Elvio Aliprandi, participa de homenagem ao secretário geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, que vai proferir a palestra "A ONU e a Sociedade no Limiar do Milênio". Às 10h30, no Memorial da América Latina (auditório do Parlatino), na avenida Auro Soares de Moura Andrade, nº 564, portão 9.

Distritais - Reunião do Conselho das Sedes Distritais da ACSP, coordenada pelo diretor do Setor Norte, Agrário Marques Dourado. Às 15 horas, na sede da entidade, na rua Boa Vista, nº 51. 11º andar, sala Tadashi Sakurai.

Executiva - Reunião da diretoria executiva da ACSP, co-

ordenada pelo presidente da ACSP, Elvio Aliprandi. Às 15 horas, na sede da entidade, na rua Boa Vista, nº 51, 9º andar.

Plenária - Reunião plenária da ACSP, coordenada pelo presidente, Elvio Aliprandi, com palestra do presidente da Eletros (Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos), Roberto Macedo, sobre "Perspectivas do Setor Eletroeletrônico". Às 17 horas, na sede da entidade, na rua Boa Vista, nº 51, 9º andar.

CURSO

Atendimento telefônico - A ACSP realiza de hoje até dia 17 (sexta-feira), das 19 às 22 horas, na Distrital Tatuapé da entidade, curso sobre atendimento telefônico eficaz, a cargo da instrutora Maxi Ação. Informações: (011) 244-3030.



RECORTES

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo DIÁRIO POPULAR - SP
Data: 14.07.98
Seção: DIÁRIO ESPECIAL
Página 07

À francesa

Os torcedores brasileiros mais fanáticos podem não gostar da carreata que o pegebista Paulo Maluf fará amanhã, na Zona Leste, quando ele irá estrear seu novo jipe. É que o veículo terá as cores do PPB - branco, vermelho e azul - justamente as cores da bandeira da França.

Na ONU

Mesmo sem verbas para tocar o projeto Cingapura, o secretário Lair Krahenbuhl (Habitação) continua em alta. Hoje, ele será empossado na diretoria do Conselho Nacional da Associação das Nações Unidas-Brasil, entidade ligada à ONU. A posse acontece às 10h30min, no Memorial da América Latina.



RECORTES

Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL

Veículo O DIA - RJ

Data: 14.07.98

Seção: GERAL

Página 05

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Turismo

■ *O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, foi passear de lancha no sábado, seu dia de descanso, e foi levado a Paquetá, onde andou de charrete.*

■ *Confessou que adorou o passeio e a ilha, mas fez uma crítica:*

– *Os cavalos que puxam as charretes estão muito mal tratados.*



RECORTES

Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL

Veículo JORNAL DO BRASIL - RJ

Data: 14.07.98

Seção: ...

Página

CAPA

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Kofi Annan aceita pleito brasileiro nas Nações Unidas

Recebido ontem no Palácio do Planalto pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, acolheu com boa vontade a pretensão brasileira de ocupar uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da organização. Ele também assistiu à assinatura, por Fernando Henrique, do documento de adesão ao Tratado de Proibição Completa dos Testes Nucleares. (Pág. 5)



Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL

Veículo DCI - SP

Data: 14.07.98

Seção: POLÍTICA

Página 05

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Annan aponta "desigualdades dolorosas" no País

secretário-geral da ONU disse que, apesar da estabilização da economia, a questão social continua impondo preocupações

Em sua primeira visita ao Brasil, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, fez ontem uma análise crítica da conjuntura do País. Durante uma palestra proferida no Itamaraty, Annan destacou os avanços promovidos pelo Plano Real e chamou especial atenção para as desigualdades sociais que assolam os brasileiros. "O Brasil deu um salto extraordinário desde que o Plano Real foi introduzido", afirmou. "Mas vocês também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem."

Segundo ele, a estabilização da economia e o controle da inflação foram conquistas importantes, mas a questão social continua impondo preocupações. "São Paulo, que eu terei o prazer de visitar hoje, seria a vigésima economia do mundo se fosse uma nação por si só", discursou Annan. "No entanto, as fave-

las que eu vi no Rio de Janeiro, há dois dias, poderiam perfeitamente estar em um outro país", emendou o secretário-geral da ONU. "Os meninos de rua não sabem nada sobre os arranha-céus reluzentes, onde enormes fortunas são geradas todos os dias. E no Nordeste do Brasil existem situações semelhantes às das partes mais pobres da África."

"Somos hoje um País que reencontrou o caminho do crescimento econômico e que coloca como objetivo prioritário a correção de graves injustiças sociais herdadas do passado", respondeu o presidente Fernando Henrique Cardoso, durante brinde que precedeu almoço oferecido ao secretário-geral da ONU após a palestra.

Diplomático, Kofi Annan reiterou sua esperança de que as autoridades brasileiras realizem os esforços necessários para corrigir as distorções soci-

ais no País e vinculou a paz mundial a uma situação de progresso econômico e justiça social. "O presidente Fernando Henrique Cardoso deixou claro que o Brasil precisa tratar destas desigualdades", disse. "Eu sei que a sua cultura de paz os impele a confrontar tais desigualdades de maneira corajosa", acrescentou.

Com o auditório lotado, a palestra do secretário-geral - cujo tema foi "a cultura da paz" - durou pouco mais de 20 minutos. Kofi Annan reiterou sua satisfação por vir ao Brasil, e, lembrando o arquiteto Lúcio Costa - um dos idealizadores da capital federal, morto recentemente -, afirmou ter vindo "com a mente aberta". O diplomata também ressaltou a participação ativa do País nos esforços pela manutenção da paz mundial e o bom relacionamento com as Nações Unidas.

"Vocês colaboraram de maneira excepcional para as nossas operações de manutenção de paz", disse Annan. "Tenho certeza de que veremos seu papel na manutenção da paz recuperar os índices impressionantes do passado."

Ele destacou ainda, que a globalização traz desafios "sem passaportes", que exigem soluções "sem fronteiras" e que o Brasil "está preparado para cumprir integralmente a sua parte". Kofi Annan comentou que uma das maiores preocupações deste momento é com o quadro de membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas, cuja atual configuração merece revisão. "Permitam-me dizer que há um consenso de que a atual configuração do Conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje", afirmou o secretário-geral. "Ele deve estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nossos dias."

O secretário-geral evitou apoiar diretamente o Brasil para vaga na ONU

O secretário-geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, afirmou ontem que o Conselho de Segurança da entidade precisa ser reformado para "estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nossos dias". "Apesar de esta ser uma questão para os Estados-Membros decidirem, permitam-me dizer que há um consenso de que a atual configuração do Conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje", argumentou em aula inaugural hoje no Itamaraty.

Em viagem de quatro dias ao Brasil, o secretário-geral não apoiou diretamente a candidatura do Brasil a uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU. Mas elogiou a atuação do Brasil nos diferentes órgãos da ONU, como o apoio às reformas administrativas promovidas por ele na ONU

e as credenciais brasileiras estão estabelecidas", destacou Annan. "O Brasil é um dos países-membros da ONU mais ativos na manutenção da paz e tem potencial para ser ainda mais participante."

O presidente Fernando Henrique Cardoso aproveitou a visita de Annan para também defender a construção de uma ordem mundial mais democrática, em que se respeite as diferenças de capacidade econômica e de ação social. "Todos sabemos que o poder tem limites e que, no mundo de hoje, não há país poderoso, quando esse país não é capaz de ser sensível aos clamores do mundo", afirmou em discurso feito de improviso após a aula inaugural de Annan. "O poder mundial mais forte, mesmo o poder atômico, tem limites diante da formação de uma opinião pública mundial."

Fernando Henrique afirmou que o presidente norte-americano, Bill

Clinton, já defende uma participação maior de países pacifistas, como o Brasil, mas que isto deve acontecer no âmbito das Nações Unidas. "É chegada a hora de rever as posições do Conselho de Segurança, porque nós temos uma nova situação no mundo", afirmou. "Há um momento em que é preciso institucionalizar as negociações e este é o momento das Nações Unidas."

No brinde feito antes do almoço que ofereceu ao secretário-geral da ONU, Fernando Henrique voltou a defender mudanças no Conselho de Segurança. "A eficácia não se dissociou da legitimidade", afirmou o presidente para justificar o aprimoramento do conselho. Fernando Henrique enfatizou que mesmo não sendo membro permanente, o Brasil tem contribuído ativamente nas diversas decisões da entidade.

PALANQUE

Congresso de municípios dá partida à campanha eleitoral

A campanha eleitoral em Minas Gerais será aberta oficialmente hoje, quando começa o 15º Congresso Mineiro de Municípios. O evento, a ser realizado no Mineirão, em Belo Horizonte, terá a participação do presidente Fernando Henrique Cardoso e, como tema, "Eleições 98". Até quinta-feira cerca de 850 prefeitos passarão pela capital, além de dezenas de parlamentares e lideranças políticas mineiras, com palestras dos quatro principais candidatos à Presidência - Fernando Henrique (PSDB), Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Ciro Gomes (PPS) e Enckes Cardoso (Prona).

Também expõem seus programas de governo os três candidatos com mais chances de chegar ao Palácio da Liberdade - o governador Eduardo Azeredo (PSDB), o ex-presidente Jomar Franco (PSDB) e o ex-prefeito de Belo Horizonte, Paulo Ananias (PT) - e os quatro mais importantes concorrentes ao Senado por Minas - Jiriney Marise (PT), que busca a reeleição; Helio Giro (PTB); José Alencar Gomes da Silva (PMDB) e Murilo Badurini (P



Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL

Veículo DJI - SP

Data: 14.07.98

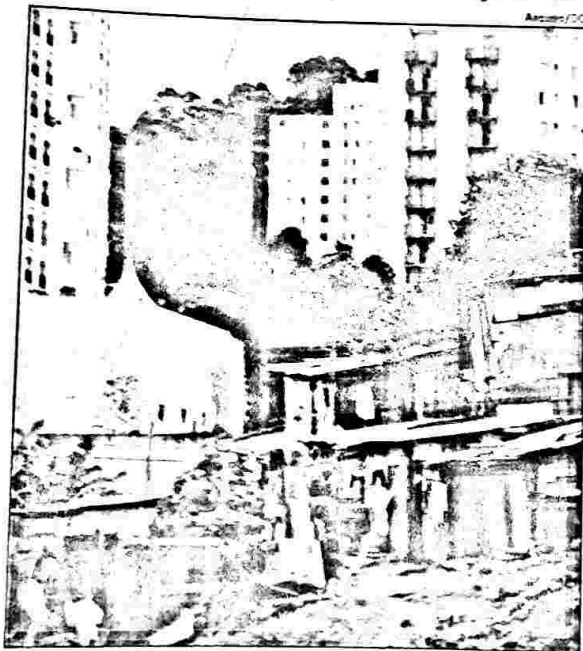
Seção: •••

Página CAF A

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

ONU: desigualdades dolorosas no Brasil

Kofi Annan, secretário-geral da Organização das Nações Unidas, disse que a questão social continua impondo preocupações



DESIGUALDADES - Brasil convive com economia estável e desequilíbrio social

Em sua primeira visita ao Brasil, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, fez ontem uma análise crítica da conjuntura do País. Durante uma palestra, Annan destacou os avanços promovidos pelo Plano Real, mas chamou especial atenção para as desigualdades sociais que assolam os brasileiros. "O Brasil deu um salto extraordinário desde que o Plano Real foi introduzido, mas vocês também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem." Segundo ele, a estabilização da economia e o controle da inflação foram conquistas importantes, mas a questão social continua impondo preocupações. "São Paulo seria a vigésima economia do mundo se fosse uma nação por si só", discursou Annan. "No entanto, as favelas que eu vi no Rio de Janeiro há dois dias, poderiam perfeitamente estar em um outro país", emendou o secretário-geral da ONU. PÁGINA 5



Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
 Veículo O TEMPO - BH
 Data: 14.07.98
 Seção: GERAL
 Página 11

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
 Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

NAÇÕES UNIDAS

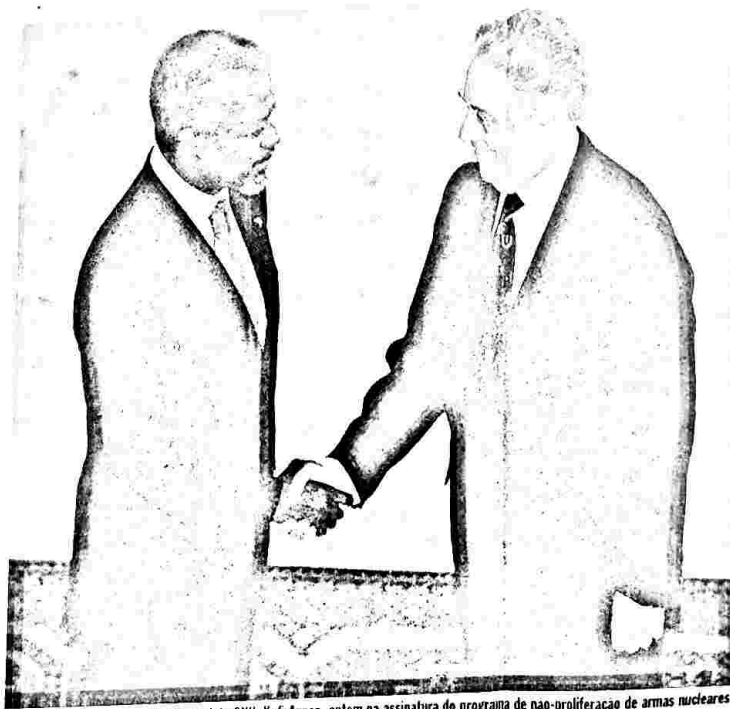
FHC adere ao programa antiarma nuclear

Secretário destaca avanços do Plano Real

BRASÍLIA - Em sua primeira visita ao Brasil, o secretário geral da ONU, Kofi Annan, fez ontem uma análise crítica da conjuntura do país. Durante uma palestra no Itamaraty, Annan destacou os avanços promovidos pelo Plano Real e chamou especial atenção para as desigualdades sociais que assolam os brasileiros. "O Brasil deu um salto extraordinário desde que o Plano Real foi introduzido", afirmou. "Mas vocês também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem", disse.

Segundo ele, a estabilização da economia e o controle da inflação foram conquistas importantes, mas a questão social continua impondo preocupações. "São Paulo, que eu terei o prazer de visitar amanhã (hoje), seria a vigésima economia do mundo se fosse uma nação por si só", discursou Annan. "No entanto, as favelas que eu vi no Rio de Janeiro, há dois dias, poderiam perfeitamente estar em um outro país", emendou. "Somos hoje um país que reencontrou o caminho do crescimento econômico e que coloca como objetivo prioritário a correção de graves injustiças herdadas do passado", respondeu o presidente Fernando Henrique Cardoso, durante brinde que precedeu almoço oferecido ao secretário.

Diplomático, Kofi Annan reiterou sua esperança de que as autoridades brasileiras realizem os esforços necessários para corrigir as distorções sociais e vinculou a paz mundial a uma situação de progresso econômico e justiça social. (AE)



Fernando Henrique e o secretário geral da ONU, Kofi Annan, ontem na assinatura do programa de não-proliferação de armas nucleares

Tratado inclui 185 países e está em vigor desde 70

O tratado de não-proliferação nuclear está em vigor desde 1970 e conta hoje com a assinatura de 185 países. O Brasil demorou a aderir ao tratado porque entendia que ele dava tratamento diferenciado às nações. "Ele proibia a proliferação de ar-

mas, mas não obrigava as grandes nações - que já possuíam armas nucleares - a reduzir seus arsenais", disse um diplomata.

Em 1988, a Constituição Federal proibiu a utilização da energia nuclear, exceto para fins pacíficos.

O Brasil defende o acordo de proibição completa de testes nucleares desde 1962 e, ao lado de outros 127 países, apoiou a apresentação dele à Assembleia Geral da ONU. O texto foi aprovado em 1996, com o voto favorável de 158 países. (AE)

BC PRESS

Presidente assinou documento na presença do secretário geral da ONU, que fez críticas às desigualdades sociais do país

BRASÍLIA - O presidente Fernando Henrique Cardoso propôs ontem, após assinar a adesão ao Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que a comunidade internacional defina um programa de eliminação de todas as armas nucleares.

Para Fernando Henrique, "a paz e a confiança são indispensáveis" para a superação da pobreza e da destruição nos países em desenvolvimento. A adesão ao TNP - aprovada no último dia 2 pelo Congresso Nacional - foi assinada na presença do secretário geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, em viagem oficial de quatro dias ao Brasil.

"Não queremos a bomba atômica", afirmou o presidente. "Ela só seria causa para a tensão e desconfianças em nossa região e inviabilizaria o processo de integração que estamos crescendo e aprofundando para o bem-estar de nossos povos", argumentou.

"Em vez de gastar escassos recursos em projetos de armas que não tem justificativa de nenhum ponto de vista, estamos investindo na estabilidade, no desenvolvimento, na redução das disparidades sociais e regionais", disse o presidente. Fernando Henrique condenou os testes nucleares realizados recentemente no sul da Ásia.

Força

Segundo o presidente, a força das nações não deve ser medida pelo potencial de armas nucleares que elas possuem. Ele argumentou que, nos dias de hoje, o que conta para a inserção de forma positiva e influente no cenário internacional é a capacidade do país em competir no campo econômico e garantir a coesão social e o caráter democrático de suas instituições.

O presidente também assinou ontem a ratificação do Tratado para a Proibição Completa de Testes Nucleares (CTBT).

Fernando Henrique agradeceu ao Congresso pela aprovação dos dois tratados e afirmou que a adesão aos acordos confere todas as credenciais possíveis na área de não-proliferação.

Para o presidente, isso permitirá a consolidação de medidas internas e externas, "inclusive em parceria com a nossa vizinha Argentina", país com o qual já possuiu - desde 1991 - acordo para uso pacífico da energia nuclear. (AE)

Cliente

FOLHA DO PARANÁ - LONDRINA

Veículo

14.07.98

Data:

Seção:

OPINIÃO

Página

03



RECORTES

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

EDITORIAL

Mudanças na ONU

O secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, que iniciou ontem por Brasília visita oficial a países da América do Sul, disse que há desigualdades sociais 'dolorosas' no Brasil, apesar do salto extraordinário desde o Plano Real. "As favelas que vi no Rio poderiam estar em outro país", disse Annan em aula proferida aos alunos do Instituto Rio Branco, no Palácio Itamarati. Kofi Annan chegou a comparar algumas cidades nordestinas a áreas mais pobres da África. Mesmo assim, o secretário-geral da ONU afirmou estar confiante na determinação do governo brasileiro em acabar com essa desigualdade e garantiu a parceria das Nações Unidas no caminho do desenvolvimento e da justiça social.

Preocupações sociais à parte, a impressão que se tem é a de que o secretário-geral da ONU está tentando encontrar solução para uma questão muito mais séria no âmbito da Organização mundial: ocorre que estão em andamento gestões destinadas a ampliar o número de membros permanentes do Conselho de Segurança, o principal órgão da ONU, e tanto Brasil quanto Argentina se colocam como candidatos ao lugar como representantes da América Latina. O embaixador argentino ante as Nações Unidas, Fernando Petrella, declarou em Nova York que, durante a estada de Annan, não se tratará do tema por-

que "nada tem a ver" com a visita do secretário geral. No entanto, afirmou que não podia ter certeza de o assunto vir a ser abordado se Annan se referisse a ele ou expressasse seu interesse em conhecer o curso das negociações envolvendo Brasil e Argentina. Um porta-voz do departamento das Nações Unidas em Buenos Aires disse, por sua vez, que, de fato, a questão aparece como um dos principais temas a ser tratados pelo visitante com seus interlocutores argentinos. Petrella explicou que as posições sustentadas pela Argentina e Brasil "estão sendo discutidas nos grupos de trabalho" e afirmou que "é preciso compreender a necessidade de democratizar o Conselho".

Por seu turno, o próprio secretário-geral da ONU afirmou que o consenso entre os países-membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas é de que ele precisa mudar, pois reflete o mundo de 1945, não o de hoje. "O Conselho deve estar em sintonia com a realidade política e econômica de nossos dias", defendeu Annan, sem entrar, entretanto, na questão do pleito de brasileiros e argentinos, no sentido de se outorgar a um ou outro país uma das novas vagas permanentes no CS.

É indiscutível que a ONU deve mudar. Vem cumprindo seu papel, apesar de todos os percalços, desde o final da 2ª Guerra. Afinal, surgiu no curso daquele conflito como uma proposta para garantir que as divergências entre os povos passariam a ser resolvidas por via diplomática, pelo entendimento. Meio século passado, terminada a guerra fria, estabelecida uma nova realidade mundial, é

certo que o organismo precisa se modificar. A questão a discutir é o tipo de mudança que se projeta, diante mesmo desta questão regional sobre a representação no Conselho de Segurança. Aumentar o número de membros permanentes do

órgão, dar a outros países o poder de veto (que apenas serviu para evitar que os choques de interesses entre o Ocidente e a União Soviética acabassem com um organismo rágil, como o era a ONU), não são as mudanças efetivas que o organismo exige. Importa menos se Brasil ou Argentina se tornarão membros do Conselho de Segurança, mas se a ONU conseguirá, neste final de século, tornar-se o que foisonhado nos primórdios do organismo, o grande parlamento em que o mundo resolva, sem sangue, sem guerras, todas as suas pendências.

***O desafio da ONU
é tornar-se o grande
parlamento mundial
neste final de século***



Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
 Veículo FOLHA DO PARANÁ - LONDRINA
 Data: 14.07.98
 Seção: POLITICA
 Página 05

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
 Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

EM FAVOR DA PAZ

FHC apela à ONU para desarmamento

Presidente pede a secretário-geral que estabeleça programa de eliminação das armas nucleares no mundo

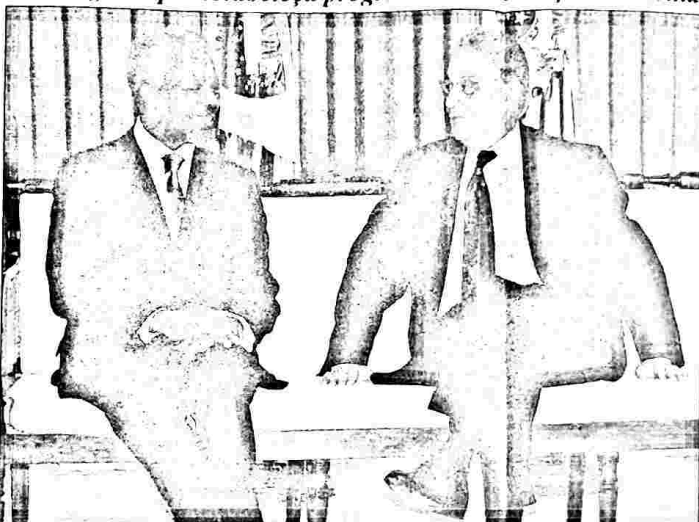
Para governo e PT, derrota na Copa não altera pesquisa

Agência Estado

O secretário nacional de Direitos Humanos, José Gregori, disse ontem que não há como negar que a vitória da Seleção teria ajudado a aumentar o clima de otimismo no País. "É claro que a vitória teria influido, porque, pouco a pouco, o governo foi ficando mais identificado com a luta dos nossos jogadores em Paris do que a oposição", afirmou. "Mas não foi uma derrota, foi um meio derrota", disse. "A avaliação é que não terá nenhum reflexo nas pesquisas." O governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque (PT), concorda: "A derrota não terá influência", disse. "Não foi uma derrota, ser vice, no caso de futebol, é muito bom. Não é como nas eleições em que um perde e outro ganha."

Segundo ele, a vitória favoreceria FHC. "O presidente iria lucrar com a vitória da Seleção", disse. "Se a Seleção tivesse vencido haveria um clima de euforia no País." Para Cristovam, pode haver algum pessimismo nos próximos dias. O governo também espera isso e ligou o sinal de alerta. A avaliação dos governistas é de que nos próximos dias é preciso impedir que qualquer problema do governo acabe tendo seu impacto maximizado pelo clima de desânimo no País.

Os aliados de FHC lembram que sua queda nas pesquisas foi relacionada a problemas como seca, desemprego, incêndio em Roraima e a declaração infeliz do presidente, que comparou a vagabundos quem se aposenta com menos de 50 anos. Há 45 dias, FHC aparecia nas pesquisas empattado tecnicamente com seu Lula. O presidente recuperou-se e já tem 17 pontos de vantagem, segundo pesquisa do Ibope da semana passada.



Exemplo
 Kofi Annan: adesão do Brasil aos acordos antinucleares é um presente para o mundo

Brasil insiste em vaga permanente

Isabel Braga e Docca de Oliveira

O secretário-geral não apoiou diretamente a candidatura do Brasil a uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU, embora o Itamaraty tenha insistido. Mas elogiou a atuação do Brasil nos diferentes órgãos da Organização, como o apoio às reformas administrativas promovidas por ele. "O Brasil tem hoje um papel de liderança na ONU e as credenciais brasileiras estão estabelecidas", destacou. "O Brasil é um dos países-membros da ONU mais ativos na manutenção da paz e tem potencial para ser ainda mais participante."

Kofi Annan admitiu ontem em

Brasília que o Conselho de Segurança da entidade precisa ser reformado para "estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nossos dias". Apesar de esta ser uma questão para os estados-membros decidirem, permitam-me dizer que há um consenso de que a atual configuração do Conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje", afirmou o secretário-geral da ONU em aula inaugural no Itamaraty.

FHC aproveitou a visita de Annan para também defender a construção de uma ordem mundial mais democrática, em que se respeite as diferenças de capacidade econômica e de ação social. "Todos sabemos que o poder tem limites e que, no mundo de hoje, não

há país poderoso, quando esse país não é capaz de ser sensível aos clamores do mundo", afirmou em discurso feito de improviso após a aula inaugural mais forte, mesmo o poder atômico, tem limites diante da formação de uma opinião pública mundial."

No brinde feito antes do almoço que ofereceu a Annan, FHC voltou a defender mudanças no Conselho de Segurança. "A eficácia não se dissocia da legitimidade", afirmou o presidente para justificar o aprimoramento do conselho. FHC enfatizou que mesmo não sendo membro permanente, o Brasil tem contribuído ativamente nas diversas decisões da entidade.

Isabel Braga
 Agência Estado

O presidente Fernando Henrique Cardoso propôs ontem, após assinar a adesão ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que a comunidade internacional defina um programa de eliminação de todas as armas nucleares. Para Fernando Henrique, "a paz e a confiança são indispensáveis" para a superação da pobreza e desnutrição nos países em desenvolvimento. A adesão ao TNP - aprovada no último dia 2 pelo Congresso - foi assinada na presença do secretário-geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, em viagem oficial de quatro dias ao Brasil.

"Não queremos a bomba atômica", afirmou o presidente.

"Ela só seria causa para a tensão e desconfianças em nossa região e inviabilizaria o processo de integração que estamos crescendo e aprofundando para o bem-estar de nossos povos", argumentou.

"Em vez de gastar escassos recursos em projetos de armas que não tem justificativa de nenhum ponto de vista, estamos investindo na estabilidade, no desenvolvimento, na redução das disparidades sociais e regionais."

Fernando Henrique condenou os testes nucleares realizados recentemente no Sul da Ásia. Para o presidente, a força das nações não deve ser medida pelo potencial de armas nucleares que elas possuem. Ele argumentou que, nos dias de hoje, o que conta para a inserção de forma positiva e influente no cenário internacional é a capacidade do país em competir no campo econômico e garantir a coesão social e o caráter democrático de suas instituições.

O presidente também assinou ontem a ratificação do Tratado para a Proibição Completa de

Testes Nucleares (CTBT). Ele agradeceu ao Congresso pela aprovação dos dois tratados e afirmou que a adesão aos acordos confere todas as credenciais possíveis na área de não-proliferação. Para o presidente, isto permitirá a consolidação de medidas internas e externas, "inclusive em parceria com a nossa vizinha Argentina", país com o qual já possui - desde 1991 - acordo para uso pacífico da energia nuclear.

O tratado de não-proliferação nuclear está em vigor desde 1970 e conta hoje com a assinatura de 185 países. O Brasil demorou a aderir ao tratado porque entendia que ele dava tratamento diferenciado às nações. "Ele proíbe a proliferação de armas, mas não obriga as grandes nações - que já possuem armas nucleares - a reduzir seus arsenais", explicou um diplomata. Em 1988, a Constituição Federal proibiu a utilização da energia nuclear, exceto para fins pacíficos.

O Brasil defende o acordo de proibição completa de tes-

tes nucleares desde 1962 e, ao lado de outros 127 países, apoiou a apresentação dele à Assembleia Geral da ONU. O texto foi aprovado em 1996, com o voto decisivo de 158 países. O Brasil votou o 15º país a ratificar o tratado.

A intenção do CTBT é banir os testes nucleares em todos os tipos de ambientes: na atmosfera, sob a água e sob o solo. Haverá um sistema de monitoramento internacional que conta com uma rede de 321 estações divididas em quatro tipos, de acordo com a tecnologia empregada: moléculas, de radionuclídeos, droacústicas e de infrassom. "Ver o presidente assinar e acordos foi um momento de piratagem para mim", afirmou secretário Annan. "A adesão do Brasil aos acordos é um presente para o mundo e para as próximas gerações."

"Força das nações não deve ser medida pelo potencial de armas de cada uma"



RECORTES

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL

Veículo JORNAL DE JUNDIAÍ - JUNDIAÍ

Data: 14.07.98

Seção: OPINIÃO

Página 02

Bomba, não

O presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou, em cerimônia no Palácio do Planalto, que se engana aquele que pensa que a bomba atômica é sinal de poder. O poder, segundo o presidente, se configura pela competência econômica, pelos atos sociais e pelas instituições democráticas. "Não queremos a bomba atômica", enfatizou o presidente, no discurso que marcou o compromisso do Brasil contra a proliferação das armas nucleares e de ratificação ao tratado que proíbe a realização de testes nucleares. O discurso do presidente foi na presença do secretário-geral da Organização das Nações Unidas, Kofi Annan. "O Brasil não poupará esforços para que no futuro o mundo fique livre das armas nucleares", garante Fernando Henrique.

Miséria

O secretário-geral da Organização das Nações Unidas, Kofi Annan, reconhece que o Brasil deu um salto extraordinário desde que o governo fez o Plano Real. Lamenta, porém, as desigualdades sociais "dolorosas" do Brasil. "As favelas que vi no Rio de Janeiro, há dois dias, poderiam estar em outro país", disse Annan, durante a aula magna no Palácio do Itamaraty para os alunos do Instituto Rio Branco. Kofi Annan compara algumas cidades nordestinas a áreas mais pobres da África. Mesmo assim, o secretário-geral

da ONU está confiante na determinação do governo brasileiro em acabar com essa desigualdade e garante a parceria das Nações Unidas no caminho do desenvolvimento e da justiça social.

Avançando

A TV Thathi, retransmissora da Rede Manchete em 130 cidades do interior de São Paulo, está sendo negociada com a Rede Record, do bispo Edir Macedo, por aproximadamente R\$ 17 milhões. O fechamento do negócio, segundo um dos sócios da empresa, João Zangrande, deve ocorrer até sexta-feira ou no mais tardar no início da próxima semana. "A proposta é irrecusável" diz ele, sem querer confirmar o valor da negociação. Segundo fontes da própria empresa, a proposta inicial feita pela Record era de R\$ 15 milhões, mas foi recusada pelo grupo. Zangrande diz que o fechamento do negócio só está dependendo da chegada do outro sócio da TV Thathi, Chain Zaher, também proprietário do Colégio Coc, na região de Ribeirão Preto. Ele esteve na França para assistir à final da Copa e deve retornar a Ribeirão até quinta-feira. A Record não comenta o assunto. Zangrande, no entanto, diz que a empresa tem planos de formar uma rede evangélica voltada exclusivamente para o interior do estado. Fontes ligadas à TV Thathi afirmam que a atual programação seria completamente modificada.



Cliente: ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo: DIÁRIO DA TARDE - BH
Data: 14.07.98
Seção: POLÍTICA

Página 04

RECORTES
Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

♦ ALMOÇO

Na sua rápida estada em São Paulo, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas, Kofi Annan, tem hoje um compromisso agendado.

Vai almoçar no Palácio dos Bandeirantes com o governador em exercício do Estado, Geraldo Alckimin Filho. As 15h30m Kofi Annan viaja para Montevidéu, segunda escala de sua viagem à América Latina.

♦ DISCRETO

Na viagem que fará nesta terça-feira a Belo Horizonte, para a abertura do Encontro Mineiro dos Municípios, o presidente FHC deverá se manter dentro da liturgia do cargo.

Mas poderá ter postura de candidato na viagem que fará dia 18 a Porto Alegre e, mais ainda, na segunda viagem de campanha ao Ceará, onde imporá o correligionário tucano Tasso Jereissati, também candidato à reeleição.



RECORTES

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL

Cliente

DIÁRIO DE SOROCABA - SOROCABA

Veículo

14.07.98

Data:

NACIONAL

Página

A4

Seção:

Fernando Henrique sugere à ONU que elimine todas as armas nucleares

BRASÍLIA - O presidente Fernando Henrique Cardoso propôs ontem, após assinar a adesão ao Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que a comunidade internacional defina um programa de eliminação de todas as armas nucleares. Para Fernando Henrique, "a paz e a confiança são indispensáveis" para a superação da pobreza e desnutrição nos países

em desenvolvimento. A adesão ao TNP - aprovada no dia 2 deste mês pelo Congresso Nacional - foi assinada na presença do secretário-geral da ONU (Organização das Nações Unidas), Kofi Annan, em viagem oficial de quatro dias ao Brasil.

Fernando Henrique condenou os testes nucleares efetuados recentemente no Sul da Ásia. Para o presi-

dente, a força das nações não deve ser medida pelo potencial de armas nucleares que elas possuem. Ele argumentou que, nos dias de hoje, o que conta para a inserção de forma positiva e influente no cenário internacional é a capacidade do País em competir no campo econômico e garantir a coesão social e o caráter democrático de suas instituições.



RECORTES

Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo JORNAL DE PIRACICABA - PIRACICABA
Data: 14.07.98
Seção: GERAL

Página 48

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

 **ONU**

FHC sugere eliminar armas nucleares

FHC assinou Tratado de Não-Proliferação de Armas

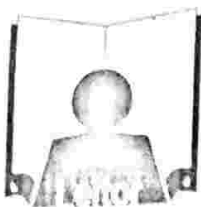
O presidente Fernando Henrique Cardoso propôs ontem, após assinar a adesão ao Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que a comunidade internacional defina um programa de eliminação de todas as armas nucleares. Para Fernando Henrique, "a paz e a confiança são indispensáveis" para a superação da pobreza e desnutrição nos países em desenvolvimento. A adesão ao TNP - aprovada no último dia 2 pelo Congresso Nacional - foi assinada na presença do secretário-geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, em viagem oficial de quatro dias ao Brasil.

"Não queremos a bomba atômica", afirmou o presidente. "Ela só seria causa para a tensão e desconfianças em nossa região e inviabilizaria o processo de integração que estamos crescentemente aprofundando para o bem-estar de nossos povos", argumentou. "Em vez de gastar escassos recursos em pro-

jetos de armas que não tem justificativa de nenhum ponto de vista, estamos investindo na estabilidade, no desenvolvimento, na redução das disparidades sociais e regionais."

Fernando Henrique condenou os testes nucleares realizados recentemente no Sul da Ásia. Para o presidente, a força das nações não deve ser medida pelo potencial de armas nucleares que elas possuem. Ele argumentou que, nos dias de hoje, o que conta para a inserção de forma positiva e influente no cenário internacional é a capacidade do País em competir no campo econômico e garantir a coesão social e o caráter democrático de suas instituições.

O presidente também assinou ontem a ratificação do Tratado para a Proibição Completa de Testes Nucleares (-CTBT). Ele agradeceu ao Congresso pela aprovação dos dois tratados e afirmou que a adesão aos acordos confere todas as credenciais possíveis.



RECORTES

Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo JORNAL DE PIRACICABA - PIRACICABA
Data: 14.07.98
Seção: GERAL

Página

B4

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

ONU

Secretário aponta desigualdades

Kofi Annan disse ontem que controle de inflação foi importante, mas País ainda sofre

Em sua primeira visita ao Brasil, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, fez ontem uma análise crítica da conjuntura do País. Durante uma palestra proferida no Itamaraty, Annan destacou os avanços promovidos pelo Plano Real e chamou especial atenção para as desigualdades sociais que assolam os brasileiros. "O Brasil deu um salto extraordinário desde que o Plano Real foi introduzido", afirmou. "Mas vocês também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem."

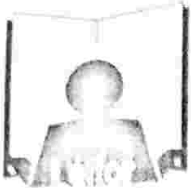
Segundo ele, a estabilização da economia e o controle da inflação foram conquistas importantes, mas a questão social continua impondo preocupações. "São Paulo, que eu te-rei o prazer de visitar amanhã (hoje), seria a vigésima economia do mundo

se fosse uma nação por si só", discursou Annan. "No entanto, as favelas que eu vi no Rio de Janeiro, há dois dias, poderiam perfeitamente estar em um outro país", emendou o secretário-geral da ONU. "Os meninos de rua não sabem nada sobre os arranha-céus reluzentes, onde enormes fortunas são geradas todos os dias. E no Nordeste do Brasil existem situações semelhantes às das partes mais pobres da África."

"Somos hoje um País que reencontrou o caminho do crescimento econômico e que coloca como objetivo prioritário a correção de graves injustiças sociais herdadas do passado", respondeu o presidente Fernando Henrique Cardoso, durante brinde que precedeu almoço oferecido ao secretário-geral da ONU após a palestra.

Diplomático, Kofi Annan reiterou sua esperança de que as autoridades brasileiras realizem os esforços necessários para corrigir as distorções sociais no País e vinculou a paz mundial a uma situação de progresso econômico e justiça social. "O presidente Fernando Henrique Cardoso deixou claro que o Brasil precisa tratar destas desigualdades", disse. "Eu sei que a sua cultura de paz os impele a confrontar tais desigualdades de maneira corajosa", acrescentou.

Com o auditório lotado, a palestra do secretário-geral - cujo tema foi "a cultura da paz" - durou pouco mais de 20 minutos. Kofi Annan reiterou sua satisfação por vir ao Brasil, e, lembrando o arquiteto Lúcio Costa - um dos idealizadores da capital federal, morto recentemente -, afirmou ter vindo "com a mente aberta".



RECORTES

Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo DIÁRIO DE NOTÍCIAS - SP
Data: 14.07.98
Seção: POLÍTICA

Página 02

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Secretário da ONU aponta "desigualdades dolorosas" no Brasil

Em sua primeira visita ao Brasil, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, fez ontem uma análise crítica da conjuntura do País. Durante uma palestra proferida no Itamaraty, Annan destacou os avanços promovidos pelo Plano Real e chamou especial atenção para as desigualdades sociais que assolam os brasileiros. "O Brasil deu um salto extraordinário desde que o Plano Real foi introduzido", afirmou. "Mas vocês também reconhecem

permanecem."

Segundo ele, a estabilização da economia e o controle da inflação foram conquistas importantes, mas a questão social continua impondo preocupações. "São Paulo, que eu terei o prazer de visitar hoje (14), seria a vigésima economia do mundo se fosse uma nação por si só", discursou Annan.

"No entanto, as favelas que eu vi no Rio de Janeiro, há dois dias, poderiam perfeitamente estar em um outro país", emendou o secretário-geral da ONU.



RECORTES

Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo JORNAL DA CIDADE - BAURU
Data: 14.07.98
Seção: BRASIL

Página 21

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

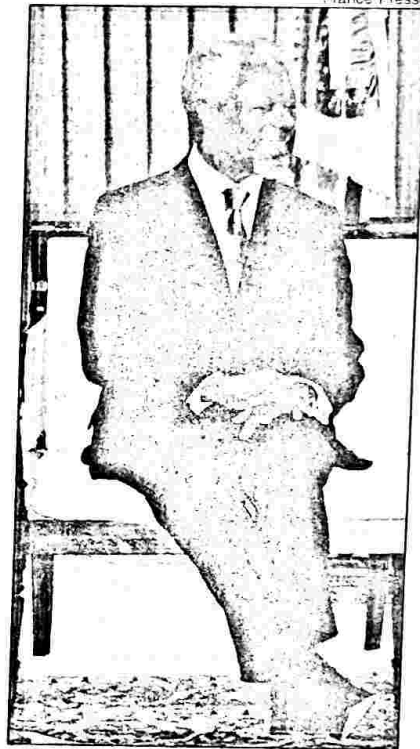
Secretário-geral da ONU aponta as "desigualdades dolorosas" do Brasil

Brasília (DF) - Em sua primeira visita ao Brasil, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, fez ontem uma análise crítica da conjuntura do País. Durante uma palestra proferida no Itamaraty, Annan destacou os avanços promovidos pelo Plano Real e chamou especial atenção para as desigualdades sociais que assolam os brasileiros. "O Brasil deu um salto extraordinário desde que o Plano Real foi introduzido", afirmou. "Mas vocês também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem."

Segundo ele, a estabilização da economia e o controle da inflação foram conquistas importantes, mas a questão social continua impondo preocupações. "São Paulo, que eu terei o prazer de visitar amanhã (hoje), seria a vigésima economia do mundo se fosse uma nação por si só", discursou Annan. "No entanto, as favelas que eu vi no Rio de Janeiro, há dois dias, poderiam perfeitamente estar em um outro país", emendou o secretário-geral da ONU. "Os meninos de rua não sabem nada sobre os arranha-céus reluzentes, onde enormes fortunas são geradas todos os dias. E no Nordeste do Brasil existem situações semelhantes às das partes mais pobres da África."

"Somos hoje um País que reencontrou o caminho do crescimento econômico e que coloca como objetivo prioritário a correção de graves injustiças sociais herdadas do passado", respondeu o presidente Fernando Henrique Cardoso, durante brinde que precedeu almoço oferecido ao secretário-geral da ONU após a palestra.

Diplomático, Kofi Annan reiterou sua esperança de que as autoridades brasileiras realizem os esforços necessários para corrigir as distorções sociais no País e vinculou a paz mundial a uma situação de progresso econômico e justiça social. "O presidente Fernando Henrique deixou claro que o Brasil precisa tratar destas desigualdades", disse. "Eu sei



Para o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, a paz mundial está vinculada ao progresso econômico e à justiça social

que a sua cultura de paz os impele a confrontar tais desigualdades de maneira corajosa", acrescentou.

Com o auditório lotado, a palestra do secretário-geral - cujo tema foi "a cultura da paz" - durou pouco mais de 20 minutos. Kofi Annan reiterou sua satisfação por vir ao Brasil, e, lembrando o arquiteto Lúcio Costa - um dos idealizadores da capital federal, morto recentemente -, afirmou ter vindo "com a mente aberta". O diplomata também ressaltou a participação ativa do País nos esforços pela manutenção da paz mundial e o bom relacionamento com as Nações Unidas.

"Vocês colaboraram de maneira excepcional para as nossas operações de manutenção de paz", disse

Annan. "Tenho certeza de que veremos seu papel na manutenção da paz recuperar os índices impressionantes do passado."

Ele destacou ainda, que a globalização traz desafios "sem passaportes", que exigem soluções "sem fronteiras" e que o Brasil "está preparado para cumprir integralmente a sua parte". Kofi Annan comentou que uma das maiores preocupações deste momento é com o quadro de membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas, cuja atual configuração merece revisão. "Permitam-me dizer que há um consenso de que a atual configuração do Conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje", afirmou o secretário-geral. "Ele deve estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nossos dias."

Armas nucleares

O presidente FHC propôs hoje, após assinar a adesão ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que a comunidade internacional defina um programa de eliminação de todas as armas nucleares. Para FHC, "a paz e a confiança são indispensáveis" para a superação da pobreza e desnutrição nos países em desenvolvimento. A adesão ao TNP - aprovada no último dia 2 pelo Congresso Nacional - foi assinada na presença de Kofi Annan.

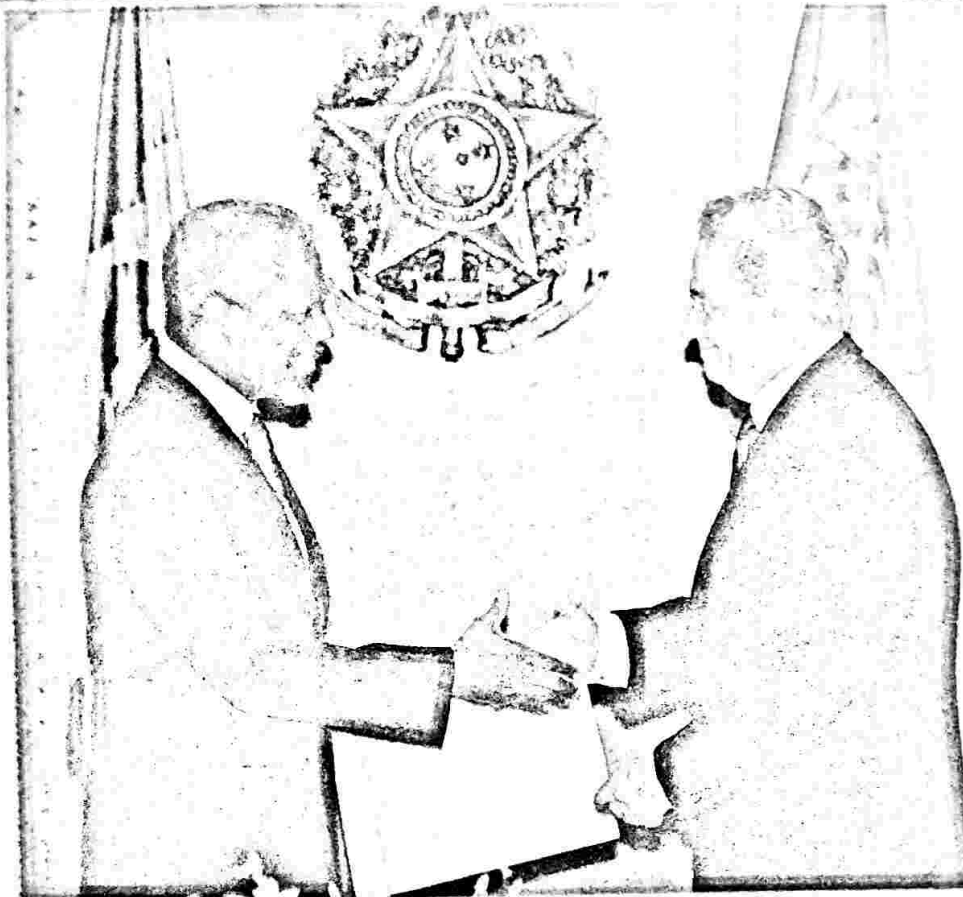
"Não queremos a bomba atômica", afirmou o presidente. "Ela só seria causa para a tensão e desconfianças em nossa região e inviabilizaria o processo de integração que estamos crescentemente aprofundando para o bem-estar de nossos povos", argumentou. O presidente também assinou a ratificação do Tratado para a Proibição Completa de Testes Nucleares (CTBT). Ele agradeceu ao Congresso pela aprovação dos dois tratados e afirmou que a adesão aos acordos confere todas as credenciais possíveis na área de não-proliferação. (AE)



Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo JORNAL DA CIDADE - BAURU
Data: 14.07.98
Seção: ...

Página **02/02**

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713



Desigualdades dolorosas

O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, fez ontem uma análise crítica da conjuntura do País durante palestra proferida no Itamaraty. Annan destacou os avanços promovidos pelo Plano Real, mas chamou a atenção do presidente FHC para as desigualdades sociais.

PÁG. 21



RECORTES

Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL

Veículo JORNAL DA CIDADE - BAURU

Data: 14.07.98

Seção: BRASIL

Página 21

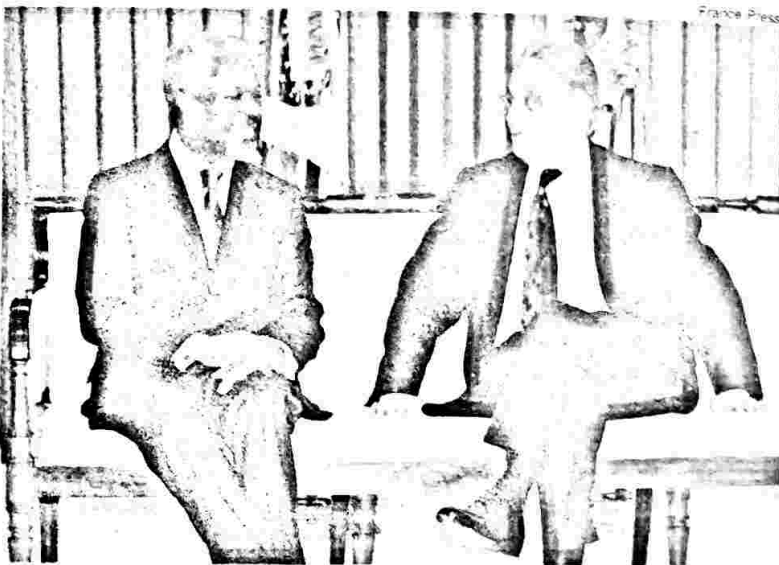
Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Brasil

O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, encontrou-se ontem com o presidente Fernando Henrique. O Brasil assinou o compromisso contra a proliferação de armas nucleares e ratificou acordo contra a realização de testes com armas atômicas.

Annan criticou a desigualdade social no País.

Página 21





RECORTES
Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels. 3657-7532 - 3666-8147 - Fax 826-3713

Secretário da ONU elogia Plano Real e aponta "desigualdades dolorosas" no Brasil

Em sua primeira visita ao Brasil, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, fez ontem uma análise crítica da conjuntura do País. Durante uma palestra proferida no Itamaraty, Annan destacou os avanços promovidos pelo Plano Real e chamou especial atenção para as desigualdades sociais que assolam os brasileiros. "O Brasil deu um salto extraordinário desde que o Plano Real foi introduzido", afirmou. "Mas vocês também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem."

Segundo ele, a estabilização da economia e o controle da inflação foram conquistas importantes, mas a questão social continua impondo preocupações. "São Paulo, que eu terei o prazer de visitar hoje (14), seria a vigésima economia do mundo se fosse uma nação por si só", discursou Annan. "No entanto, as favelas que eu vi no Rio de Janeiro, há dois dias, poderiam perfeitamente estar em um outro país", emendou o secretário-geral da ONU. "Os meninos de rua não sabem nada sobre os arranha-céus reluzentes, onde enormes fortunas são geradas todos os dias. E no Nordeste do Brasil existem situações semelhantes às das partes mais pobres

da África."

"Somos hoje um País que reencontrou o caminho do crescimento econômico e que coloca como objetivo prioritário a correção de graves in-

COM O AUDITÓRIO LOTADO, A PALESTRA DO SECRETÁRIO-GERAL - CUJO TEMA FOI "A CULTURA DA PAZ" - DUROU POUCO MAIS DE 20 MINUTOS

justiças sociais herdadas do passado", respondeu o presidente Fernando Henrique Cardoso, durante brinde que precedeu almoço oferecido ao secretário-geral da ONU após a palestra.

Diplomático, Kofi Annan reiterou sua esperança de que as autoridades brasileiras realizem os esforços necessários para corrigir as distorções sociais no País e vinculou a paz mundial a uma situação de progresso econômico e justiça social. "O presidente Fernando Henrique Cardoso deixou claro que o Brasil precisa tratar destas desigualdades", disse. "Eu sei que a sua cultura de paz os impele a confrontar tais desigualdades de maneira corajosa", acrescentou.

Kofi Annan reiterou sua satisfação por vir ao Brasil, e,

lembrando o arquiteto Lúcio Costa - um dos idealizadores da capital federal, morto recentemente -, afirmou ter vindo "com a mente aberta". O diplomata também ressaltou a participação ativa do País nos esforços pela manutenção da paz mundial e o bom relacionamento com as Nações Unidas.

"Vocês colaboraram de maneira excepcional para as nossas operações de manutenção de paz", disse Annan. "Tenho certeza de que veremos seu papel na manutenção da paz recuperar os índices impressionantes do passado."

Ele destacou ainda, que a globalização traz desafios "sem passaportes", que exigem soluções "sem fronteiras" e que o Brasil "está preparado para cumprir integralmente a sua parte". Kofi Annan comentou que uma das maiores preocupações deste momento é com o quadro de membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas, cuja atual configuração merece revisão. "Permitam-me dizer que há um consenso de que a atual configuração do Conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje", afirmou o secretário-geral. "Ele deve estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nossos dias."



FHC aguarda chegada do secretário da ONU. Kofi Annan reiterou sua esperança de que as autoridades brasileiras realizem os esforços necessários para corrigir as distorções sociais no País

FHC sugere à ONU que elimine todas as armas nucleares

O presidente Fernando Henrique Cardoso propôs ontem, após assinar a adesão ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que a comunidade internacional defina um programa de eliminação de todas as armas nucleares. Para Fernando Henrique, "a paz e a confiança são indispensáveis" para a superação da pobreza e desnutrição nos países em desenvolvimento. A adesão ao TNP - aprovada no último dia 2 pelo Congresso Nacional - foi assinada na presença do secretário-geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, em viagem oficial de quatro dias ao Brasil.

"Não queremos a bomba atômica", afirmou o presidente. "Ela só seria causa para a tensão e desconfiança em nossa região e inviabilizaria o processo de integração que estamos crescendo profundamente dando para o bem-estar de nossos povos", argumentou. "Em vez de gastar escassos recursos em projetos de armas que não tem justificativa de que não tem ponto de vista, estamos investindo na estabilização das disparidades sociais e regionais."

Fernando Henrique condenou os testes nucleares realizados recentemente no Sul da Ásia. Para o presidente, a força das nações não deve ser medida pelo potencial de armas nuclea-

res que elas possuem. Ele argumentou que nos dias de hoje, o que conta para a inserção de forma positiva e influente no cenário internacional é a capacidade do País em competir no campo econômico e garantir a coesão social e o caráter democrático de suas instituições.

O presidente também afirmou que o Brasil ratificou o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP).



FHC em encontro com Kofi Annan: líder permanecerá quatro dias no Brasil

tado para a Proibição Completa de Testes Nucleares (CTBT). Ele agradeceu ao Congresso pela aprovação dos dois tratados e afirmou que a adesão aos acordos confere todas as credenciais possíveis na área de não-proliferação. Para o presidente, isto permitirá a consolidação de medidas internas e externas, "inclusive em parceria com a nossa vizinha Argentina", país com o qual já possuiu - desde 1991 - acordo para uso pacífico da energia nuclear.

O tratado de não-proliferação nuclear está em vigor desde 1970 e conta hoje com a assinatura de 185 países. O Brasil

demorou a aderir ao tratado porque entendia que ele dava tratamento diferenciado às nações. "Ele proíbe a proliferação de armas, mas não obriga as grandes nações - que já possuem armas nucleares - a reduzir seus arsenais", explicou um diplomata. Em 1988, a Constituição Federal proibiu a utilização da energia nuclear, exceto para fins pacíficos.

O Brasil defende o acordo de proibição completa de testes nucleares desde 1962 e, ao lado de outros 127 países, apoiou a apresentação dele à Assembleia Geral da ONU. O texto foi aprovado em 1996, com o voto favorável de 158 países. O Brasil foi o décimo quinto país a ratificar - assinar, depois de obter a aprovação parlamentar - o tratado.

A intenção do CTBT é banir os testes nucleares em todos os tipos de ambientes: na atmosfera, sob a água e sob o solo. Haverá um sistema de monitoramento internacional que conta com uma rede de 321 estações divididas em quatro tipos, de acordo com a tecnologia empregada: sísmológicas, de radionídeos, hidroacústicas e de infrassom. "Ver o presidente assinar estes acordos foi um momento de inspiração para mim", afirmou o secretário Annan. "A adesão do Brasil aos acordos é um presente para o mundo e para as próximas gerações."

Comícios eletrônicos de FHC começam no sábado

Começam no sábado (18) os comícios eletrônicos que levarão a imagem e a voz do candidato Fernando Henrique Cardoso a 800 cidades e 40 milhões de eleitores nos próximos 70 dias. "Como o presidente não poderá percorrer todos os locais que gostaria, foi bulado um programa para garantir sua presença no interior do País", resumiu o coordenador político da campanha, Euclides Scalco. O programa Pé da Estrada vai mobilizar 200 profissionais, que vão percorrer os 27 Estados em 12 caminhões multimídia, equipados com som, telêx e uma banda. A fala do presidente vai chegar aos eleitores das pequenas e médias cidades do interior em dois telões instalados na carroceria. Na primeira mensagem, para abrir os comícios nas praças públicas de todo o País, Fernando Henrique dirá ao

eleitor que não pode se dedicar exclusivamente à campanha, como os demais candidatos, porque tem de manter o trabalho de presidente e cuidar do Brasil.

O roteiro em cada Estado será decidido com a participação dos coordenadores locais da reeleição, de forma a que os caminhões percorram no máximo 100 quilômetros por dia. O comitê nacional está enviando as sugestões, apoiado em pesquisas qualitativas e quantitativas de intenção de voto. A ideia é privilegiar as cidades onde o Fernando Henrique ainda tem margem para ganhar indecisos e reverter a preferência eventual por outro candidato. As pesquisas vão dizer onde faltam informações e votos para a reeleição.

Segundo o coordenador de mobilização, José Abraão, os primeiros cinco caminhões partem de São Paulo em direção ao inte-

rior paulista e a Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Além dos cinco minutos do discurso nacional do candidato, Fernando Henrique gravará 800 falas dirigidas ao eleitor de cada uma das localidades incluídas no Pé na Estrada. Nesta segunda mensagem, serão abordadas as questões locais e regionais e as soluções que Fernando Henrique quer implementar no segundo mandato.

Encerrado o discurso presidencial, o caminhão transforma-se em palco para o comício dos líderes locais e regionais. Estes falarão ao vivo, mas não encerrarão o ato. Fernando Henrique voltará à cena para o encerramento, quando falará do programa de governo para o País. Tudo isto com direito a queima de fogos e ao jingle da campanha, cantado no ritmo da região, do xote ao baião.



RECORTES

Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo CRUZEIRO DO SUL - SORCUBA
Data: 14.07.98
Seção: BRASIL

Página 07

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

FHC propõe eliminação das armas nucleares

O presidente Fernando Henrique Cardoso propôs ontem, após assinar a adesão ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que a comunidade internacional defina um programa de eliminação de todas as armas nucleares. Para Fernando Henrique, "a paz e a confiança são indispensáveis" para a superação da pobreza e desnutrição nos países em desenvolvimento.

A adesão ao TNP - aprovada no último dia 2 pelo Congresso Nacional - foi assinada na presença do secretário-geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, em viagem oficial de quatro dias ao Brasil.

"Não queremos a bomba atômica", afirmou o presidente. "Ela só seria causa para a tensão e desconfianças em nossa região e inviabilizaria o processo de integração que estamos crescentemente aprofundando para o bem-estar de nossos povos", argumentou. "Em vez de gastar escassos recursos em projetos de armas que não têm justificativa de nenhum ponto de vista, estamos investindo na estabilidade, no desenvolvimento, na redução das disparidades sociais e regionais."

Fernando Henrique condenou os testes nucleares realizados recentemente no Sul da Ásia. Para o presidente, a força das nações não deve ser medida pelo potencial de armas nucleares que elas possuem. Ele argumentou que, nos dias de hoje, o que conta para a inserção de forma positiva e influente no cenário internacional é a capacidade do País em competir no campo econômico e garantir a coesão social e o caráter democrático de suas instituições.



Kofi Annan e FHC trocam cumprimentos, no Itamaraty

Annan lembra situação do país

Em sua primeira visita ao Brasil, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, fez ontem uma análise crítica da conjuntura do País. Durante uma palestra proferida no Itamaraty, Annan destacou os avanços promovidos pelo Plano Real e chamou especial atenção para as desigualdades sociais que assolam os brasileiros. "O Brasil deu um salto extraordinário desde que o Plano Real foi introduzido", afirmou. "Mas vocês também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem."

Segundo ele, a estabilização da economia e o controle da inflação fo-

ram conquistas importantes, mas a questão social continua impondo preocupações. "São Paulo, que eu terei o prazer de visitar amanhã (14), seria a vigésima economia do mundo se fosse uma nação por si só", discursou Annan. "No entanto, as favélas que eu vi no Rio de Janeiro, há dois dias, poderiam perfeitamente estar em um outro país", emendou o secretário-geral da ONU. "Os meninos de rua não sabem nada sobre os arranha-céus reluzentes, onde enormes fortunas são geradas todos os dias. E no Nordeste do Brasil existem situações semelhantes às das partes mais pobres da África."



Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo O DIÁRIO - RIBEIRÃO PRETO
Data: 14.07.98
Seção: GERAL

Página 1-7

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

FHC sugere à ONU que elimine todas as armas nucleares

O presidente Fernando Henrique Cardoso propôs ontem, após assinar a adesão ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que a comunidade internacional defina um programa de eliminação de todas as armas nucleares. Para Fernando Henrique, "a paz e a confiança são indispensáveis" para a superação da pobreza e desnutrição nos países em desenvolvimento. A adesão ao TNP - aprovada no último dia 2 pelo Congresso Nacional - foi assinada na presença do secretário-geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, em viagem oficial de quatro dias ao Brasil.

"Não queremos a bomba atômica", afirmou o presidente. "Ela só seria causa para a tensão e desconfianças em nossa região e inviabilizaria o processo de integração que estamos crescentemente aprofundando para o bem-estar de nossos po-

vos", argumentou. "Em vez de gastar escassos recursos em projetos de armas que não tem justificativa de nenhum ponto de vista, estamos investindo na estabilidade, no desenvolvimento, na redução das disparidades sociais e regionais."

Fernando Henrique condenou os testes nucleares realizados recentemente no Sul da Ásia. Para o presidente, a força das nações não deve ser medida pelo potencial de armas nucleares que elas possuem. Ele argumentou que, nos dias de hoje, o que conta para a inserção de forma positiva e influente no cenário internacional é a capacidade do País em competir no campo econômico e garantir a coesão social e o caráter democrático de suas instituições.

O presidente também assinou hoje a ratificação do Tratado para a Proibição Completa de Testes Nucleares (CTBT). Ele agradeceu ao Congresso pela aprovação dos

dois tratados e afirmou que a adesão aos acordos confere todas as credenciais possíveis na área de não-proliferação. Para o presidente, isto permitirá a consolidação de medidas internas e externas, "inclusive em parceria com a nossa vizinha Argentina", país com o qual já possuiu - desde 1991 - acordo para uso pacífico da energia nuclear.

O tratado de não-proliferação nuclear está em vigor desde 1970 e conta hoje com a assinatura de 185 países. O Brasil demorou a aderir ao tratado porque entendia que ele dava tratamento diferenciado às nações. "Ele proibia a proliferação de armas, mas não obrigava as grandes nações - que já possuíam armas nucleares - a reduzir seus arsenais", explicou um diplomata. Em 1988, a Constituição Federal proibiu a utilização da energia nuclear, exceto para fins pacíficos.

O Brasil defende o acordo de

proibição completa de testes nucleares desde 1962 e, ao lado de outros 127 países, apoiou a apresentação dele à Assembléia Geral da ONU. O texto foi aprovado em 1996, com o voto favorável de 158 países. O Brasil foi o décimo quinto país a ratificar - assinar, depois de obter a aprovação parlamentar - o tratado.

A intenção do CTBT é banir os testes nucleares em todos os tipos de ambientes: na atmosfera, sob a água e sob o solo. Haverá um sistema de monitoramento internacional que conta com uma rede de 321 estações divididas em quatro tipos, de acordo com a tecnologia empregada: sismológicas, de radionídeos, hidroacústicas e de infrassom. "Ver o presidente assinar estes acordos foi um momento de inspiração para mim", afirmou o secretário Annan. "A adesão do Brasil aos acordos é um presente para o mundo e para as próximas gerações."



Fernando Henrique Cardoso.



RECORTES

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL

Veículo JORNAL DE LIMEIRA - LIMEIRA

Data: 14.07.98

Seção: ...

Página

CAPA

ONU critica desigualdades

O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, criticou, ontem, em Brasília, a conjuntura do País. Annan destacou os avanços do Plano Real, mas alertou: "Apesar do real, vocês também reconhecem que desigualdades dolorosas permanecem". Segundo ele, a estabilização da economia foi

conquista importante. "No entanto, as favelas que eu vi no Rio de Janeiro, há dois dias, poderiam perfeitamente estar em um outro País", emendou o secretário-geral da ONU. "Os meninos de rua não sabem nada sobre os arranha-céus reluzentes, onde enormes fortunas são geradas todos os dias.



Cliente ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
Veículo A GAZETA - CUIABÁ
Data: 14.07.98
Seção: POLÍTICA Página 4A

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

PAZ

Presidente sugere à ONU fim das armas nucleares

O Brasil foi o décimo quinto país a assinar o Tratado de Não-proliferação de Armas Nucleares

Isabel Braga

Brasília

O presidente Fernando Henrique Cardoso propôs ontem, após assinar a adesão ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que a comunidade internacional defina um programa de eliminação de todas as armas nucleares. Para Fernando Henrique, "a paz e a confiança são indispensáveis" para a superação da pobreza e desnutrição nos países em desenvolvimento. A adesão ao TNP - aprovada no último dia 2 pelo Congresso Nacional - foi assinada na presença do secretário-geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, em viagem oficial de quatro dias ao Brasil.

"Não queremos a bomba atômica", afirmou o presidente. "Ela só seria causa para a tensão e desconfianças em nossa região e inviabilizaria o processo de integração que estamos crescentemente aprofundando para o bem-estar de nossos povos", argumentou. "Em vez de gastar escassos

recursos em projetos de armas que não tem justificativa de nenhum ponto de vista, estamos investindo na estabilidade, no desenvolvimento, na redução das disparidades sociais e regionais."

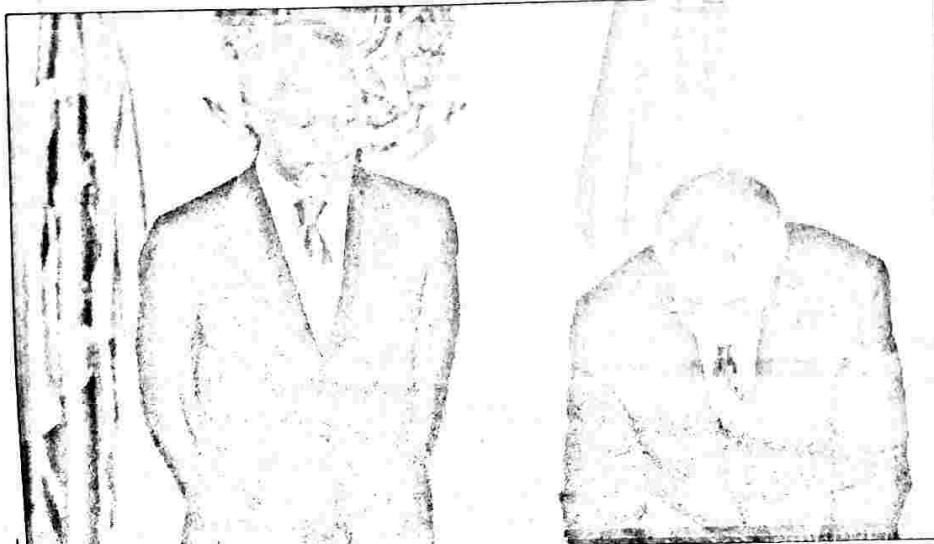
Fernando Henrique condenou os testes nucleares realizados recentemente no Sul da Ásia. Para o presidente, a força das nações não deve ser medida pelo potencial de armas nucleares que elas possuem. Ele argumentou que, nos dias de hoje, o que conta para a inserção de forma positiva e influente no cenário internacional é a capacidade do País em competir no campo econômico e garantir a coesão social e o caráter democrático de suas instituições.

O presidente também assinou ontem a ratificação do Tratado para a Proibição Completa de Testes Nucleares (CTBT). Ele agradeceu ao Congresso pela aprovação dos dois tratados e afirmou que a adesão aos acordos confere todas as credenciais possíveis na área de não-proliferação. Para o presidente, isto permitirá a consoli-

dação de medidas internas e externas. "inclusive em parceria com a nossa vizinha Argentina", país com o qual já possuiu - desde 1991 - acordo para uso pacífico da energia nuclear.

O tratado de não-proliferação nuclear está em vigor desde 1970 e conta hoje com a assinatura de 185 países. O Brasil demorou a aderir ao tratado porque entendia que ele dava tratamento diferenciado às nações. "Ele proibia a proliferação de armas, mas não obrigava as grandes nações - que já possuíam armas nucleares - a reduzir seus arsenais", explicou um diplomata. Em 1988, a Constituição Federal proibiu a utilização da energia nuclear, exceto para fins pacíficos.

O Brasil defende o acordo de proibição completa de testes nucleares desde 1962 e, ao lado de outros 127 países, apoiou a apresentação dele à Assembleia Geral da ONU. O texto foi aprovado em 1996, com o voto favorável de 158 países. O Brasil foi o décimo quinto país a assinar o tratado.



Annan evita falar sobre a campanha

Isabel Braga
Brasília

O secretário-geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, afirmou ontem que o Conselho de Segurança da entidade precisa ser reformado para "estar em sintonia com as realidades políticas e econômicas de nossos dias. Apesar de esta ser uma questão para os Estados-Membros decidirem, permitam-me dizer que há um consenso de que a atual configuração do Conselho reflete o mundo de 1945, não o de hoje". Annan não apoiou diretamente a candidatura do Brasil a uma vaga permanente no Conselho de Segurança.



Cliente: ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL
 Veículo: CORREIO POPULAR - CAMPINAS
 Data: 14.07.98
 Seção: BRASIL Página 10

Rua Traipu, 221 - CEP 01235-000 - São Paulo - SP
 Tels.: 3667-7532 - 3666-8147 - Fax: 826-3713

FHC propõe eliminação de armas nucleares

DE BRASÍLIA

O presidente Fernando Henrique Cardoso propôs ontem, após assinar a adesão ao Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que a comunidade internacional defina um programa de eliminação de todas as armas nucleares. Para Fernando Henrique, "a paz e a confiança são indispensáveis" para a superação da pobreza e da desnutrição nos países em desenvolvimento.

Pedido foi feito ao secretário-geral da ONU, Kofi Annan, após assinatura de adesão ao Tratado de Não-Proliferação Nuclear

tário-geral das Organizações das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, em viagem oficial de quatro dias ao Brasil.

"Não queremos a bomba atômica", afirmou o presidente. "Ela só seria causa para a tensão e desconfianças em nossa região e inviabilizaria o processo de integração que estamos crescentemente aprofundando para o bem-estar de nossos povos", argumentou. "Em vez de gastar escassos recursos em projetos de armas que não tem justificativa de nenhum ponto de vista, estamos investindo na estabilidade, no desenvolvimento, na redução das disparidades sociais e regionais."

Fernando Henrique con-

denou os testes nucleares realizados recentemente no Sul da Ásia. Para o presidente, a força das nações não deve ser medida pelo potencial de armas nucleares que elas possuem. Ele argumentou que, nos dias de hoje, o que conta para a inserção de forma positiva e influente no cenário internacional é a capacidade do País em competir no campo econômico e garantir a coesão social e o caráter democrático de suas instituições.

O presidente também assinou ontem a ratificação do Tratado para a Proibição Completa de Testes Nucleares (CTBT). Ele agradeceu ao Congresso pela aprovação dos dois tratados e afirmou que a adesão aos acordos confere todas as credenciais possíveis na área de não-proliferação.

O tratado de não-proliferação nuclear está em vigor desde 1970 e conta hoje com a assinatura de 185 países. O Brasil demorou a aderir ao tratado porque entendia que ele dava tratamento diferenciado às nações. "Ele proibia a proliferação de armas, mas não obrigava as grandes nações - que já possuíam armas nucleares - a reduzir seus arsenais" explicou um diplomata.

Em 1988, a Constituição Federal proibiu a utilização da energia nuclear, exceto para fins pacíficos. O Brasil defende o acordo de proibição completa de testes nucleares desde 1962 e, ao lado de outros 127 países, apoiou a apresentação dele à Assembleia Geral da ONU. O texto foi aprovado em 1996, com o voto favorável de 158 países.



Kofi Annan e FHC após assinatura do acordo: críticas e elogios

Kofi Annan fala hoje a empresários em São Paulo

ROGÉRIO VERZIGNASSE

O secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, fala hoje a empresários brasileiros no Parlatino (Parlamento Latino-Americano), instalado no Memorial da América Latina, em São Paulo, sobre a necessidade da mobilização da sociedade civil em iniciativas que permitam o desenvolvimento econômico e a justiça social em todos os países do mundo. "É imperativo surgir um novo tipo de atitude com relação à paz e à segurança", defende Annan.

A visita de Annan ao Brasil marca também a instalação, no país, da Associação das Nações Unidas-Brasil (Anubra). Associações do gênero, presentes em 80 países de todo o mundo, têm o compromisso de promover a aproximação entre a ONU e a sociedade civil. A entidade brasileira, presidida pelo empresário Mário Garnero, tem



Sylvino de Godoy Neto: estratégias de intercâmbio de tecnologia

entre seus conselheiros o presidente da Rede Anhangüera de Comunicação (publicadora dos jornais Correio Popular e Diário do Povo), jornalista Sylvino de Godoy Neto.

"A Anubra tem o propó-

sito inicial de estreitar as relações entre as lideranças empresariais do Brasil e do Exterior, traçando uma estratégia de intercâmbio de tecnologia e facilitando o acesso de pequenas e médias empresas brasileiras aos

programas de desenvolvimento oferecidos pela ONU", afirma Godoy Neto.

Nos Estados Unidos, a entidade similar conta com um orçamento anual de US\$ 4,5 milhões, decorrente da adesão de 300 empresas e 35 mil pessoas associadas, em todo o país.

CONSELHO DE NOTÁVEIS

Também fazem parte do conselho da Anubra algumas das principais lideranças políticas, intelectuais e empresariais brasileiras, como André Franco Montoro, Abram Szajman, Alexandre Gracene Bartelle, Henry Sobel, Michel Temer, Romeu Tuma e Maurílio Ferreira Lima, dentre outros. Também integram o conselho e a diretoria da Associação, como o ex-reitor da Unicamp, Carlos Vogt, e o professor Geraldo Lasbat Cavagnari, do Núcleo de Estudos Estratégicos da Unicamp.

Desigualdade social é criticada

BRASÍLIA — O secretário-geral da ONU (Organização das Nações Unidas), Kofi Annan, disse ontem na frente do presidente Fernando Henrique Cardoso que o Brasil "deu um salto extraordinário" ao fazer o Plano Real e reduzir "drasticamente a inflação", mas chamou de "dolorosas" as desigualdades sociais que o país ainda mantém.

Ao caracterizar essas desigualdades sociais, Annan citou as favelas que viu no Rio, os meninos de rua e as regiões do Nordeste que se parecem com as "partes mais pobres da África". O secretário-geral da ONU analisou o Brasil durante a aula magna que deu no auditório do Itamaraty.

Além de FHC, estavam presentes os ministros Luiz Felipe Lampreia (Relações Exteriores) e Ronaldo Sardeberg (Assuntos Estratégicos), o governador do DF, Cristovam Buarque, Ru-

bens Ricupero, secretário-geral da Unetad (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento), o embaixador dos EUA, Melyn Levitsky, e dezenas de diplomatas das embaixadas credenciadas em Brasília.

Ha duas semanas, FHC anunciou que o país havia ingressado no grupo de países com "alto desenvolvimento humano", definido por um índice calculado pela ONU, o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). O presidente havia recebido os dados da ONU, que só fará a divulgação oficial em 9 de setembro.

A entidade foi surpreendida pelo anúncio precipitado de FHC. Ontem, Annan lembrou o tamanho "contingencial" do Brasil e a contrição do país para os processos de paz em Angola e na fronteira entre Peru e Equador — dois conflitos ainda sem solução final.

DIPLOMACIA

Annan defende globalização baseada na lei

Secretário-geral da ONU diz que benefícios do processo não podem ser reservados para poucos

KÁSSIA CALDEIRA

O secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, disse ontem, na sua passagem por São Paulo, que um dos maiores desafios no limiar do novo milênio é assegurar uma economia internacional aberta e baseada na lei. Na sua palestra na instalação da Associação das Nações Unidas-Brasil, em parceria com o Fórum das Américas, no Parlatino, Annan disse a empresários, políticos e integrantes de organizações não-governamentais (ONGs) que "os mercados são globais enquanto os governos permanecem locais".

No seu discurso, o secretário-geral afirmou que as economias nacionais estão tornando-se mais e mais interdependentes. "Nossa escolha hoje é entre consistência regulatória e caos e entre estender os benefícios da globalização e reservá-los para somente poucos". Segundo ele, as Nações Unidas têm um interesse veemente em assegurar que os mercados permaneçam abertos e o engajamento global prevaleça sobre uma orientação intimista.

Annan fez elogios à classe empresarial, porque produzem empregos, riqueza e prosperidade, e disse aos empresários paulistas que "a ONU não é mais prisioneira de ideologias conflitantes". Ele também voltou a promover São Paulo. "Se fosse um país, seria a 20.ª maior economia do mundo."



Annan: elogios à primeira-dama e defesa das ONGs na ONU

No começo da palestra, Annan, no entanto, concentrou os seus elogios à primeira-dama, Ruth Cardoso. Para ele, a mulher do presidente Fernando Henrique Cardoso, coordenadora do Comunidade Solidária, demonstrou em conferência na Unesco compreender bem que uma sociedade civil forte promove cidadania responsável. "Ela discorreu sobre o papel singular que o setor não-governamental, não lucrativo, pode desempenhar como agente de mudança e como parceiro no desenvolvimento." O secretário-geral também é defensor da participação das ONGs e da sociedade civil no trabalho da ONU.

Do Parlatino, onde foi recebido

pelo empresário Mário Garneiro, presidente da associação das Nações Unidas-Brasil – essas associações já existem em 80 países e ocupam-se de aproximar a ONU e a sociedade civil –, Annan foi para o Palácio dos Bandeirantes. O secretário-geral e sua comitiva almoçaram com o governador em exercício, Geraldo Alckmin, de quem recebeu as boas-vindas. Annan explicou que soube da diversidade da sociedade antes de chegar ao País e, descontraído, brincou que o Brasil tem uma cadeira permanente na Copa do Mundo. Ele agradeceu o anfitrião com uma frase em português. As 15h30, ele embarcou para o Uruguai.